

Universidades Lusíada

Abreu, Marta Gomes de

Casas de veraneio : o caso do Pinhal de Ofir

<http://hdl.handle.net/11067/8205>

Metadados

Data de Publicação

2024

Resumo

A presente dissertação centra-se na análise das casas de veraneio que compõem o plano urbanístico do pinhal de Ofir, decorrentes de um período áureo da arquitetura da habitação do século XX e de toda uma sociedade privilegiada que contava com o arquiteto autor para desenhar a sua casa de veraneio. O plano de Ofir, desenhado por José Miranda de Vasconcelos em 1946, integrado no Parque Natural do Litoral Norte, inserido na união de freguesias da Apúlia e Fão, a sul do concelho de Esposende, é rode...

The focus of this research is analysing the summer houses that make up the urban plan for the Ofir pine forest. Resulting from a golden period of 20th century residential architecture, they are a notable representation of a privileged society that relied on the architect to design their summer houses. The Ofir plan, designed by José Miranda de Vasconcelos in 1946, is part of the Northern Littoral Natural Park, located within the union of the parishes of Apúlia and Fão, south of Esposende municip...

Palavras Chave

Arquitectos portugueses, Casa de Férias

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

no

Coleções

[ULF-FAA] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-29T22:00:01Z com informação proveniente do Repositório



Orientadora: Professora Doutora Maria Tavares

CASAS DE VERANEIO: O CASO DO PINHAL DE OFIR

CASAS DE VERANEIO
O CASO DO PINHAL DE OFIR

Marta Gomes de Abreu



Dissertação para obtenção do grau de mestre em Arquitectura
pela Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão

FAA - Faculdade de Arquitectura e Artes

Novembro de 2024

Marta Gomes de Abreu

2023
2024



UNIVERSIDADE LUSÍADA
VILA NOVA DE FAMALICÃO

**CASAS DE VERANEIO
O CASO DO PINHAL DE OFIR**

Marta Gomes de Abreu

Orientação científica: Professora Doutora Maria Tavares

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Aviso legal

O conteúdo desta tese reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta tese pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela. Ao entregar esta tese, o/a autor(a) declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção referências. O autor, declara, ainda, que não divulga na presente tese quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Declaração sob compromisso de honra

(Artigo 6.º, n.º 2 das Normas e orientações para a submissão de trabalhos académicos na plataforma Urkund para deteção de similaridade e plágio)

Eu, abaixo-assinado, tenho consciência de que a prática de plágio consiste numa forma de violação da integridade académica, constituindo um crime punível por lei com relevância nos regimes disciplinar, civil e criminal.

Nesse sentido, declaro por minha honra que a dissertação apresentada é original e que todas as fontes, incluindo as da minha autoria, estão devidamente identificadas e referenciadas.

Vila Nova de Famalicão, 20 de Novembro de 2024

O (A) Estudante

Marta Gomes de Abreu

Agradecimentos

Gostaria de deixar o meu agradecimento a todos os que participaram na realização desta dissertação, de forma direta ou indireta.

Gostaria de expressar a minha gratidão e reconhecimento aos professores da Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão, em especial à Professora Doutora Maria Tavares pela orientação, incentivo, acompanhamento e pela partilha de tantos conhecimentos que foram fundamentais para esta investigação.

Ao Sr. Fernando Vilar e família pelos inúmeros documentos e imagens que partilharam, e que ajudaram a construir a linha condutora desta investigação. Ao Arquivo e Biblioteca Municipal de Esposende por toda a disponibilidade e documentação fornecida.

Não posso deixar de agradecer aos meus pais e amigos, que tornaram possível este percurso académico, através de compreensão e muita motivação. Em especial ao meu pai, por todo o apoio e dedicação.

O meu muito obrigado a todos.

*“A casa de veraneio ou de fim-de-semana, destinada a estadias curtas, diferencia-se da vivenda urbana por não ser uma residência permanente, apresentando um programa mais simples e tendo como objetivo principal a integração na natureza, valorizando o sentido do lugar, o *genius loci*. (...) Procurava-se redescobrir um intimismo vivencial que a arquitetura funcionalista desconsiderara e uma integração com o local com valor de naturalidade...”*

(TOSTÕES, 1997: 66)

Resumo

A presente dissertação centra-se na análise das casas de veraneio que compõem o plano urbanístico do pinhal de Ofir, decorrentes de um período áureo da arquitetura da habitação do século XX e de toda uma sociedade privilegiada que contava com o arquiteto autor para desenhar a sua casa de veraneio.

O plano de Ofir, desenhado por José Miranda de Vasconcelos em 1946, integrado no Parque Natural do Litoral Norte, inserido na união de freguesias da Apúlia e Fão, a sul do concelho de Esposende, é rodeado pelo rio Cávado e pelo oceano Atlântico. Esta é uma área de paisagem protegida, privilegiada, onde a praia desfruta dos rochedos que na maré baixa emergem no mar, e pelo pinhal, uma das maiores manchas verdes do litoral minhoto. Na área em análise foi possível obter um planeamento controlado, com uma única rutura intensa originada por 3 torres, construídas na década de 70 do século XX, junto à praia. A grande mancha verde inserida entre o mar, o rio e a rua de acesso ao Hotel de Ofir, permitiu um controlo urbanístico, com as casas integradas num profundo diálogo com a natureza e o pinhal, que nos interesse analisar.

Após um levantamento intenso no Arquivo Municipal de Esposende, onde tivemos acesso aos processos de obra cronologicamente organizados, conseguimos montar uma linha condutora da construção destas casas, de iniciativa privada e de programas pouco extensos, se considerarmos a sua relação com a prática da vilegiatura. Centramo-nos entre os anos de 1940 e 1980, procurando entender as formas de crescimento deste território através da construção das casas e dos seus autores, arquitetos com uma prática regular no país e provenientes de uma geração marcada pela procura de uma nova autenticidade da arquitetura moderna, não indiferente ao conjunto que agora se analisa. Assim, os estudos e projetos dos vários arquitetos do tempo considerado, conjugam a modernidade com os materiais locais, a natureza e a relação de um habitar diferenciado entre a cidade e o veraneio, reduzindo, simplificando e concentrando o programa doméstico.

Palavras-chave

Ofir; Vilegiatura; Casas de veraneio; Arquitetos portugueses; Arquitetura século XX.

Abstract

The focus of this research is analysing the summer houses that make up the urban plan for the Ofir pine forest. Resulting from a golden period of 20th century residential architecture, they are a notable representation of a privileged society that relied on the architect to design their summer houses.

The Ofir plan, designed by José Miranda de Vasconcelos in 1946, is part of the Northern Littoral Natural Park, located within the union of the parishes of Apúlia and Fão, south of Esposende municipality. It is bordered by the Cávado River and the Atlantic Ocean. This protected and privileged landscape features a beach enriched by rocky formations that emerge at low tide and a pine forest, one of the largest green expanses on the Minho coast.

The area under analysis achieved controlled urban planning, disrupted only by the construction of three high-rise towers near the beach in the 1970s. The extensive green zone nestled between the sea, the river, and the access road to the Ofir Hotel allowed for urbanistic control, with houses deeply integrated into a dialogue with nature and the pine forest, a relationship we seek to examine.

Through intensive research conducted at the Esposende Municipal Archive, where we accessed chronologically organized construction records, we were able to trace the development of these privately initiated houses, which featured modest programs in keeping with the practice of leisure living. We focus on the period between the 1940s and the 1980s, seeking to understand the growth of this territory through the construction of these houses and the work of their authors—architects with a regular practice in Portugal, belonging to a generation marked by the pursuit of a new authenticity in modern architecture, which resonates in the ensemble under study. Thus, the studies and projects of various architects from the period combine modernity with local materials, nature, and a differentiated approach to living between urban and summer settings, reducing, simplifying, and condensing the domestic program.

Keywords

Ofir; Leisure living; Summer houses; Portuguese architects; 20th-century architecture.

Lista de imagens

- Fig. 1 | Hotel de Ofir (Fonte: Coleção particular de Fernando Vilar)
- Fig. 2 | Praia de Ofir (Fonte: Coleção particular de Fernando Vilar)
- Fig. 3 | Plano Parcial de Urbanização da Praia de Fão, 1946 (Fonte: Direção-Geral do Território)
- Fig. 4 | Anteprojeto do plano de Urbanização da Praia de Moledo do Minho, Arquiteto David Moreira da Silva, 1942 (Fonte: Livro “Planos de Urbanização A Época de Duarte Pacheco” de 1995)
- Fig. 5 | Anteplano de Urbanização de S. Pedro de Moel, Arquiteto José de Lima Franco, 1946 (Fonte: Arquivo Municipal da Marinha Grande)
- Fig. 6 | Apartamentos Gémeos (Fonte: Coleção particular de Fernando Vilar)
- Fig. 7 | Casa Felisberto Cardoso (Fonte: Revista “Arquitetura” nº33-34 de 1950)
- Fig. 8 | Casa de Ofir (Fonte: Coleção particular de Fernando Vilar)
- Fig. 9 | Mapa dos núcleos residenciais balneares de férias (Fonte: Geoportal)
- Fig. 10 | Mapa do núcleo residencial balnear de férias de Moledo (Fonte: Geoportal)
- Fig. 11 | Mapa do núcleo residencial balnear de férias de Ofir (Fonte: Geoportal)
- Fig. 12 | Mapa do núcleo residencial balnear de férias de Rodízio (Fonte: Geoportal)
- Fig. 13 | Mapa do núcleo residencial balnear de férias de São Pedro de Moel (Fonte: Geoportal)
- Fig. 14 | Hotel do Pinhal (Fonte: Coleção particular de Fernando Vilar)
- Fig. 15 | Ofir (Fonte: Google Earth)
- Fig. 16 | Planta de zonamento, 1984 (Fonte: Câmara Municipal de Esposende)
- Fig. 17 | Planta de Zonamento e Rede Viária Principal, 1967 (Fonte: Câmara Municipal de Esposende)
- Fig. 18 | Plano Geral de Urbanização da Zona litoral a sul do Rio Cávado, 1973 (Fonte: Direção-Geral do Território)
- Fig. 19 | Plano Parcial de Urbanização da Praia de Fão, 1946 (Fonte: Direção-Geral do Território)
- Fig. 20 | Plano Parcial de Urbanização da Praia de Fão, 1946 (Fonte: Direção-Geral do Território) (continuação)
- Fig. 21 | Plano Parcial de Urbanização da Restinga de Fão-Ofir, 1974 (Fonte: Direção-Geral do Território)
- Legenda: A- Conjunto hoteleiro; B- Habitações em desenvolvimento vertical e instalações comerciais e recreativas; C- Habitações em desenvolvimento horizontal; D- Vivendas
- Fig. 22 | Plano Parcial de Urbanização da Restinga de Fão-Ofir, 1974 (Fonte: Direção-Geral do Território) (continuação)
- Legenda: A- Conjunto hoteleiro; B- Habitações em desenvolvimento vertical e instalações comerciais e recreativas; C- Habitações em desenvolvimento horizontal; D- Vivendas
- Fig. 23 | Uma casa no pinhal (Fonte: Coleção particular de Fernando Vilar)
- Fig. 24 | Planta do Plano Diretor Municipal (Fonte: Câmara Municipal de Esposende) (editada pela autora)
- Fig. 25 | Casa Silva Pereira (Fonte: Revista “Arquitetura” nº33-34 de 1950)
- Fig. 26 | Casa Silva Pereira (Fonte: Revista “Arquitetura” nº33-34 de 1950)
- Fig. 27 | Casa Silva Pereira - Planta do rés-do-chão (Fonte: Revista “Arquitetura” nº33-34 de 1950)
- Fig. 28 | Casa Silva Pereira - Planta do 1º andar (Fonte: Revista “Arquitetura” nº33-34 de 1950)
- Fig. 29 | Casa Silva Pereira - Alçado noroeste (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 26/46)
- Fig. 30 | Casa Silva Pereira - Alçado sudoeste (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 26/46)
- Fig. 31 | Casa Silva Pereira - Alçado nordeste (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 26/46)
- Fig. 32 | Casa Silva Pereira (Fonte: Fotografia da autora, 2024)
- Fig. 33 | Casa Silva Pereira (Fonte: Fotografia da autora, 2024)
- Fig. 34 | Casa Marília Eliza de Jesus (Fonte: Coleção particular de Fernando Vilar)
- Fig. 35 | Casa Marília Eliza de Jesus (Fonte: Coleção particular de Fernando Vilar)
- Fig. 36 | Casa Marília Eliza de Jesus - Planta do rés-do-chão (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 32/46)

Fig. 37 | Casa Marília Eliza de Jesus - Alçado noroeste (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 32/46)

Fig. 38 | Casa Marília Eliza de Jesus - Alçado sudeste (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 32/46)

Fig. 39 | Casa Marília Eliza de Jesus - Alçado nordeste (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 32/46)

Fig. 40 | Casa Marília Eliza de Jesus - Alçado sudoeste (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 32/46)

Fig. 41 | Casa Marília Eliza de Jesus (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 42 | Casa Marília Eliza de Jesus (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 43 | Casa Pinto de Sá (Fonte: Coleção particular de Fernando Vilar)

Fig. 44 | Casa Pinto de Sá (Fonte: Coleção particular de Fernando Vilar)

Fig. 45 | Casa Pinto de Sá - Planta do piso superior (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 34/46)

Fig. 46 | Casa Pinto de Sá - Planta do rés-do-chão (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 34/46)

Fig. 47 | Casa Pinto de Sá - Alçado da frente (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 34/46)

Fig. 48 | Casa Pinto de Sá - Alçado lateral (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 34/46)

Fig. 49 | Casa Pinto de Sá (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 50 | Casa Pinto de Sá (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 51 | Casa Artur Aires (Fonte: Revista “Arquitetura” nº33-34 de 1950)

Fig. 52 | Casa Artur Aires (Fonte: Revista “Arquitetura” nº33-34 de 1950)

Fig. 53 | Casa Artur Aires - Planta do rés-do-chão (Fonte: Revista “Arquitetura” nº33-34 de 1950)

Fig. 54 | Casa Artur Aires - Planta do andar (Fonte: Revista “Arquitetura” nº33-34 de 1950)

Fig. 55 | Casa Artur Aires - Alçado nascente (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 55/46)

Fig. 56 | Casa Artur Aires - Alçado sul (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 55/46)

Fig. 57 | Casa Artur Aires (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 58 | Casa Artur Aires (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 59 | Apartamentos Silva Pereira (Fonte: Revista “Arquitetura” nº33-34 de 1950)

Fig. 60 | Apartamentos Silva Pereira (Fonte: Revista “Arquitetura” nº33-34 de 1950)

Fig. 61 | Apartamentos Silva Pereira (Fonte: Revista “Arquitetura” nº33-34 de 1950)

Fig. 62 | Apartamentos Silva Pereira (Fonte: Revista “Arquitetura” nº33-34 de 1950)

Fig. 63 | Apartamentos Silva Pereira - Planta do rés-do-chão (Fonte: Revista “Arquitetura” nº33-34 de 1950)

Fig. 64 | Apartamentos Silva Pereira - Planta do andar (Fonte: Revista “Arquitetura” nº33-34 de 1950)

Fig. 65 | Apartamentos Silva Pereira - Alçados (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 26/46)

Fig. 66 | Apartamentos Silva Pereira - Alçados (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 26/46)

Fig. 67 | Apartamentos Silva Pereira (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 68 | Apartamentos Silva Pereira (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 69 | Casa Felisberto Cardoso (Fonte: Revista “Arquitetura” nº33-34 de 1950)

Fig. 70 | Casa Felisberto Cardoso (Fonte: Revista “Arquitetura” nº33-34 de 1950)

Fig. 71 | Casa Felisberto Cardoso - Planta (Fonte: Revista “Arquitetura” nº33-34 de 1950)

Fig. 72 | Casa Felisberto Cardoso - Corte (Fonte: Revista “Arquitetura” nº33-34 de 1950)

Fig. 73 | Casa Felisberto Cardoso - Alçado Norte (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 74/46)

Fig. 74 | Casa Felisberto Cardoso - Alçado Sul (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 74/46)

Fig. 75 | Casa Felisberto Cardoso - Alçado Poente (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 74/46)

Fig. 76 | Casa Felisberto Cardoso (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 77 | Casa Felisberto Cardoso (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 78 | Casa Ribeiro da Silva (Fonte: Livro “Fernando Távora” da coleção Arquitetos Portugueses de 2011)

Fig. 79 | Casa Ribeiro da Silva (Fonte: Livro “Fernando Távora” da coleção Arquitetos Portugueses de 2011)

Fig. 80 | Casa Ribeiro da Silva - Planta (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 134/56)

Fig. 81 | Casa Ribeiro da Silva - Alçados (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 134/56)

Fig. 82 | Casa Ribeiro da Silva (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 83 | Casa Ribeiro da Silva (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 84 | Casa José Ribera - Axonometria (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 27/61)

Fig. 85 | Casa José Ribera - Planta do primeiro piso (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 27/61)

Fig. 86 | Casa José Ribera - Planta do rés-do-chão (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 27/61)

Fig. 87 | Casa José Ribera - Planta da cave (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 27/61)

Fig. 88 | Casa José Ribera - Alçado Norte (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 27/61)

Fig. 89 | Casa José Ribera - Alçado Sul (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 27/61)

Fig. 90 | Casa José Ribera (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 91 | Casa José Ribera (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 92 | Casa Marília Rodrigues - Planta (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 531/61)

Fig. 93 | Casa Marília Rodrigues - Alçado Poente e Nascente (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 531/61)

Fig. 94 | Casa Marília Rodrigues - Alçado Norte e Sul (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 531/61)

Fig. 95 | Casa Marília Rodrigues (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 96 | Casa Marília Rodrigues (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 97 | Casa Rocha Gonçalves - Planta do rés-do-chão (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 15/64)

Fig. 98 | Casa Rocha Gonçalves - Planta da cave (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 15/64)

Fig. 99 | Casa Rocha Gonçalves - Alçado Sul e Norte (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 15/64)

Fig. 100 | Casa Rocha Gonçalves - Alçado Poente e Nascente (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 15/64)

Fig. 101 | Casa Rocha Gonçalves (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 102 | Casa Rocha Gonçalves (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 103 | Casa José Ferreira de Magalhães - Planta do primeiro piso (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 403/67)

Fig. 104 | Casa José Ferreira de Magalhães - Planta do rés-do-chão (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 403/67)

Fig. 105 | Casa José Ferreira de Magalhães - Alçado Poente e Norte (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 403/67)

Fig. 106 | Casa José Ferreira de Magalhães - Alçado Sul e Nascente (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 403/67)

Fig. 107 | José Ferreira de Magalhães (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 108 | José Ferreira de Magalhães (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 109 | Casa Ramiro Gonçalves - Planta do rés-do-chão e da cave (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 420/70)

Fig. 110 | Casa Ramiro Gonçalves - Alçados Nascente e Poente (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 420/70)

Fig. 111 | Casa Ramiro Gonçalves - Alçados Norte e Sul (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 420/70)

Fig. 112 | Casa Ramiro Gonçalves (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 113 | Casa Ramiro Gonçalves (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 114 | Casa Martins da Costa - Planta da cave (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 267/72)

Fig. 115 | Casa Martins da Costa - Planta do rés-do-chão (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 267/72)

Fig. 116 | Casa Martins da Costa - Alçado Nascente (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 267/72)

Fig. 117 | Casa Martins da Costa - Alçado Poente (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 267/72)

Fig. 118 | Casa Martins da Costa - Alçado Norte (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 267/72)

Fig. 119 | Casa Martins da Costa - Alçado Sul (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 267/72)

Fig. 120 | Casa Martins da Costa (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 121 | Casa Martins da Costa (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 122 | Casa Pinto de Sousa (Fonte: Livro “Alcino Soutinho” da coleção Arquitetos Portugueses de 2011)

Fig. 123 | Casa Pinto de Sousa (Fonte: Livro “Alcino Soutinho” da coleção Arquitetos Portugueses de 2011)

Fig. 124 | Casa Pinto de Sousa - Plantas (Fonte: Livro “Alcino Soutinho” da coleção Arquitetos Portugueses de 2011)

Fig. 125 | Casa Pinto de Sousa - Alçados (Fonte: Livro “Alcino Soutinho” da coleção Arquitetos Portugueses de 2011)

Fig. 126 | Casa Pinto de Sousa (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 127 | Casa Pinto de Sousa (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Fig. 128 | Estalagem do Rio (Fonte: Coleção particular de Fernando Vilar)

Índice

01. Premissas da Investigação

_Introdução ao tema, objeto, objetivos e metodologia	17
_Vilegiatura e Casas de Veraneio	20

02. Núcleos Residenciais Balneares em Portugal

_Os quatro núcleos	25
_Mapa dos núcleos	31

03. Ofir

_Leitura de um contexto privilegiado	35
_O Plano Urbanístico de Ofir	37

04. Do Plano à Arquitetura das Casas

_As Casas	47
_Dos anos de 1940 a 1980 Casas(os) em evidência	51
Anos de 1940	
- Casa Silva Pereira, Arquiteto Alfredo Ângelo de Magalhães, 1946	54
- Casa Marília Eliza de Jesus, Arquiteto Alfredo Ângelo de Magalhães, 1946	62
- Casa Pinto de Sá, Arquiteto Alfredo Ângelo de Magalhães, 1946	70
- Casa Artur Aires, Arquiteto Alfredo Ângelo de Magalhães, 1946	78
- Apartamentos Gémeos, Arquiteto Alfredo Ângelo de Magalhães, 1946	86
- Casa Felisberto Cardoso, Arquiteto Rogério Martins e João Andersen, 1946	94
Anos de 1950	
- Casa Ribeiro da Silva, Arquiteto Fernando Távora, 1956	102
- Casa José Ribera, Arquitetos Silva Neves e António Bandeira, 1957	110
Anos de 1960	
- Casa Marília Rodrigues, Arquiteto Júlio de Oliveira, 1961	116
- Casa Rocha Gonçalves, Arquiteto Viana de Lima, 1964	122
- Casa José Ferreira de Magalhães, Arquiteto João Almeida Camacho, 1966	128
Anos de 1970	
- Casa Ramiro Gonçalves, Arquiteto António Lobão Vital, 1970	134
- Casa Martins da Costa, Arquiteto Ferreira de Oliveira, 1972	140

Anos de 1980	
- Casa Pinto de Sousa, Arquiteto Alcino Soutinho, 1984	146
_Leitura final	153
05. Considerações finais	155
Referências bibliográficas	159

04. Premissas da Investigação



Fig. 1 | Hotel de Ofir (Fonte: Coleção particular de Fernando Vilar)

Introdução ao tema, objeto, objetivos e metodologia

O tema da presente dissertação parte de um interesse pessoal, despertado pelo facto de convivermos de perto com o objeto de estudo de forma regular, permitindo partilhar e contribuir para as vivências e identidade para o qual o mesmo foi construído.

Concentramo-nos nas **casas de veraneio que compõem o plano urbanístico do pinhal de Ofir**, constituindo-se como **objeto de estudo**. O plano, integrado no Parque Natural do Litoral Norte, inserido na união de freguesias de Apúlia e Fão, a sul do concelho de Esposende, é rodeado pelo rio Cávado e pelo oceano Atlântico. Esta é uma área de paisagem protegida, privilegiada, onde a praia desfruta dos rochedos que na maré baixa emergem no mar, e que pelo seu formato são popularmente designados de cavalos de Fão, onde a área imediatamente após a zona dunar, para Este, está ocupada por um extenso pinhal, plantado no início do século XX. O pinhal de Ofir é uma das maiores manchas verdes do litoral minhoto, e estas são povoadas por pinheiros-bravos com acácias invasoras.

Na área em análise foi possível obter um planeamento controlado, com uma única rutura intensa originada por três torres¹, construídas na década de 70 do século XX, junto à praia. A grande mancha verde inserida entre o mar, o rio Cávado e a rua de acesso ao Hotel de Ofir, permitiu um controlo urbanístico, com as casas integradas num profundo diálogo com a natureza e o pinhal.

O pinhal de Ofir é muito conhecido e regularmente procurado por pessoas provenientes de muitas partes do país, com uma incidência regular a partir dos anos de 1940 para a prática da vilegiatura marítima. A união entre o pinhal, mar e rio foi o culminar de experiências variadas, potencializando uma região rica em diversas atividades e formas de passar o tempo. A sua situação geográfica transportava para um lugar de repouso, tendo sido este o motivo para que empreendedores quisessem investir em Ofir. Tal facto originou que a área do pinhal fosse objeto de estudo urbanístico a partir de 1946, característico das zonas ligadas com a prática de vilegiatura.

¹ As três torres estão localizadas na praia de Ofir, que lhes concede o seu nome. Foram construídas por uma empresa de Barcelos e licenciadas em 1972, tendo sido desde então alvo de grande controvérsia e discussão devido a questões ambientais e de segurança. Estas prendem-se no facto de terem sido construídas em cima de dunas e, por isso, constantemente ameaçadas pelo perigo da erosão costeira.

As casas de veraneio, predominantemente dos anos de 1940 e 1950 e próprias desta zona, acompanham a ideia de rutura do quotidiano. O ambiente da casa contrasta com o desenho frequente, aproximando o habitante a novas experiências que o mundo urbano está desprovido, nomeadamente a aproximação à natureza e libertando o habitante de todos os compromissos, privilegiando o lazer e as práticas balneares.

Estas casas, situam-se na zona mais interior da restinga, próxima do rio Cávado, embora não possua relação direta com o mesmo. Encontram-se, assim, numa zona de grande interesse ecológico, de elevada fragilidade, o que justifica a integração em Reserva Ecológica Nacional (REN), e classificada como zona ameaçada por cheias. Adicionalmente integra-se no Parque Natural do Litoral Norte, assim como na zona especial de conservação, demonstrando o elevado interesse ecológico e biológico do local.

A investigação tem como principal **objetivo** refletir sobre a arquitetura das casas de veraneio do pinhal de Ofir, construídas a partir da década de 40 do século XX para uma elite privilegiada. O arco temporal da investigação situa-se, assim, entre os anos de 1940 e os de 1980. A primeira data, como veremos posteriormente, é justificada pela intensa construção em Ofir, começando o plano a ganhar forma, e a última, pelo projeto do arquiteto Alcino Soutinho.

Pretendemos entender como estas pequenas habitações destinadas a estadias sazonais, se diferenciam das casas urbanas, mas partindo dos princípios de desenho das mesmas. Verifica-se que há uma simplificação do programa doméstico, privilegiando-se a integração com a natureza, valorizando-a, conforme exploraremos no decorrer deste trabalho.

Interessa-nos, também, entender através da análise do plano urbanístico e do seu desenvolvimento ao longo dos anos, que houve um crescimento planeado, sendo o resultado nos dias de hoje, de uma área pensada, preservada, controlada e mantida como uma referência no litoral norte.

A metodologia de investigação baseou-se, numa primeira fase, numa análise crítica e reflexiva de bibliografia publicada sobre o tema, assim como outras fontes relevantes, compondo um quadro referencial teórico tanto sobre as Casas de Veraneio numa perspetiva global, como o caso de Ofir.

Em paralelo, desenvolveu-se um inventário de casas projetadas e construídas para o plano do pinhal de Ofir, tendo por bases as fontes primárias, recorrendo a diferentes processos pertencentes ao Arquivo Municipal de Esposende, assim como ao trabalho de campo para um levantamento atualizado e comparativo. Conseguimos recolher processos de obra com as peças desenhadas, fotos de época e textos justificativos, que se revelaram essenciais para construir a linha condutora da narrativa desta investigação. Para complementar este levantamento, dado que nem todas as casas tinham registo similar, conseguimos, através de alguns dos moradores, mais fotos da época de construção. A escolha das obras foi decidida pela relevância das mesmas no que respeita ao seu programa funcional, interessando-nos convocar casos diferenciados, e que, cumulativamente, ajudaram a construir o núcleo mais denso do plano. Mais se acrescenta que o acesso aos processos de obra foi relevante para algumas das escolhas. Paralelamente construímos um inventário das diferentes casas estudadas, para que fosse possível construir fichas de identificação de cada uma.

Tendo por base esta metodologia, o trabalho encontra-se organizado em cinco partes sendo a primeira a introdução, onde optamos por apresentar, de forma ampla, os conceitos de Vilegiatura e Casas de Veraneio. Parte-se, assim, para a narrativa com uma visão contextualizada dos dois termos que nos acompanharão ao longo de todo o trabalho.

Surge, posteriormente, o capítulo que apresenta os 4 Núcleos Balneares do País, mapeando-os e estabelecendo uma breve análise de cada um, face à temática.

O capítulo que se segue foca-se em Ofir, apresentando de forma sistematizada o Plano Urbanístico no contexto de um lugar privilegiado, enfatizando-o.

Por último e indo do geral para o particular, concentramo-nos nas casas, na sua arquitetura e nos seus arquitetos. Obras de autor, como veremos, configuram-se como casas e casos de estudo que, juntas(os), elevam o panorama da história da arquitetura da habitação de veraneio em Portugal. Cada casa origina uma ficha, para se poder apresentar em conformidade e analisar as características de cada uma.

Uma síntese conclusiva remata todo o trabalho, proporcionando uma leitura enriquecedora e informada sobre o processo de consolidação do Plano Urbanístico do pinhal de Ofir, assim como o importante papel do arquiteto/autor neste meio privilegiado.

Vilegiatura e Casas de Veraneio

A expressão **vilegiatura** tem origem no italiano *villeggiatura*, derivado de *villeggiare*, que significa passar férias no campo, e *villa*, que se refere a uma casa de campo. Este conceito não é recente, podendo ser considerado tão antigo quanto a civilização romana. A prática de passar temporadas fora do local habitual de residência foi vista como um método terapêutico desde cedo, tornando-se uma tendência de elites em pleno século XX.

O ato de *vilegiaturar* envolve deslocar-se da residência principal, das atividades habituais e das rotinas, em qualquer época do ano, mantendo a sua relevância. Este movimento possui um caráter terapêutico, permitindo às pessoas relaxar da pressão diária. O termo não especifica um tipo particular de local, como praia, campo ou montanha, pois depende das preferências individuais. Existem diferentes tipos de vilegiatura, e cada um oferece uma variedade única de experiências.

O termo vilegiatura ganhou destaque durante o período contemporâneo, apesar de ser conhecido desde tempos antigos. As elites britânicas foram grandes promotoras da sua divulgação, apresentando os vários tipos de vilegiatura, como nas praias, termas e montanhas.

Entre os diferentes tipos de vilegiatura, a marítima é a mais procurada, principalmente porque a comunidade médica recomenda os banhos de mar por motivos terapêuticos. As áreas inicialmente escolhidas para estas práticas, que tinham uma baixa taxa de população, tiveram de se expandir para acomodar o aumento de visitantes. Com isso, novas estâncias foram equipadas para oferecer cultura e lazer. Através de planos urbanísticos, essas estâncias foram ampliadas mantendo as suas características principais. Na Europa, surgiram locais destinados à vilegiatura perto das grandes cidades, como por exemplo Bath, Brighton e Bournemouth em Inglaterra, Nice e Biarritz em França.

Portugal, aproveitando também a sua extensa costa, desenvolveu essas zonas que já eram populares para férias. Na região de Esposende, surgiu uma nova estância relacionada com o mar e o rio, localizada em Ofir.

Ofir tinha boas condições para a prática balnear, atraindo visitantes de cidades próximas como Braga, Barcelos, Guimarães e Porto. Em Ofir, era possível conciliar o contato direto com o campo e a praia. Um dos grandes atrativos da zona era o pinhal, que proporcionava uma fuga

da vida quotidiana. Assim, as pessoas começaram a investir em segundas residências para escapar da rotina.

Situada na zona costeira de Portugal, entre Viana do Castelo (a norte) e Póvoa de Varzim (a sul), Ofir tem uma forte ligação com a água, uma vez que a cidade se orienta para este elemento natural. A região de Ofir é marcada pelo encontro do rio Cávado com o mar, o que reforça a presença da água na área. Tanto a cidade quanto a localidade de Ofir são caracterizadas por um ambiente tranquilo, ideal para quem procura descanso. A grande procura pela região e o desenvolvimento dos acessos permitiram o crescimento desta área.

Como veremos, mesmo antes dos anos 1960, Ofir já era um local de lazer escolhido pela burguesia do norte do país. Muitas pessoas construíam segundas residências ali como um refúgio da vida agitada nas cidades: as casas de veraneio.

A expressão **veraneio** tem um significado parecido com o de *vilegiatura*, mas é usada apenas para se referir à estação do verão, tornando incorreto o seu uso noutros contextos. Nos dicionários consultados, a definição é bastante concisa: *ato de veraneiar, de passar as férias de verão em lugar aprazível, distinto daquele em que se reside*².

O movimento de ir em vilegiatura exige que o destino escolhido esteja preparado para receber-nos, nomeadamente com uma habitação ou algum espaço de abrigo. Esta habitação pode ser uma propriedade da família, de amigos ou até mesmo alugada. Neste sentido, é necessário refletir sobre o conceito de segunda habitação: uma residência pessoal para estadias esporádicas, geralmente para lazer. Reforça-se este conceito com a existência de uma outra residência, considerada a principal, onde se reside durante todo o ano.

As casas de veraneio procuram promover uma rutura com o quotidiano. O ambiente destas casas contrasta com o habitual, proporcionando novas experiências que não estão presentes no mundo urbano. A proximidade com a natureza é o que mais se destaca, libertando o habitante dos compromissos diários e permitindo-lhe dedicar-se ao lazer.

Estas casas criam um ambiente que rompe com o que atualmente nos prende à vida quotidiana, possibilitando uma maior interação com a natureza. Muitas vezes, eram objeto de maior cuidado estético e investimento financeiro, considerando a habitação na cidade como uma necessidade,

² Infopédia – Dicionários Porto Editora.

onde, na maior parte dos casos, não existe a possibilidade de uma grande aplicação financeira, nem dum uso prazeroso da mesma.

As intervenções arquitetónicas em casas de veraneio refletem preocupações paisagísticas e práticas, com um enfoque na integração com a natureza, contrastando com a habitação urbana do dia-a-dia. O resultado é frequentemente mais natural, onde a simplicidade é uma mais-valia, com a utilização de materiais da região e interação com o ambiente, como vegetação, rios e mares, ao contrário dos elementos desnecessários que caracterizam as casas urbanas.

Ana Tostões defende que,

“A casa de veraneio mais generalizada pelo território e sobretudo pela costa caracteriza-se com efeito pela adoção mais epidérmica dos modelos internacionais, sobretudo dos divulgados pela via da moderna arquitetura brasileira. Do Algarve a Aveiro, passando pela Costa da Caparica, são exemplos de carácter mais pequeno-burguês na linguagem brasileira os mais divulgados. As exceções, pela mestria da espacialidade e pelas propostas de depuramento dos volumes, contam-se entre as obras algarvias de Manuel Maria Laginha ou do portuense Gomes da Costa.” (TOSTÕES, 1997: 67).

Não se concentra especificamente no caso de Ofir, mas conseguimos rever os mesmos princípios, nomeadamente na mestria da espacialidade, pela simplificação do programa, como veremos.

02. Núcleos Residenciais Balneares em Portugal



Fig. 2 | Praia de Ofir (Fonte: Coleção particular de Fernando Vilar)

Os quatro núcleos

Da investigação feita, tendo por base bibliografia sobre o tema, concluímos que existem quatro núcleos residenciais balneares em Portugal: Moledo do Minho (1941), Ofir (1946), São Pedro de Moel (1947) e Rodízio (Bairro dos Arquitetos) em Sintra. O Rodízio é o único núcleo de que não temos conhecimento de plano de urbanização, mas, segundo Ana Tostões,

“Nos anos 40, baseado no fenómeno de procura de um género de portuguesismo para a casa de fim-de-semana, o Bairro dos Arquitectos no Rodízio-Colares constituiu uma das mais interessantes manifestações arquitectónicas na procura desse modelo de casa mínima como novidade programática, quando já se havia perdido o sentido da grande casa de veraneio, herdeira romântica do chalet fim de século.” (TOSTÕES, 1997: 66).

Verifica-se um vasto investimento de diferentes gerações de arquitetos nesta zona balnear, como resposta a uma elite burguesa com desejo de desfrutar de uma casa de veraneio, enfatizando, como afirma João Cardim, *“(...) o seu estatuto social e poder económico”*. (CARDIM, 2025: 43).

Estes quatro núcleos apresentam características bastante distintas. Destacam-se pelos seus enquadramentos paisagísticos únicos, localizados entre o mar e o pinhal, oferecendo uma harmonia entre a natureza e o espaço construído. O traçado urbano reflete ideais de urbanização que valorizam uma ocupação do solo de baixa densidade, garantindo uma integração cuidadosa entre as construções e a envolvente natural. Além disso, há uma concentração incomum de um tipo específico de edificação: a casa unifamiliar de férias. Esta particularidade permite observar, num único local, a evolução da arquitetura portuguesa entre 1945 e 1974, capturando também as transformações sociais e culturais deste período, como a democratização das férias pagas e a adoção de um novo estilo de vida. As casas de veraneio, em especial, funcionaram como um laboratório para a experimentação formal e material, resultando em arquiteturas de exceção.

A ocupação desses espaços é predominantemente sazonal, com uma grande procura durante o verão, contrastando com a sua relativa desertificação no resto do ano. As principais vias dos núcleos balneares apresentavam uma maior concentração de construções (Figuras 3, 4, 5), com ramificações que levavam a caminhos menores, distribuindo as habitações pelo território. Essa implantação livre, sem um ordenamento claro, permitiu que as casas fossem posicionadas de forma a aproveitar melhor a paisagem, transformando-as em elementos únicos. Como resultado

dessa disposição, os espaços naturais ao redor das casas proporcionavam a privacidade desejada pelos moradores.



Fig. 3 | Plano Parcial de Urbanização da Praia de Fão, Arquiteto José Miranda de Vasconcelos, 1946 (Fonte: Direcção-Geral do Território)

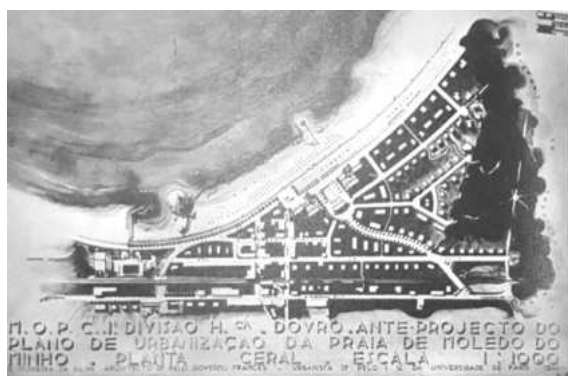


Fig. 4 | Anteprojecto do plano de Urbanização da Praia de Moledo do Minho, Arquiteto David Moreira da Silva, 1942 (Fonte: Livro “Planos de Urbanização A Época de Duarte Pacheco” de 1995)



Fig. 5 | Anteplano de Urbanização de S. Pedro de Moel, Arquiteto José de Lima Franco, 1946 (Fonte: Arquivo Municipal da Marinha Grande)

A utilização das casas de veraneio tem sofrido consideráveis mudanças devido a diversos fatores. A alteração dos hábitos sociais, particularmente em relação ao período de férias, tem impacto na forma como essas propriedades são utilizadas. A estrutura familiar também tem passado por transformações, com famílias de menor dimensão, o que altera a dinâmica de uso dessas casas. Os padrões de trabalho, com a possibilidade de residências permanentes e o trabalho remoto, também influenciam diretamente o uso dessas propriedades. A relação de proximidade entre os antigos e os novos proprietários está a mudar, que também resulta numa diferente abordagem na utilização e gestão das casas de veraneio. Outro ponto relevante é a mudança nas práticas de férias, com novos destinos sendo preferidos em detrimento das casas de veraneio tradicionais. Por fim, a pandemia e o consequente aumento do trabalho em *home office*, reforçaram essas mudanças, transformando a maneira como as casas de veraneio são vistas e utilizadas.

No entanto, continua a haver interesse por parte das estruturas locais e internacionais, em manter a identidade destes planos, valorizando-os. Assim, em 2011, a UNESCO introduz o conceito de *Paisagens Urbanas Históricas Modernas* (*Historic Urban Landscapes* – HUL). Abrange uma visão ampliada das características geográficas e naturais de uma determinada área, bem como o ambiente construído e os seus padrões de uso e organização espacial. Este conceito vai além da simples observação física do local, incluindo também as práticas e valores sociais, culturais e económicos que contribuem para a diversidade e identidade única de cada lugar. A abordagem proposta defende a conservação do património de forma integrada, levando em consideração o desenvolvimento sustentável das cidades. Além disso, o termo “modernas” foi adicionado para destacar a importância de valorizar a produção cultural do século XX, identificando-a como parte do património cultural.

O projeto SHORes - *Seaside Holiday Residential Settlements* - propõe a classificação dos núcleos residenciais balneares de férias localizados em Moledo do Minho, Ofir, São Pedro de Moel e Rodízio como *Paisagens Urbanas Históricas Modernas*. A ideia central é gerar e implementar um regulamento que funcione de forma semelhante ao dos centros históricos tradicionais, servindo como um instrumento eficaz de gestão territorial para os municípios envolvidos. Esse regulamento deverá buscar o equilíbrio entre as medidas de conservação do património e as estratégias de desenvolvimento urbano. Para isso, é essencial considerar a participação ativa dos diferentes atores envolvidos, tanto públicos quanto privados, valorizando o potencial humano e económico que esses núcleos representam.

O desenvolvimento do conjunto balnear em Ofir começou a ganhar importância a partir de 1945, com o contributo do arquiteto Alfredo Ângelo Magalhães³ (1919-1988). Este planeamento foi uma iniciativa totalmente privada, conduzida com grande ânimo, com o propósito de tirar proveito de uma das praias mais belas do país.

Segundo a revista *Arquitetura*, de 1950, a história desta nova área turística começou com a urbanização simples e natural dos terrenos do pinhal e dunas situados entre o rio e o mar. Ao longo do tempo, a antiga e pouco reconhecida praia de Ofir rapidamente se desenvolveu, tornando-se um importante destino turístico com atributos únicos, graças à valorização da área, baseada na construção de habitação e em infraestruturas com um foco turístico, como o restaurante junto à praia (1945) e o hotel, inaugurado em 1948, ambos desenhados por Alfredo Magalhães, que foi responsável por grande parte das edificações que formaram este núcleo.

“A história da nova zona de turismo - OFIR, é simples: Trata-se de uma iniciativa exclusivamente particular, levada a cabo com extraordinário entusiasmo, visando o aproveitamento de uma das melhores praias do País. (...)

OFIR breve deixa de ser uma realização em pequena escala, surgindo de dia para dia novas necessidades, (...). Já então havia sido iniciado o Hotel, que se inaugura em Julho de 1948.”

(Arquitetura 33-34, 1950: 6)

Entre as obras de destaque de Alfredo Ângelo Magalhães está o projeto para os *Apartamentos Gémeos* (1946) (Fig. 6), que funcionavam juntamente com o Hotel de Ofir. É também de destacar uma casa desenhada pelos arquitetos João Andresen⁴ e Rogério Martins⁵, a *Casa Felisberto Cardoso* (1946) (Fig. 7). Apesar de serem construções com custos distintos e influências da arquitetura internacional, ambas utilizam materiais locais numa abordagem moderna, onde se reflete que os rumos para uma arquitetura nova e saudável estão mais relacionados aos critérios escolhidos do

³ Alfredo Ângelo Vidal Coelho de Magalhães nasceu no Porto a 5 de Setembro de 1919. Cursou Arquitetura na Escola de Belas Artes do Porto entre 1938 e 1945. No exercício da atividade de arquiteto transformou o pinhal de Ofir numa estância balnear – o Complexo de Ofir - e riscou o novo Casino de Espinho – Casino Solverde. Projetou moradias e várias instalações industriais e hoteleiras. Faleceu no Porto a 8 de abril de 1988.

⁴ João Henrique de Melo Breyner Andresen nasceu no Porto em 1920. Entre 1939 e 1948 frequentou o curso de Arquitetura na Escola de Belas Artes do Porto. Integrou desde o primeiro momento a corrente do CIAM (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna) e foi um dos fundadores da ODAM (Organização dos Arquitetos Modernos), no Porto. Esta destacada figura da arquitetura portuense e nacional morreu no Porto em 1967. Tinha 46 anos.

⁵ Rogério Buridant de Castro Martins nasceu em 1920. Formou-se em Arquitetura pela EBAL em 1947. Arquiteto que funde a tradição com a modernidade, comprometendo a imagem do objecto visualizado. É considerado como um dos mais destacados arquitetos da segunda metade do século XX. Faleceu em 1997.

que aos materiais empregados. Já numa fase mais avançada deste desenvolvimento, sobressai a casa projetada por Fernando Távora⁶, a conhecida *Casa de Ofir* (1956) (Fig. 8).



Fig. 6 | Apartamentos Gémeos (Fonte: Coleção particular de Fernando Vilar)



Fig. 7 | Casa Felisberto Cardoso (Fonte: Revista *Arquitetura*, nº33-34 de 1950)



Fig. 8 | Casa de Ofir (Fonte: Fotografia de Rui Morais de Sousa, em: Toussaint, M. (1992). *Casa de Férias em Ofir* (M. Dornan, Trans.; L. Trigueiros, Ed. Vol. 3). Editorial Blau, Lda.)

⁶ Fernando Luís Cardoso de Menezes de Távares e Távora nasceu em 1923 no Porto. Soube, como ninguém, fazer a síntese entre a arquitetura tradicional nacional, marcante na sua obra dos anos 50 e 60, e a arquitetura moderna internacional, bem presente nos seus projetos dos anos 80 e 90 do século XX. Faleceu em Matosinhos em 2005. Ficou a obra de um dos maiores vultos da Arquitetura Contemporânea Portuguesa, fundador e mestre da "escola do Porto".



Fig. 9 | Mapa dos núcleos residenciais balneares de férias (Fonte: Geoportal)

03. Ofir



Fig. 14 | Hotel do Pinhal (Fonte: Coleção particular de Fernando Vilar)

Leitura de um contexto privilegiado

“Toda esta atividade ordenada começa a despertar o justificado interesse da gente do Norte, certa de que a antiga e desprezada praia de Ofir em breve se tornaria um centro de turismo com condições excepcionais.

(...), estamos certos que a Praia OFIR não pode, num futuro próximo, deixar de apresentar os magníficos resultados da sua criteriosa urbanização.”

(Arquitetura 33-34, 1950: 6).

Ofir encontra-se na zona sul do concelho de Esposende, uma área que se destaca pela sua localização estratégica entre diversos corpos de água. A leste, Ofir é limitada pelo rio Cávado, cujas águas desaguam na foz, criando uma rica interação entre o rio e o mar. A norte e a oeste, o oceano Atlântico banha a costa, conferindo à região uma forte ligação com o ambiente marítimo.

Integrada na freguesia de Fão, Ofir é amplamente conhecida e procurada por visitantes de várias partes do país. A popularidade da região iniciou o seu crescimento na década de 1940, quando começou a ser promovida como um excelente destino para o turismo marítimo. A combinação única de pinhal, mar e rio oferece uma vasta gama de experiências, atraindo pessoas em busca de lazer e descanso.

A paisagem natural de Ofir, proporciona um ambiente ideal para atividades ao ar livre e desportos aquáticos, com as suas vastas áreas de pinhal e o acesso direto ao oceano e ao rio. Este cenário deslumbrante não só impulsionou o desenvolvimento do turismo, como também despertou o interesse de investidores. Pequenos e grandes empreendedores começaram a ver o potencial da região, levando a investimentos significativos em infraestruturas e serviços.

Com o tempo, Ofir tornou-se objeto de estudos urbanísticos especializados, focados em áreas destinadas ao turismo balnear e de veraneio. Estes estudos visaram otimizar o aproveitamento do espaço e garantir que o crescimento da região fosse compatível com as suas características naturais e com as necessidades dos visitantes. A combinação de beleza natural e uma infraestrutura bem planeada transformou Ofir num destino de férias altamente valorizado, conhecido pela sua capacidade de oferecer tanto tranquilidade como uma vasta gama de atividades recreativas.

A popularidade gradual e a contínua evolução da região têm contribuído para uma maior valorização do património natural e cultural de Ofir, consolidando-a como um dos principais destinos turísticos do norte de Portugal. O equilíbrio entre o desenvolvimento sustentável e a preservação dos recursos naturais continua a ser uma prioridade, assegurando que Ofir conserve a sua atratividade e encanto para futuras gerações de visitantes.



Fig. 15 | Ofir (Fonte: Google Earth)

O Plano Urbanístico de Ofir

O plano urbanístico de Ofir, executado por José Miranda de Vasconcelos em 1946, abrangeu não só a área de Fão, mas também a freguesia de Apúlia, originando uma intervenção de grande importância para a reorganização e desenvolvimento destas regiões. A proposta expandiu o alcance do projeto, incluindo conexões cruciais com Ofir e a travessia do rio Cávado, o que permitiu a integração do plano até ao centro de Esposende.

Com esta ampliação, foi possível determinar uma comunicação eficaz entre as duas freguesias, criando um percurso que respeitava as características naturais da área e valorizava tanto o acesso quanto o ambiente natural. A Câmara Municipal de Esposende desempenhou um papel ativo na implementação do plano, assegurando a preservação das zonas agrícolas, que eram elementares para a economia local, e integrando-as de forma equilibrada com as áreas residenciais.

Nas zonas reservadas a habitação e ao convívio social, as construções foram projetadas para manter a harmonia com o entorno natural, fortalecendo o valor paisagístico da região. O plano priorizou a conservação de elementos naturais como dunas, flora e vegetação de porte elevado, garantindo que estas especificidades fossem incorporadas aos projetos urbanísticos, reduzindo a necessidade de desmatamento durante a construção.

No plano também constava a integração das estruturas já existentes, como o hotel e o restaurante previstos no projeto de 1945, e propunha a construção de novos equipamentos turísticos, incluindo outro hotel. Apesar da previsão de construção de um casino e de instalações desportivas, esses projetos não foram concretizados. Em vez disso, foram planeadas três áreas comerciais para apoiar tanto os turistas, especialmente os banhistas, quanto os habitantes locais.

Diferente de outras estâncias balneares em Portugal, que seguiam o modelo do século XIX com habitações dispersas ao longo da costa, Ofir seguiu os princípios urbanísticos do século XX, buscando uma integração mais coesa e moderna. Contudo, algumas construções, como as três torres, acabaram por se distanciar do contexto paisagístico local, demonstrando uma rutura com a estética tradicional da região.

Antes dos anos de 1960, Ofir já era um destino popular entre a burguesia do norte de Portugal, que construía ali segundas residências como um refúgio da vida urbana. Este destino privilegiado oferecia um escape da rotina das grandes cidades, atraindo pela sua beleza natural e qualidade dos serviços. O plano urbanístico de José Miranda de Vasconcelos, ao combinar modernização e preservação, desempenhou um papel crucial no desenvolvimento de Ofir e das freguesias circundantes, consolidando a região como um importante ponto de turismo e lazer em Portugal.

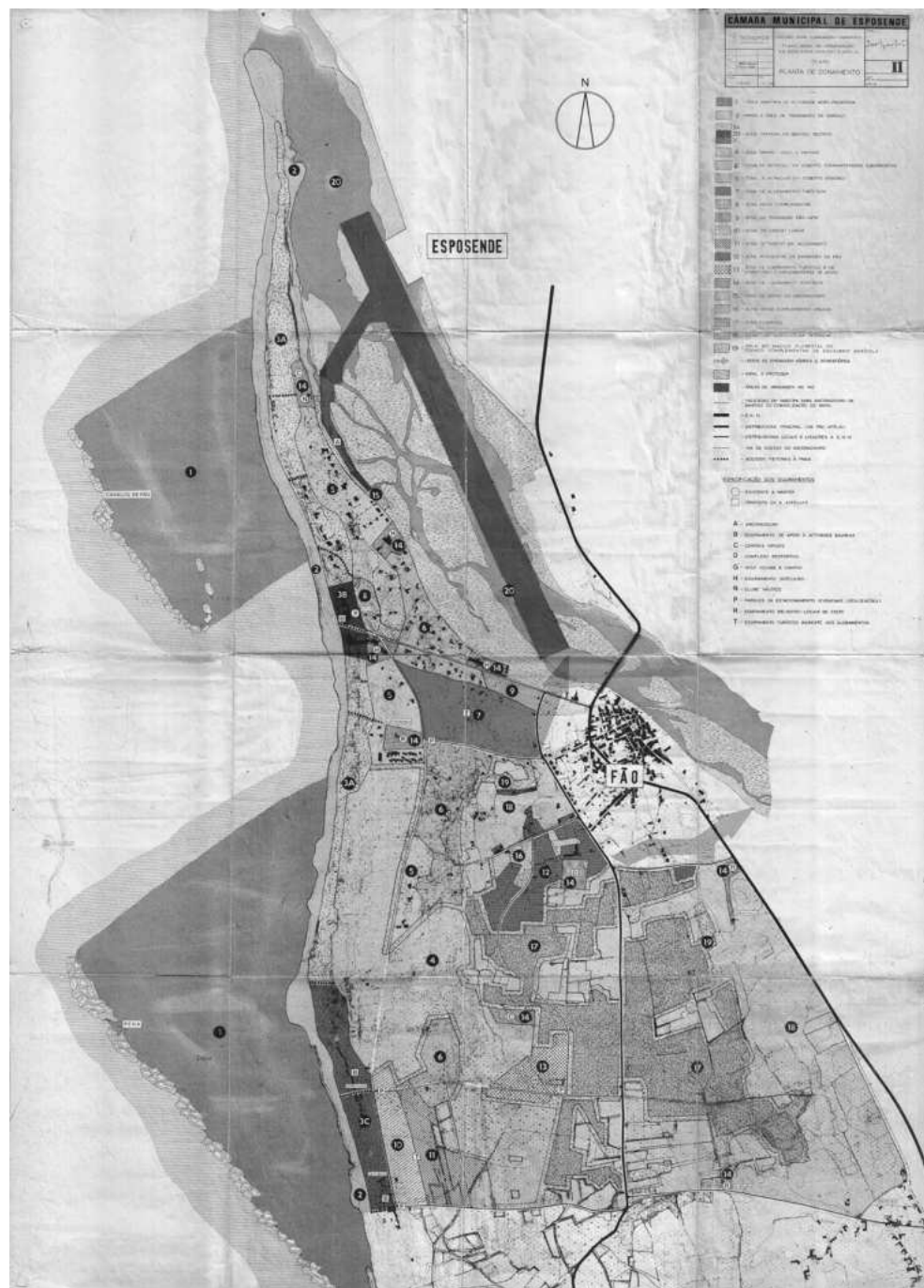


Fig. 16 | Planta de zonamento, 1984 (Fonte: Câmara Municipal de Esposende)

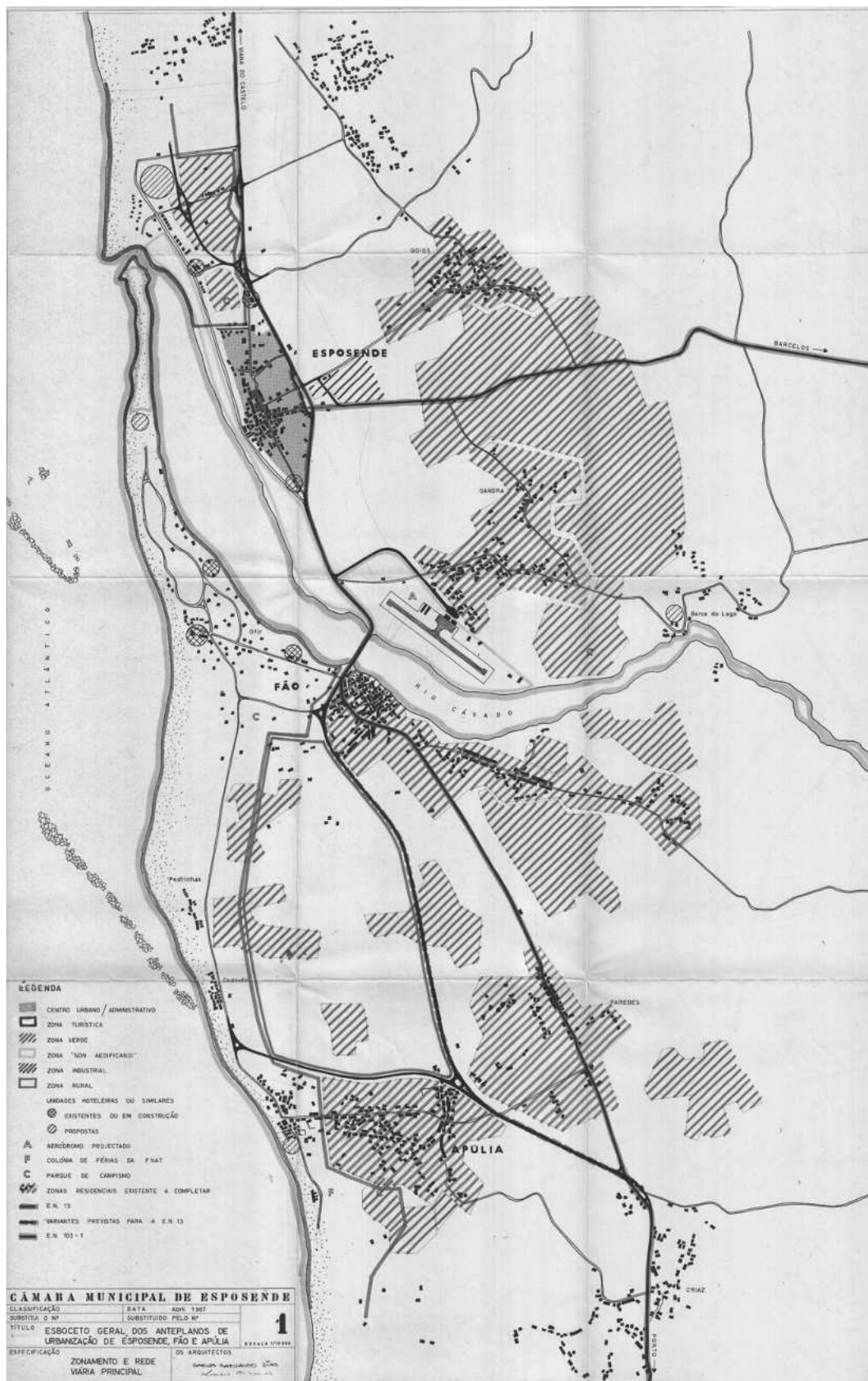


Fig. 17 | Planta de Zonamento e Rede Viária Principal, 1967 (Fonte: Câmara Municipal de Esposende)



Fig. 18 | Plano Geral de Urbanização da Zona litoral a sul do Rio Cávado, 1973 (Fonte: Direção-Geral do Território)



Fig. 19 | Plano Parcial de Urbanização da Praia de Fão, 1946 (Fonte: Direção-geral do Território)



Fig. 20 | Plano Parcial de Urbanização da Praia de Fão, 1946 (Fonte: Direção-geral do Território) (continuação)

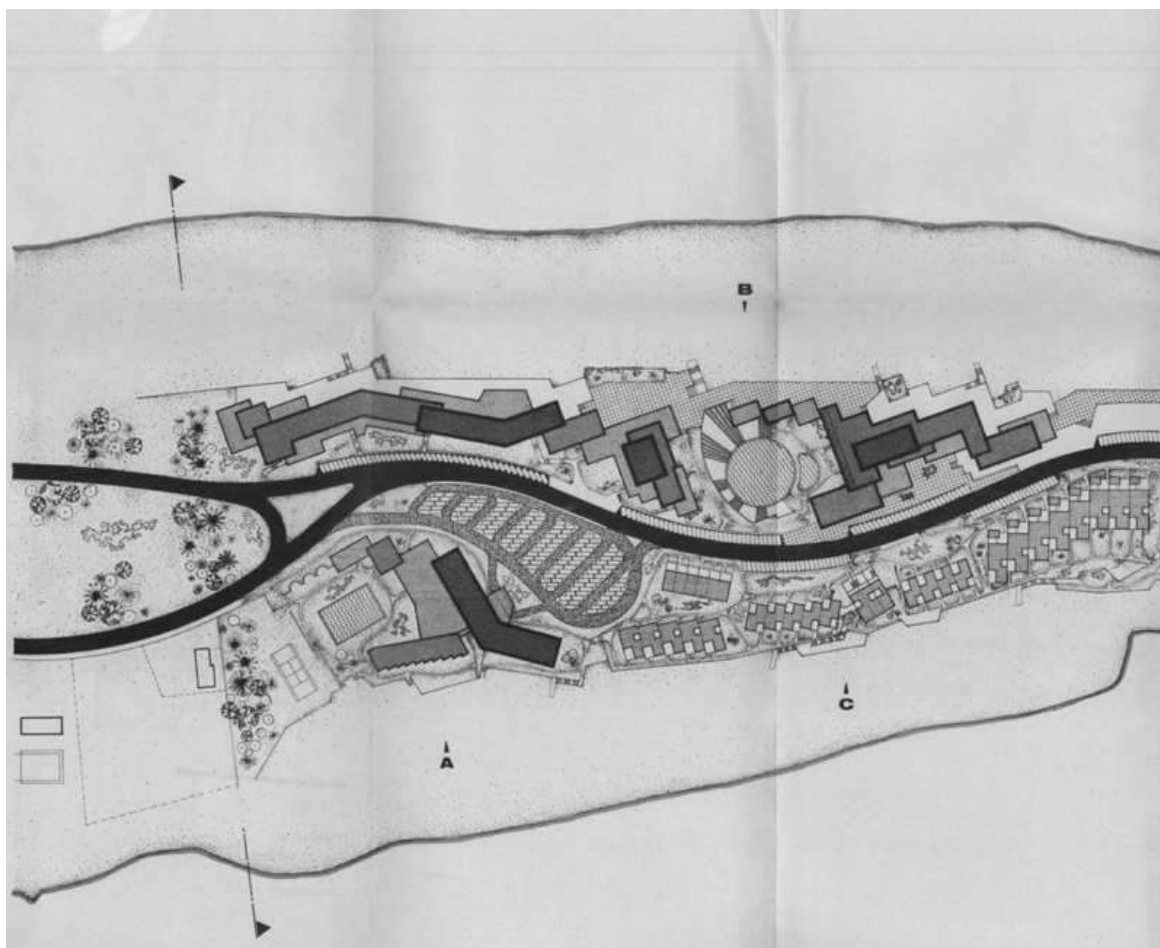


Fig. 21 | Plano Parcial de Urbanização da Restinga de Fão-Ofir, 1974 (Fonte: Direção-Geral do Território)

Legenda: A- Conjunto hoteleiro; B- Habitações em desenvolvimento vertical e instalações comerciais e recreativas; C- Habitações em desenvolvimento horizontal; D- Vivendas

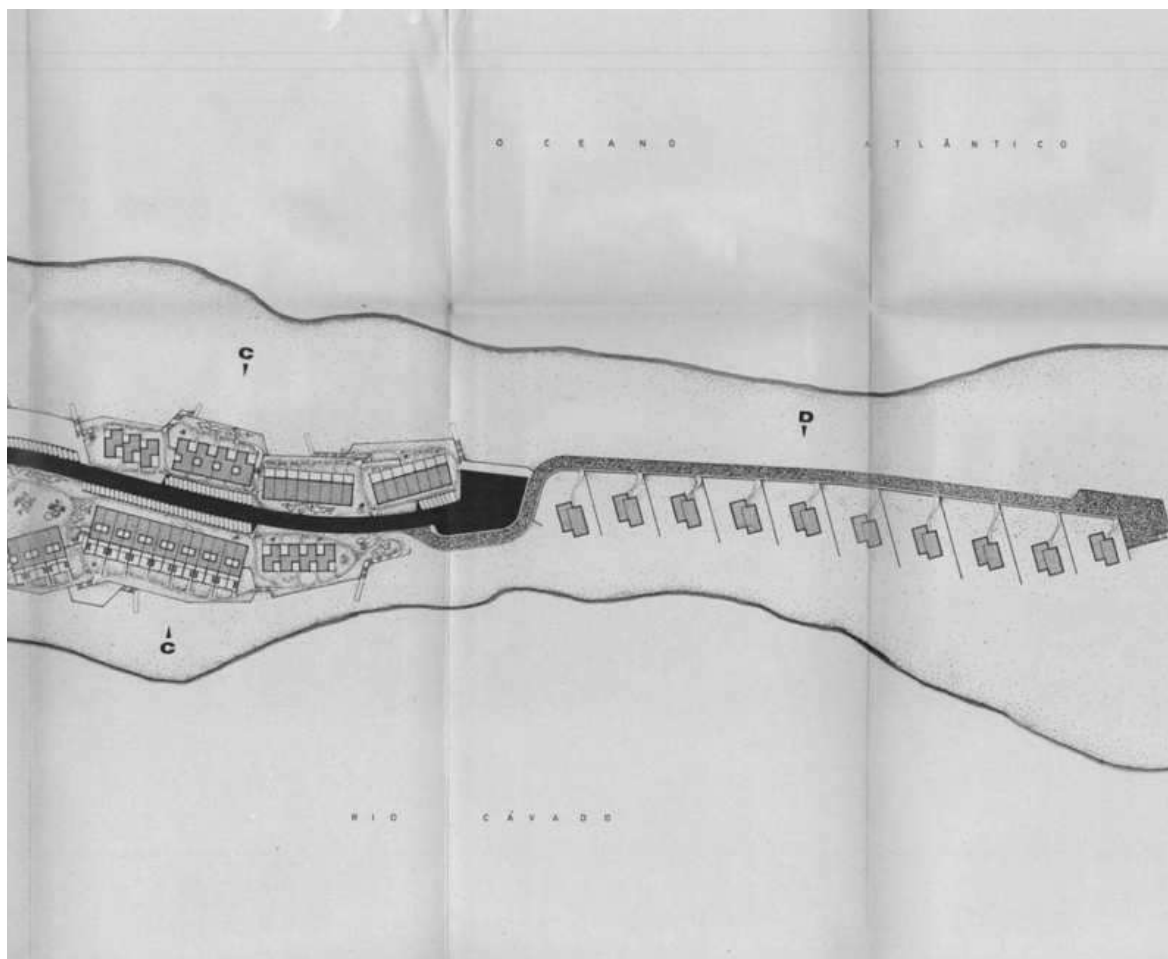


Fig. 22 | Plano Parcial de Urbanização da Restinga de Fão-Ofir, 1974 (Fonte: Direção-Geral do Território)
(continuação)

Legenda: A- Conjunto hoteleiro; B- Habitações em desenvolvimento vertical e instalações comerciais e recreativas; C- Habitações em desenvolvimento horizontal; D- Vivendas

04. Do Plano à Arquitetura das Casas



Fig. 23 | Uma casa no pinhal (Fonte: Coleção particular de Fernando Vilar)

As Casas

Em Ofir foram ocorrendo diversas transformações ao longo das décadas, que acabaram por despertar o interesse de famílias economicamente favorecidas. Estas famílias, compostas essencialmente por membros da classe média-alta, viram em Ofir um local privilegiado para a construção de casas de veraneio, um sinal do seu poder económico e prestígio social. Os proprietários destas residências ocupavam frequentemente cargos de destaque, o que lhes conferia a capacidade financeira, não só para adquirir uma casa de veraneio, mas também para a manter ao longo dos anos, garantindo o seu conforto e luxo.

A urbanização de Ofir resultou na edificação de mais de cem casas de tipologia de veraneio num processo que envolveu um grande número de arquitetos. Entre os profissionais que contribuíram para o desenvolvimento da arquitetura nesta região, destacam-se os nomes de Alfredo Ângelo de Magalhães (1919-1988), Rogério Martins (1920-1997), João Andersen (1920-1967), Fernando Távora (1923-2005), Júlio de Oliveira⁷ (1920-2005), António Bandeira, Márcio de Freitas, Luís Pádua Ramos⁸ (1931-2005), Viana de Lima⁹ (1913-1991), Alcino Soutinho¹⁰ (1930-2013), Noé Diniz, Eduardo Brito, Octávio Lixa Filgueiras¹¹ (1922-1996), Eduardo Iglesias (1926-2014), entre outros. A diversidade de estilos e abordagens arquitetónicas desses profissionais resultou numa paisagem urbana distinta, marcada pela coexistência de distintas expressões e influências arquitetónicas.

⁷ Júlio de Oliveira nasceu em Lisboa, em 1920. Frequentou a Escola de Belas Artes de Lisboa e depois o Porto. Colabora com os Engenheiros Reunidos e várias obras. Em conjunto com o arquiteto Alfredo Magalhães produz um vasto espólio da arquitetura entre os anos 50 e 70 na freguesia de Fão (Ofir). Faleceu em 2008.

⁸ Luís Duarte Pádua Ramos nasceu em Maputo, em Moçambique, em 1931. Em 1949 inscreveu-se na Escola Superior de Belas Artes do Porto. Encetou a carreira de docente do ensino superior, abdicando depois para se aplicar inteiramente à Arquitetura. Em simultâneo com a Arquitetura, interessou-se, também, por Arte em geral. Faleceu em Matosinhos, em 2005.

⁹ Alfredo Evangelista Viana de Lima nasceu em Esposende, em 1913. Em 1929 matriculou-se no curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes do Porto. Membro da Organização dos Arquitetos Modernos (ODAM 1947-1952), sediada no Porto, associou-se, desde 1951, a todos os congressos internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM). Em 1974 ascendeu ao cargo de Professor da ESBAP. Alguns dos seus projetos arquitetónicos são consensualmente considerados como obras fundamentais para a compreensão da Arquitetura Moderna Portuguesa, e, por esse motivo, estão em processo de classificação pelo IPPAR, para sua proteção e salvaguarda. Faleceu no Porto, em 1991.

¹⁰ Alcino Peixoto de Castro Soutinho nasceu em Vila Nova de Gaia, em 1930. Em 1948 ingressou no curso de Escultura da Escola Superior de Belas Artes do Porto. O seu vasto currículo é marcado por diversas experiências profissionais. Lecionou na ESBAP e, depois, na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto entre 1972 e 1999. Era membro da Associação Portuguesa de Designers, do Conselho Científico da Escola Superior de Arte e Design (ESAD). Faleceu no Porto, em 2013.

¹¹ Octávio Lixa Filgueiras nasceu na Foz do Douro, no Porto, a 16 de Agosto de 1922. Em 1942 iniciou o curso de Arquitetura da Escola Superior de Belas Artes do Porto. Em 1962 começou a lecionar na ESBAP. Entre 1978 e 1981 integrou o Gabinete do Secretário de Estado da Cultura. Em 1981 foi destacado para o Centro de História da Universidade do Porto. Faleceu no Porto em 1996.

Entre as muitas construções realizadas em Ofir desde o início dos empreendimentos promovidos pela Sociedade Engenheiros Reunidos, destaca-se o trabalho de António Pereira de Vilar (1916-2001), conhecido localmente como “Pieira”. Era mestre de obras por vocação, e com o apoio de uma vasta equipa de trabalhadores da região assumiu a execução de diversos projetos. Natural de Palmeira de Faro, Vilar fixou-se em Fão e desenvolveu ao longo da sua vida várias obras de relevo, como a colocação de guias na estrada que liga Braga a Guimarães e a construção do cais da Barca do Lago, na freguesia de Gemeses, sob a orientação do engenheiro Manuel Fernandes Ribeiro. A sua ligação a Ofir foi estreitada pelo arquiteto Ângelo de Magalhães, com quem desenvolveu uma forte amizade, resultando na realização de várias construções na região.

O contributo de António Pereira de Vilar para Ofir não se limitou à edificação de infraestruturas públicas. O “Pieira” foi igualmente responsável pela construção de residências privadas e pelo restaurante local, consolidando a sua reputação como um dos principais construtores da zona. Como recompensa pelo seu trabalho, Vilar recebeu dois terrenos, um oferecido por Rodrigo de Carvalho e outro pela Sofir, nos quais construiu duas casas para si próprio. Assim, o seu legado em Ofir não só é visível nas construções que hoje embelezam a paisagem, mas também na memória viva de quem o conheceu e trabalhou com ele.

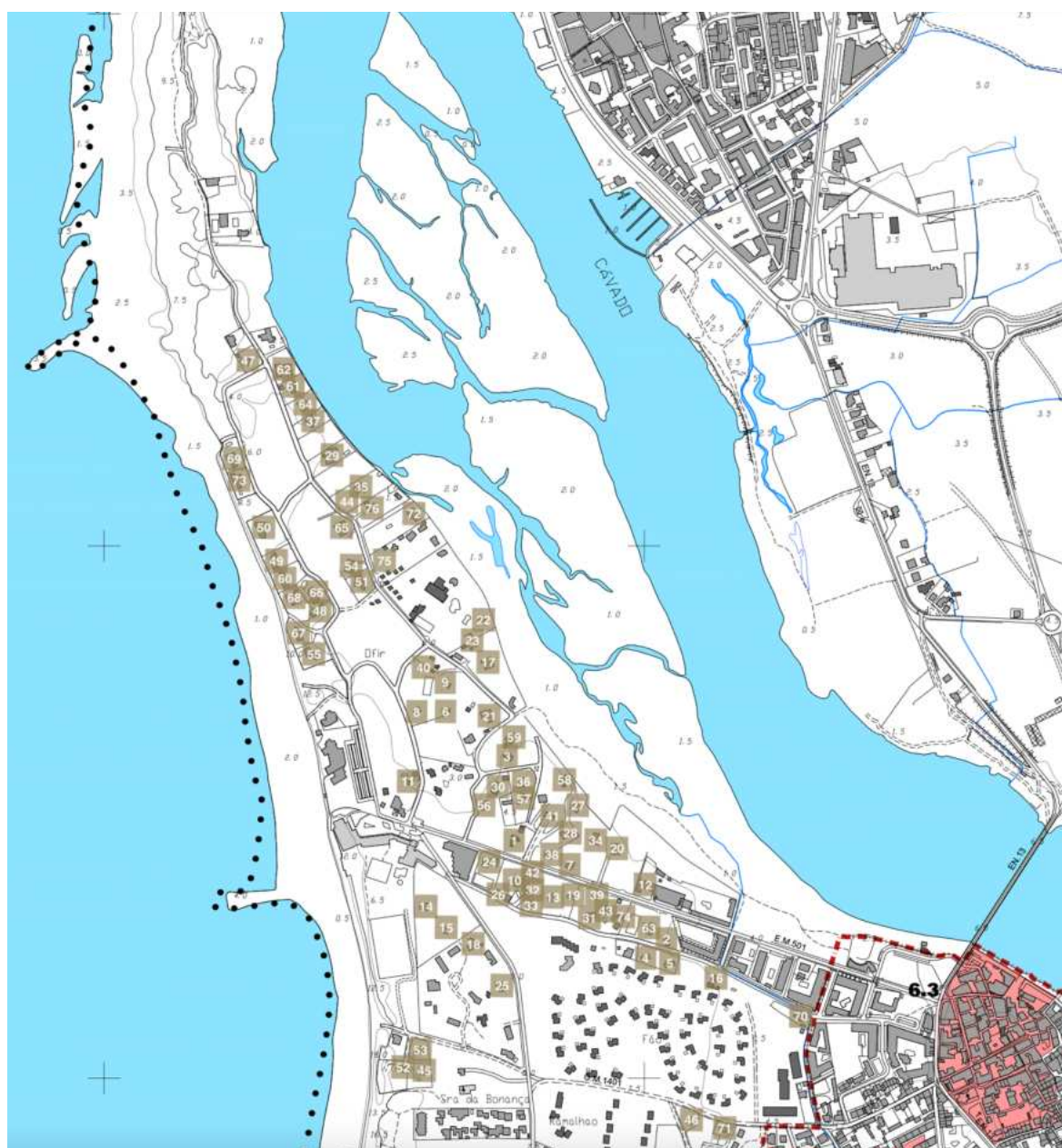


Fig. 24 | Planta do Plano Diretor Municipal (Fonte: Câmara Municipal de Esposende) (editada pela autora)

1. Casa Sousa Martins, Arquiteto Ângelo de Magalhães, 1945
2. Casa Ângelo de Magalhães, Arquiteto Ângelo de Magalhães, 1945
3. Casa Alzira Valgode Lopes, Arquiteto Amoroso Lopes, 1945
4. Casa Lagrifa Mendes, 1945
5. Casa Pinheiro da Costa, 1945
6. Casa Angélica de Almeida, Arquiteto Ângelo de Magalhães, 1946
7. Casa Martinho Faria, Arquiteto J. Madureira, 1946
8. Casa Alves Pereira, Arquiteto Ângelo de Magalhães, 1946
9. Casa Silva Pereira, Arquiteto Ângelo de Magalhães, 1946
10. Casa Marília de Jesus, Arquiteto Ângelo de Magalhães, 1946
11. Casa Pinto de Sá, Arquiteto Ângelo de Magalhães, 1946
12. Casa Cupertino Miranda, Arquiteto Ângelo de Magalhães, 1946
13. Casa Artur Aires, Arquiteto Ângelo de Magalhães, 1946
14. Casa Silva Pereira II, Arquiteto Ângelo de Magalhães, 1946
15. Apartamentos Silva Pereira, Arquiteto Ângelo de Magalhães, 1946

16. Casa Felisberto Cardoso, Arquiteto Rogério Martins e Arq. J. Andersen, 1946
17. Casa Guedes de Queiroz, Arquiteto Ângelo de Magalhães, 1948
18. Casa Rodrigo de Carvalho, Arquiteto Ângelo de Magalhães, 1948
19. Casa Artur Aires II, Arquiteto Ângelo de Magalhães, 1948
20. Casa José Soares, Arquiteto Arménio Losa e Arquiteto Cassiano Barbosa, 1950
21. Casa Ribeiro da Silva, Arquiteto Fernando Távora, 1956
22. Casa Júlio de Oliveira, Arquiteto Júlio de Oliveira, 1956
23. Casa Rodrigues da Cunha, Arquiteto Rogério Alvarez, 1956
24. Casa José Ribera, Arquiteto Silva Neves e Arquiteto António Bandeira, 1957
25. Casa Gaifem Pires, Arquiteto Júlio de Oliveira, 1958
26. Casa Pereira de Vilar, Arquiteto Ângelo de Magalhães, 1958
27. Casa Alberto Pimenta, Arquiteto António Bandeira, 1958
28. Casa Alberto Pimenta II, Arquiteto António Bandeira, 1958
29. Casa José Barbot, Arquiteto António Bandeira, 1959
30. Casa Bessa Ribas, Júlio Anciães, 1959
31. Casa Gil da Silva, Arquiteto António Bandeira, 1960
32. Casa Márcio de Freitas, Arquiteto Márcio de Freitas, 1960
33. Casa Guedes Cardoso, Arquiteto Márcio de Freitas, 1960
34. Casa Henry Boissel, Arquiteto Sequeira Braga, 1960
35. Casa Reis Morais, Arquiteto Júlio de Oliveira, 1961
36. Casa Max Schwair, Arquiteto Márcio de Freitas, 1961
37. Casa Emile Henry, Arquiteto Viana de Lima, 1961
38. Casa Alberto Pimenta III, Arquiteto António Bandeira, 1961
39. Casa Maria Emília Figueiredo, Arquiteto Mário Ferreira Abreu, 1961
40. Casa Marília Rodrigues, Arquiteto Júlio de Oliveira, 1961
41. Casa Alberto Pimenta IV, Arquiteto António Bandeira, 1962
42. Casa Silva Barbosa, Arquiteto Márcio de Freitas, 1962
43. Casa Rita Magalhães, Arquiteto António Bandeira, 1962
44. Casa Laura Oliveira, Arquiteto Júlio de Oliveira, 1962
45. Casa Miranda de Vasconcelos, Arquiteto Carlos Victor Moreira Paes, 1963
46. Casa Santos Silva, 1963
47. Casa Teófilo Guimarães, Arquiteto Viana de Lima, 1963
48. Casa Rocha Gonçalves, Arquiteto Viana de Lima, 1964
49. Casa Maria José de Oliveira, Arquiteto Júlio de Oliveira, 1964
50. Casa Pimenta Machado, Arquiteto Júlio de Oliveira, 1964
51. Casa Fonseca Alegria, Arquiteto Júlio de Oliveira, 1964
52. Casa Ferreira Barros, Arquiteto Augusto Leite Amaral, 1964
53. Casa Raul Morgado, Arquiteto António Bandeira, 1964
54. Casa Francisco Carvalho, Arquiteto Júlio de Oliveira, 1965
55. Casa Edviges Soares, Arquiteto Márcio de Freitas, 1965
56. Casa José Ribera II, Arquiteto António Bandeira, 1965
57. Casa Pina Cabral, Arquiteto Magalhães Carneiro, 1965
58. Casa Alberto Pimenta V, Arquiteto António Bandeira, 1965
59. Casa Pereira de Vilar II, Arquiteto Ângelo de Magalhães, 1966
60. Casa António Sousa Oliveira, Arquiteto Júlio de Oliveira, 1966
61. Casa José Ferreira de Magalhães, Arquiteto João Almeida Camacho, 1966
62. Casa Bessa Ribas II, Arquiteto Agostinho Ferreira de Almeida, 1966
63. Casa Câmara Pestana, Arquiteto Ângelo de Magalhães, 1967
64. Casa Abílio Pimenta, Arquiteto Noé Diniz, 1967
65. Casa Alexandre Gaio, Arquiteto Eduardo Brito e Arquiteto Nogueira, 1967
66. Casa António Ferreira de Magalhães, Arquiteto Noé Diniz, 1968
67. Casa Bond, Arquiteto Ângelo de Magalhães, 1968
68. Casa Emília Oliveira, Arquiteto Monteiro Pedras e Arquiteto J. de Oliveira, 1968
69. Casa Ramiro Gonçalves, Arquiteto António Lobão Vital, 1970
70. Casa Anni Gunther, Arquiteto Augusto Leite Amaral, 1970
71. Casa Augusta Ribeiro Pinto, 1971
72. Casa Gonçalves de Oliveira, 1972
73. Casa Martins da Costa, Arquiteto Ferreira de Oliveira, 1972
74. Casa Constantino Araújo esteves, 1973
75. Casa Riotur, Arquiteto Eduardo Iglesias, 1974
76. Casa Pinto de Sousa, Arquiteto Alcino Soutinho, 1984

“É certo que o pinhal de Ofir já tinha uma história que vinha de 1945, como nova zona de turismo do Norte sujeita nessa data a um plano de urbanização executado por Alfredo Ângelo de Magalhães. Nesse extenso pinhal e dunas entre o rio Cávado e o mar, com hotel inaugurado em 1948, realizam-se a partir daí diversas casas de férias projectadas pelos mais qualificados profissionais do Norte (...).”

(TOSTÕES, 1997: 68)

Anos de 1940

De acordo com a investigação efetuada em arquivo, foram identificadas seis casas da década de 40 do século XX. Destaca-se o papel importante do Arquiteto Alfredo Ângelo de Magalhães (1919-1988). Nasceu no Porto e cursou Arquitetura na Escola de Belas Artes do Porto entre 1938 e 1945.

No exercício da atividade de arquitetura transformou o pinhal de Ofir numa estância balnear.

Casa Silva Pereira [9]

Ficha técnica

Arquiteto: Alfredo Ângelo de Magalhães

Data: 1946

Localização: Rua Padre Manuel Sá Pereira

Cliente: Miguel da Silva Pereira

Reabilitação: n/a

Área: 125m²

Número de pisos: 4

Garagem: Sim

Observações: Inicialmente, no projeto desta residência, o último andar não estava previsto, mas sim projetada uma cobertura com telhas.

A Casa Silva Pereira, de 1946, está situada num ponto elevado, proporcionando uma vista deslumbrante sobre o rio Cávado, com uma panorâmica impressionante do extenso pinhal e do mar. Deste local, é possível admirar as serras de São Lourenço e Faro, tornando-a uma das propriedades mais bem localizadas na área da Praia.

No rés-do-chão, encontram-se três salas amplas, dotadas de grandes janelas. A sala de estar principal tem acesso para um vasto terraço através de portas deslizantes que podem ser recolhidas. Esta sala foi concebida para permitir a exibição de filmes, uma característica pedida pelo proprietário. Numa área separada, mas conectada às salas, localizam-se a copa, a cozinha, o quarto da empregada e uma casa de banho, todos com uma entrada de serviço independente. Este acesso leva também à garagem, à garrafeira e aos arrumos, situados numa cave aproveitada pela inclinação natural do terreno, garantindo boa iluminação e ventilação.

No piso superior, situam-se os quartos, que dispõem de acesso a amplas varandas voltadas para nascente e sul. O terraço na cobertura foi transformado num solário, contando com uma pequena sala de estar e uma estufa, de onde se pode desfrutar plenamente da paisagem circundante.

Em termos construtivos e estéticos, a casa foi *“executada em alvenaria de granito e cimento armado, com o máximo cuidado nos acabamentos. Toda a caixilharia está equipada com estores metálicos”* (Palma & Silva, 1950: 19).

A cozinha e a copa foram planeadas ao pormenor, com o chão em mármore e as paredes revestidas com vidro marmorite branco. Os balcões são em duralumínio polido e os tampos das bancadas em aço inoxidável. Esta construção segue os princípios da arquitetura moderna, com uma atenção especial aos enquadramentos da paisagem através das amplas janelas, cuidadosamente dimensionadas. O design funcional da casa reflete uma intenção clara de criar uma forte ligação com o exterior. O arquiteto teve liberdade na escolha dos materiais e na conceção de um espaço que pode ser integralmente mobilado e decorado, resultando num conjunto harmonioso, moderno e confortável.



Fig. 25 | Casa Silva Pereira (Fonte: Revista *Arquitetura*, nº33-34, 1950)



Fig. 26 | Casa Silva Pereira (Fonte: Revista *Arquitetura*, nº33-34, 1950)

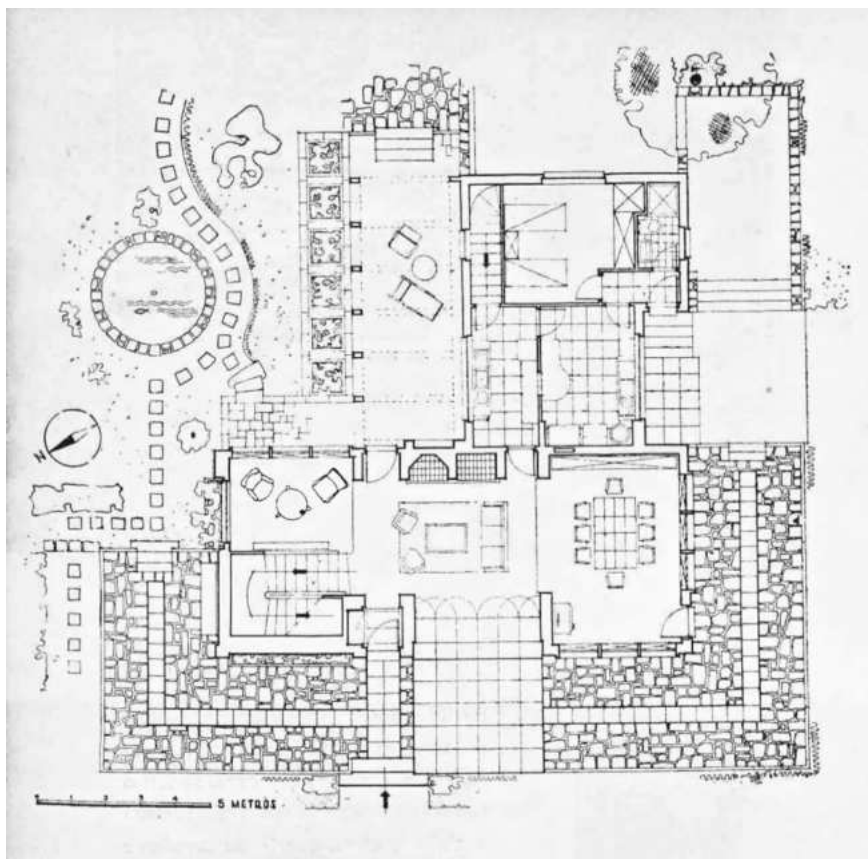


Fig. 27 | Casa Silva Pereira - Planta do rés-do-chão (Fonte: Revista *Arquitetura*, nº33-34, 1950)

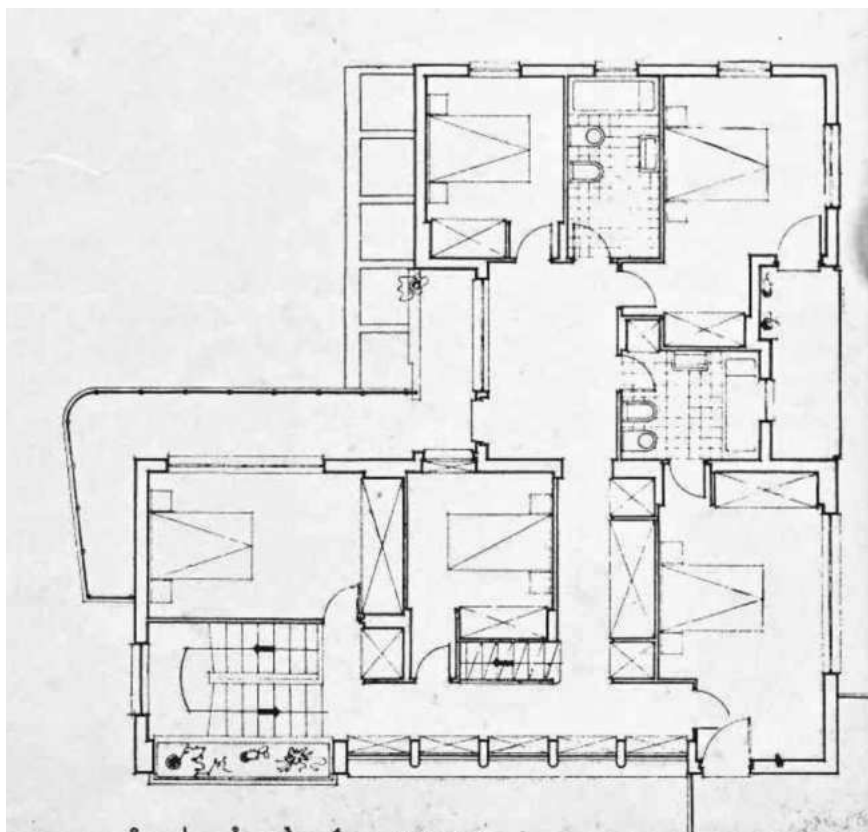


Fig. 28 | Casa Silva Pereira - Planta do 1º andar (Fonte: Revista *Arquitetura*, nº33-34, 1950)

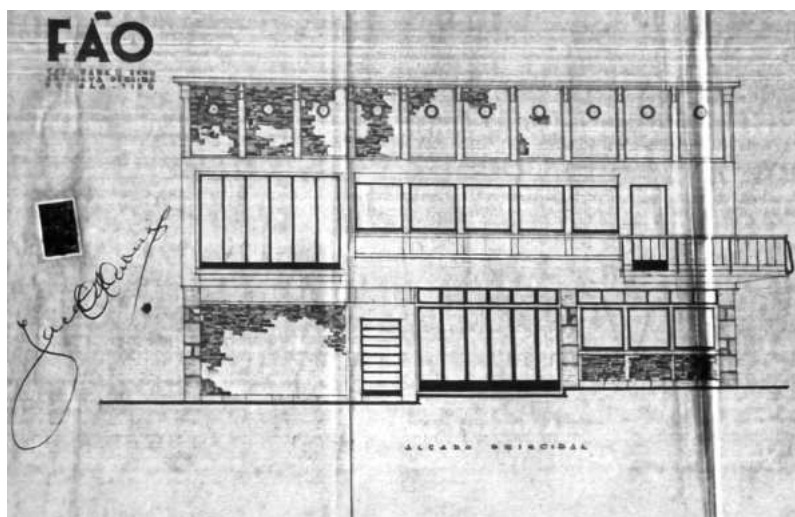


Fig. 29 | Casa Silva Pereira - Alçado noroeste (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 26/46)

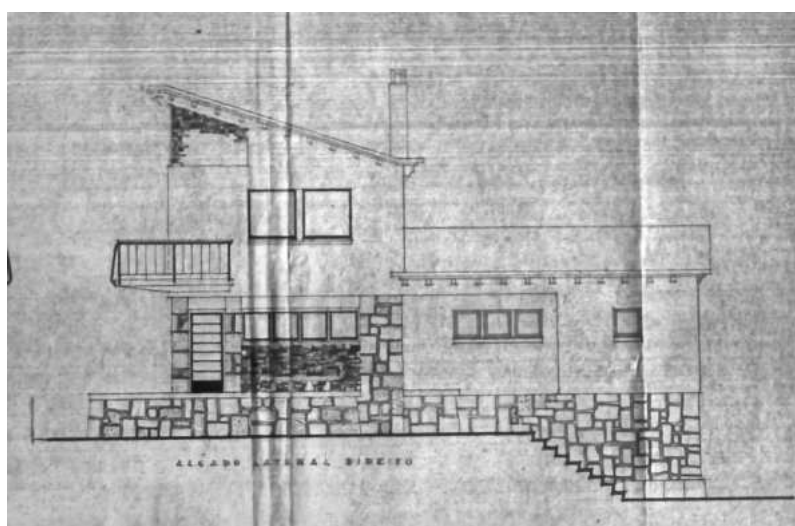


Fig. 30 | Casa Silva Pereira - Alçado sudoeste (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 26/46)

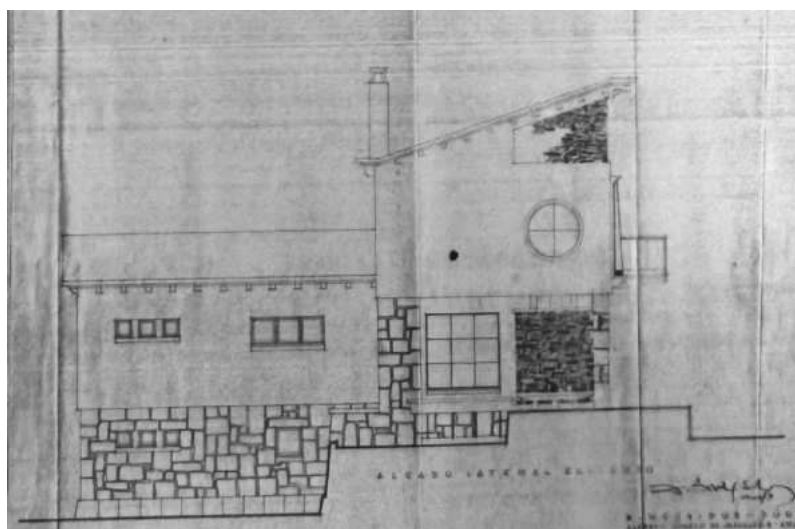


Fig. 31 | Casa Silva Pereira - Alçado nordeste (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 26/46)



Fig. 32 | Casa Silva Pereira (Fonte: Fotografia da autora, 2024)



Fig. 33 | Casa Silva Pereira (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Casa Marília Eliza de Jesus [10]

Ficha técnica

Arquiteto: Alfredo Ângelo de Magalhães

Data: 1946

Localização: Avenida António Veiga

Cliente: Marília Eliza de Jesus, posteriormente João Abreu

Reabilitação: Arquiteto João Abreu, 2007

Área: 170m²

Número de pisos: 3

Garagem: Sim

Observações: No projeto inicial estava prevista uma varanda acessível a partir do andar superior, não tendo sido concretizada. Planta do nível superior e respetivas informações em falta.

A Casa Marília Eliza de Jesus, de 1946, destaca-se pela sua arquitetura inovadora e distinta, que a diferencia das construções envolventes. A sua forma geral é orgânica, composta por múltiplos volumes interconectados, e coberturas inclinadas de duas ou mais águas, criando uma silhueta fluída e harmoniosa que se integra no ambiente.

Situada inicialmente no centro do terreno, a residência é estruturada em três níveis. O nível subterrâneo abriga a cave, um espaço acessível exclusivamente pelo interior da casa, iluminado por um pátio inglês, onde se situava o quarto da empregada.

No piso térreo, encontramos uma distribuição funcional e acolhedora. A sala de estar, o coração do piso inferior, está equipada com uma lareira, proporcionando assim um ambiente confortável para convívios. Adjacentemente, uma sala menor oferece um espaço mais íntimo, ideal para atividades mais reservadas ou como um escritório.

Ainda neste piso está presente a cozinha, espaçosa e muito prática, que é complementada por um lavabo que também serve a garagem, facilitando a funcionalidade do quotidiano. Ainda existem também dois quartos de dimensões consideráveis, e uma casa de banho que serve essas áreas. A escada, que conecta o piso térreo ao andar superior, oferece um acesso eficiente e discreto, e está posicionada no vestíbulo entre a sala de estar e a cozinha.

No piso superior estão presentes dois quartos adicionais, servidos de uma casa de banho. Além disso, no desenho inicial estava prevista uma varanda acessível a partir deste andar, não tendo sido concretizada.

Em relação aos acabamentos externos, a casa apresenta fachadas rebocadas, com orlas dos vãos em granito, assim como os arcos do alpendre de entrada, vários pormenores encastrados nas paredes e a cornija, o que confere uma aparência uniforme e elegante. As grades da casa, uma característica distintiva do projeto, foram meticulosamente desenhadas pelo arquiteto, refletindo um cuidado especial com os detalhes e a segurança, e complementando a estética geral da residência.

Atualmente o interior foi reformulado, mantendo todas as características do exterior, tanto a nível de materiais como esteticamente, com as exceções da caixilharia de madeira verde que passou a alumínio cinza, e as grades e beirais do telhado verdes que passaram a cinza também.

Internamente algumas paredes foram eliminadas, assim como as escadas para o piso superior que passaram a ser uma peça diferenciadora em ferro, pormenor que sobressai e articula o núcleo da casa, que se tornou em *open space*.

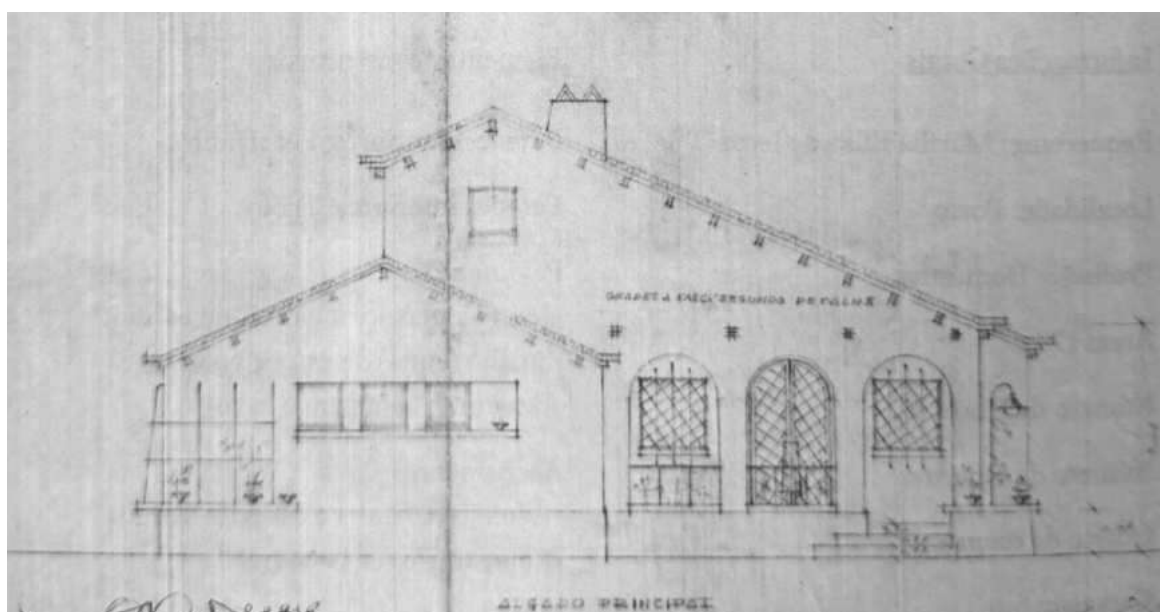
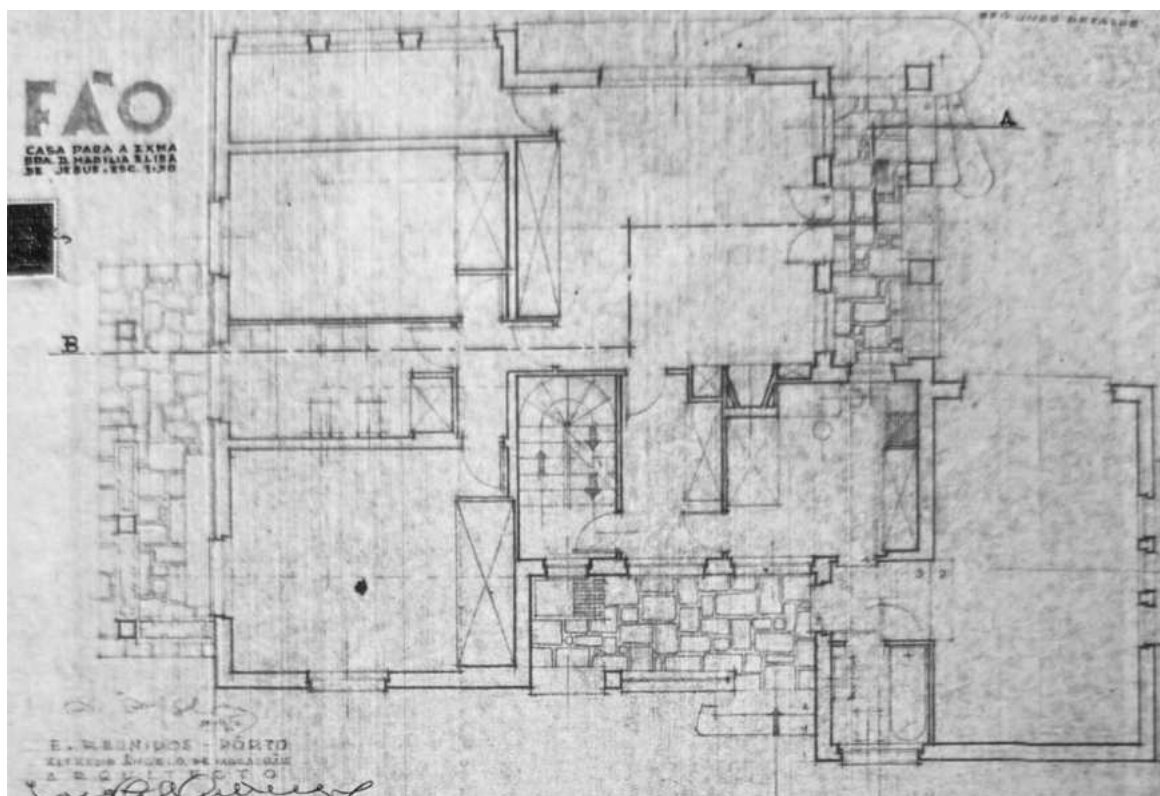
O piso superior passou a ter uma suite, dois quartos e uma casa de banho. O piso térreo uma cozinha, uma sala de jantar e duas salas de estar. Assim como a cave que passou a ter uma nova função, local pensado para sala de cinema. Todas estas alterações não implicaram na identidade da arquitetura original da casa.



Fig. 34 | Casa Marília Eliza de Jesus (Fonte: Coleção particular de Fernando Vilar)



Fig. 35 | Casa Marília Eliza de Jesus (Fonte: Coleção particular de Fernando Vilar)



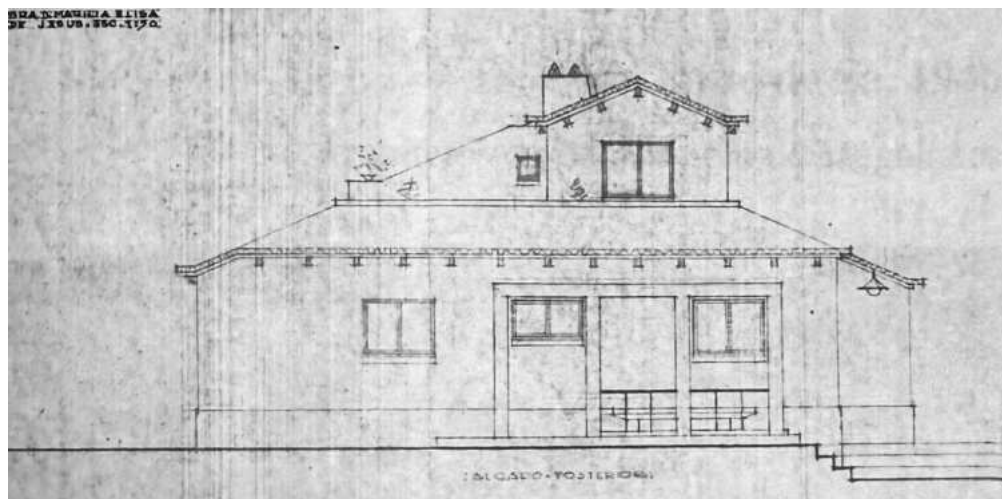


Fig. 38 | Casa Marília Eliza de Jesus - Alçado sudeste (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 32/46)

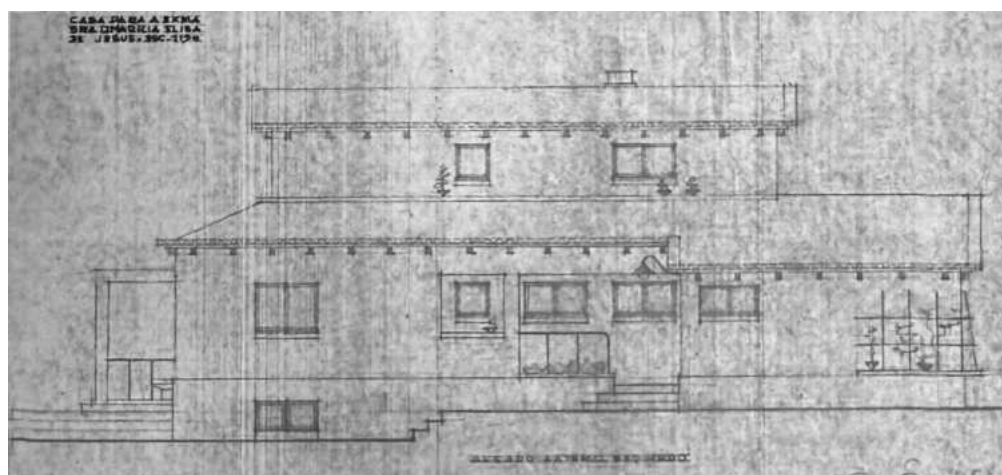


Fig. 39 | Casa Marília Eliza de Jesus - Alçado nordeste (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 32/46)

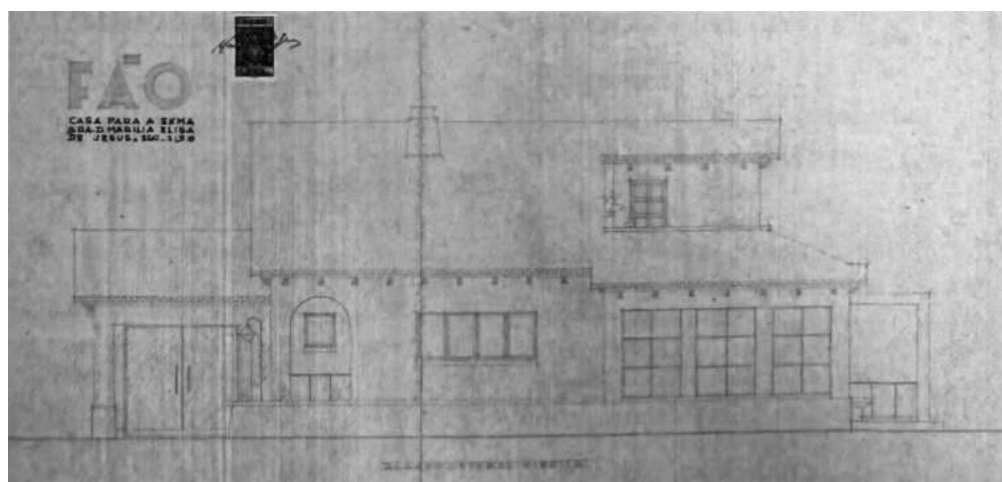


Fig. 40 | Casa Marília Eliza de Jesus - Alçado sudoeste (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 32/46)



Fig. 41 | Casa Marília Eliza de Jesus (Fonte: Fotografia da autora, 2024)



Fig. 42 | Casa Marília Eliza de Jesus (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Casa Pinto de Sá [11]

Ficha técnica

Arquiteto: Alfredo Ângelo de Magalhães

Data: 1946

Localização: Rua António Henriques

Cliente: José Pinto de Sá

Reabilitação: n/a

Área: 70m²

Número de pisos: 2

Garagem: Alpendre

Observações: n/a

A Casa Pinto de Sá, de 1946, revela uma tipologia arquitetónica que se destaca pela sua dimensão reduzida e pela organização espacial que dispõe o espaço de maneira a maximizar a funcionalidade e a fluidez entre os diferentes ambientes da casa.

A área social da residência está situada no rés-do-chão, estrategicamente voltada para sul, aproveitando ao máximo a luz natural e a vista externa. Este espaço é composto por uma sala comum ampla, um vestíbulo acolhedor e um pequeno lavabo de serviço, oferecendo conforto e praticidade para os moradores e visitantes. A zona de serviço, localizada na parte norte da casa, é separada da área de estar por um corredor de transição e é destacada pela presença de um perpiano, um elemento arquitetónico que confere um carácter distintivo a esta secção. Nesta área, encontramos a cozinha, bastante funcional, uma despensa bem equipada, um quarto da empregada e uma casa de banho, todos projetados para facilitar as atividades diárias e garantir eficiência no uso do espaço.

No primeiro piso, situado acima da zona de serviço, encontra-se a área de descanso, que proporciona privacidade e tranquilidade aos moradores. O elemento central e marcante desta casa é o abrigo para o carro, que se destaca pela extensão da laje do primeiro piso. Este abrigo não só protege o veículo, mas também cria uma separação física e visual entre a zona de estar e a zona de serviço. A estrutura do abrigo é acompanhada por escadas e um pequeno corredor de transição, que facilita o acesso aos diferentes andares e áreas da casa.

No piso superior, com uma área mais reduzida em comparação com os andares inferiores, encontram-se dois quartos, localizados em cada extremidade da casa. Estes foram projetados para proporcionar conforto e uma vista agradável, com janelas voltadas para leste e oeste, permitindo que a luz natural inunde os ambientes ao longo do dia. Um dos quartos oferece ainda acesso a uma varanda externa, que foi inteligentemente incorporada na mesma extensão da laje que forma o abrigo para o carro. Esta varanda amplia o espaço útil da casa e proporciona um local agradável para relaxamento e apreciação da paisagem envolvente.

Nota-se uma abordagem cuidada à arquitetura residencial, através da disposição e da funcionalidade dos espaços e através do equilíbrio e da eficiência funcional, com o conforto estético e a integração harmoniosa com o ambiente exterior.

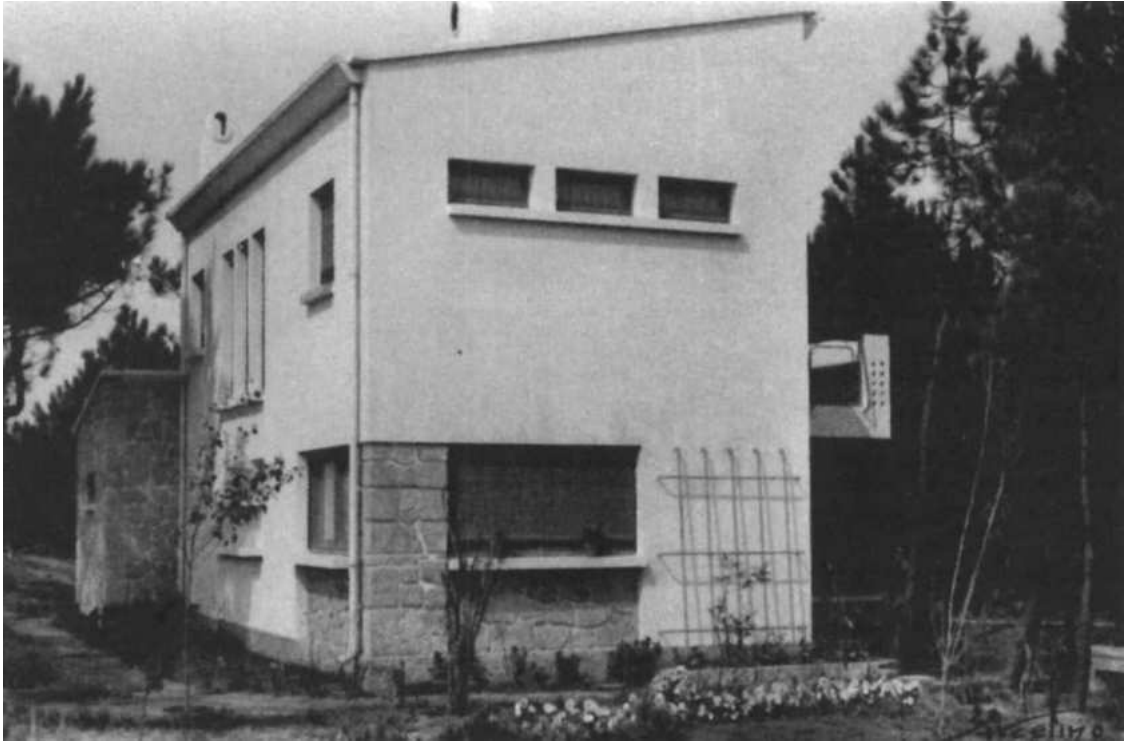


Fig. 43 | Casa Pinto de Sá (Fonte: Coleção particular de Fernando Vilar)



Fig. 44 | Casa Pinto de Sá (Fonte: Coleção particular de Fernando Vilar)

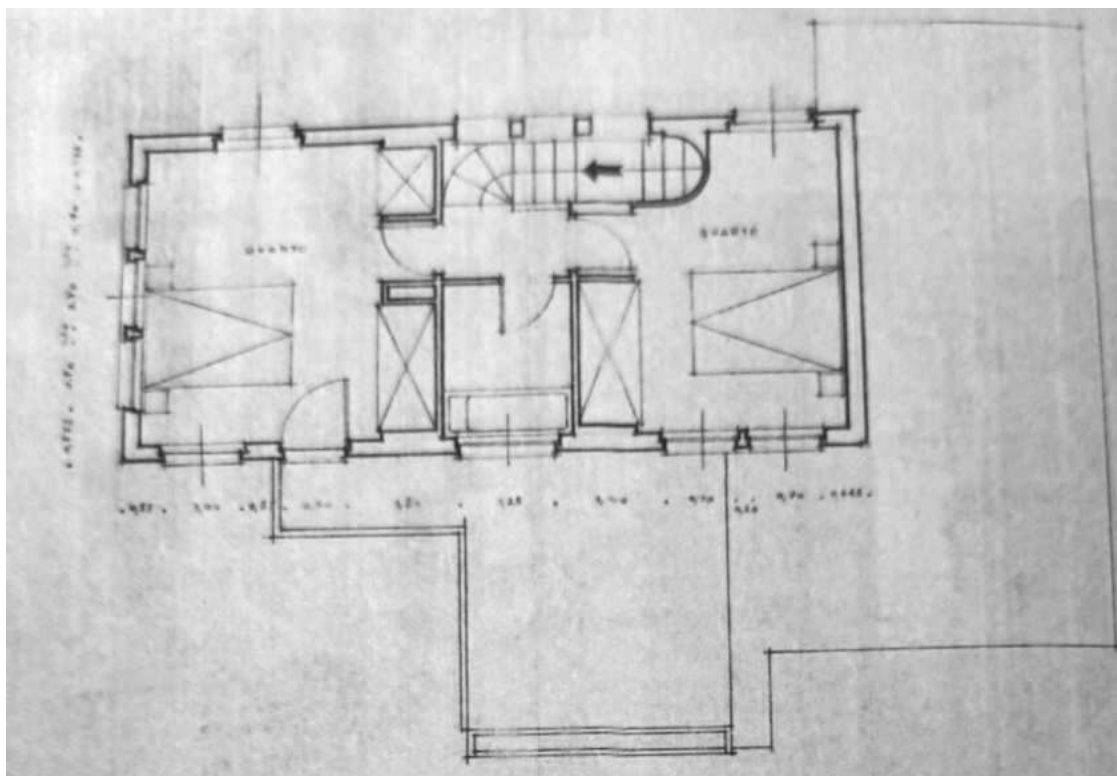


Fig. 45 | Casa Pinto de Sá - Planta do piso superior (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 34/46)

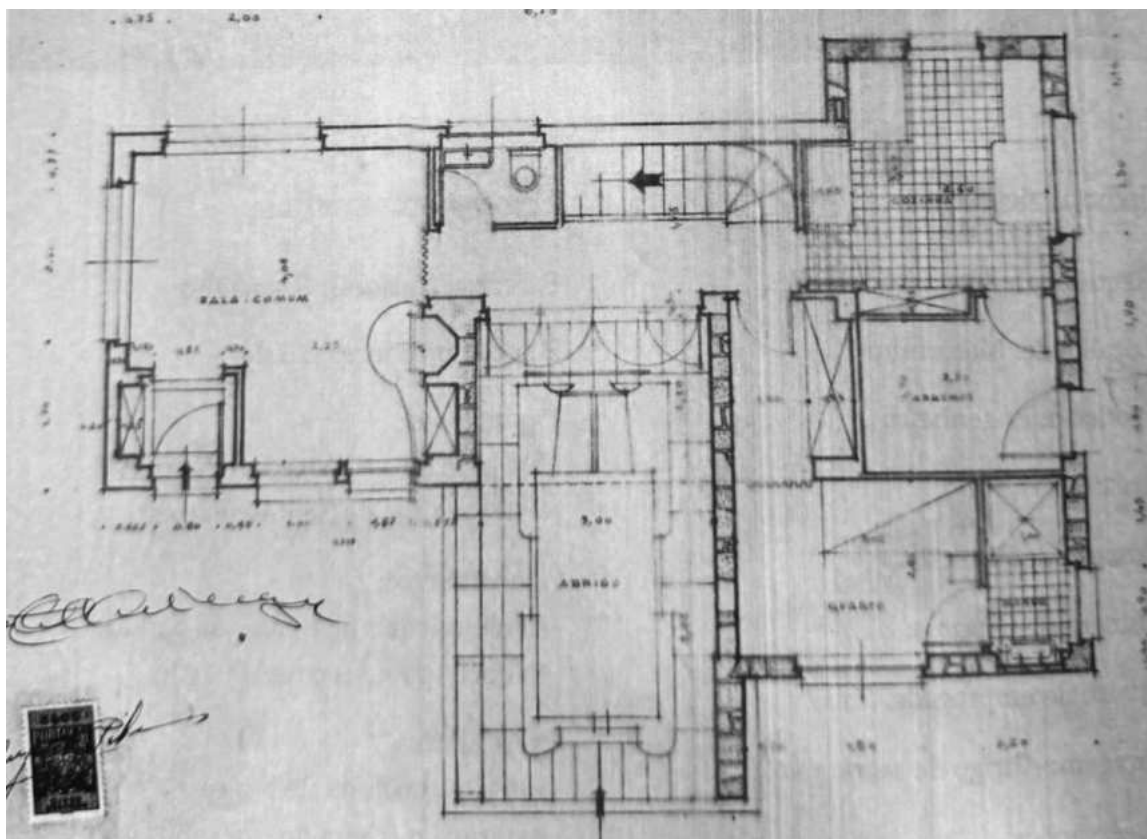


Fig. 46 | Casa Pinto de Sá - Planta do rés-do-chão (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 34/46)

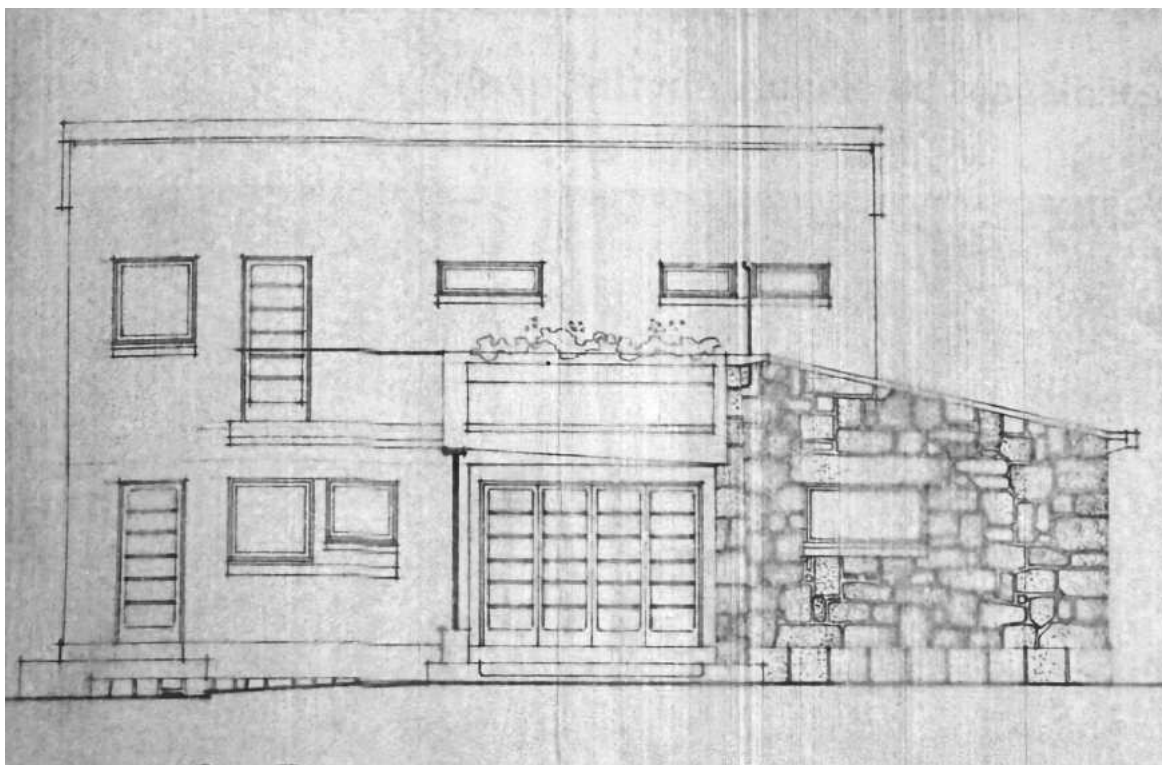


Fig. 47 | Casa Pinto de Sá - Alçado da frente (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 34/46)

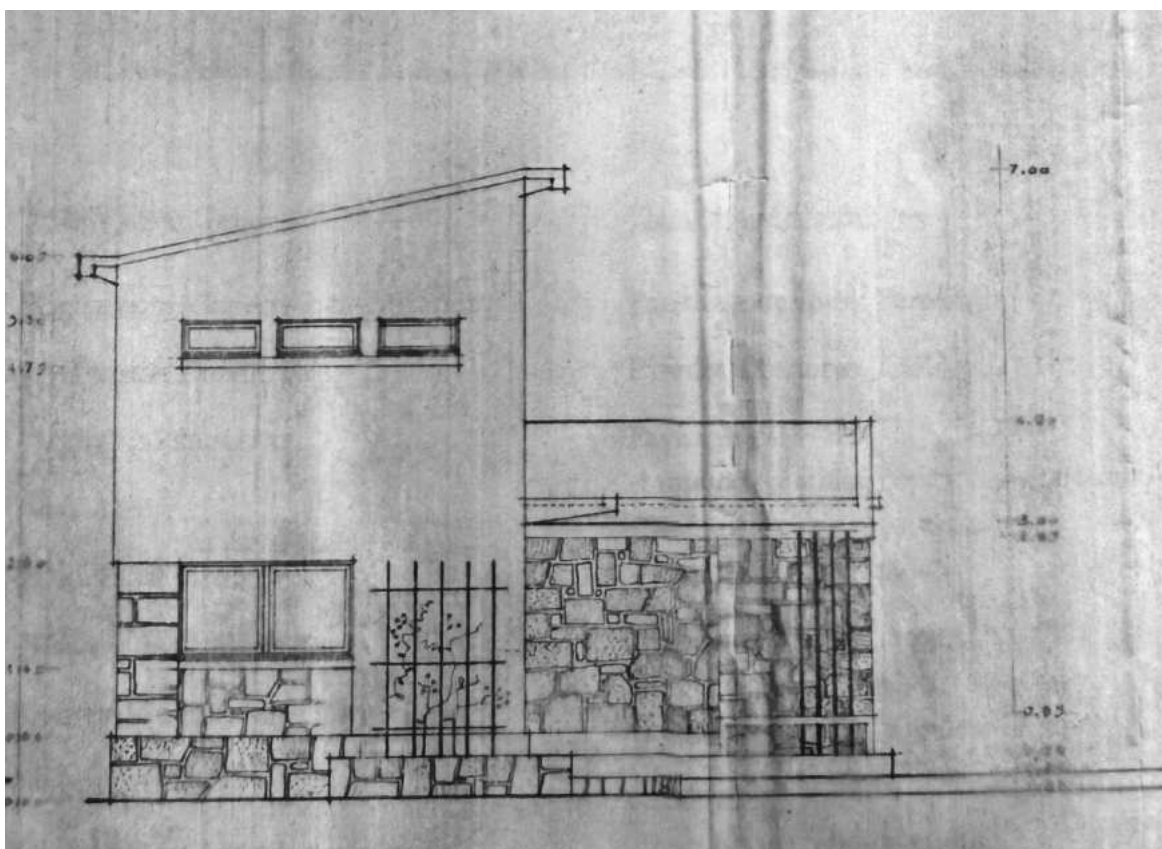


Fig. 48 | Casa Pinto de Sá - Alçado lateral (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 34/46)



Fig. 49 | Casa Pinto de Sá (Fonte: Fotografia da autora, 2024)



Fig. 50 | Casa Pinto de Sá (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Casa Artur Aires [13]

Ficha técnica

Arquiteto: Alfredo Ângelo de Magalhães

Data: 1946

Localização: Rua das Rodas

Cliente: Artur Adriano Aires, posteriormente Machado Vaz

Reabilitação: Arquiteto Alfredo Ângelo de Magalhães, 1969

Área: 95m²

Número de pisos: 3

Garagem: Sim

Observações: n/a

A Casa Artur Aires, de 1946, está situada numa leve elevação no coração do pinhal, adaptando-se perfeitamente ao terreno irregular e ao ambiente natural que a rodeia. Esta integração harmoniosa com a paisagem é evidente pela forma como a construção se emoldura naturalmente no cenário ao seu redor. A variação no nível do terreno permitiu a criação de um design funcional e esteticamente agradável, com a garagem e as áreas de armazenamento localizadas no nível inferior. O andar principal, elevado em relação a essas áreas, alberga a sala de estar, a cozinha, a copa, um quarto de empregada e os lavabos.

A sala de estar é realçada através de uma abertura generosa para um amplo terraço voltado para sudoeste. Este espaço ao ar livre oferece um refúgio acolhedor e protegido do sol, assim como proporciona uma vista deslumbrante para o pinhal e para o mar, ao longe. A escolha da orientação do terraço maximiza a exposição à luz natural e a vista panorâmica, tornando-se um local ideal para relaxamento e entretenimento.

“Uma ampla escada liga ao andar, com galeria de passagem para os quartos, servidos por amplas varandas e quartos de banho” (Palma & Silva, 1950: 17). O planeamento do espaço superior prioriza a funcionalidade e a estética, assegurando que cada ambiente seja não apenas belo, mas também prático.

O mobiliário da casa foi cuidadosamente projetado para complementar a arquitetura da construção e o layout do terreno. Foram escolhidos materiais regionais para manter a coerência com o entorno natural, combinando paredes de alvenaria rústica com superfícies lisas que contrastam e, ao mesmo tempo, harmonizam com o ambiente.

Através da escolha de materiais de alta qualidade e acabamentos refinados, o espaço exterior foi planeado com uma atenção especial. Estes detalhes enriquecem o valor estético da moradia e refletem um compromisso com a durabilidade e a integração com a paisagem natural. Cada aspeto da construção foi cuidadosamente considerado para criar um lar que é, ao mesmo tempo, um refúgio elegante e uma extensão harmoniosa do seu entorno natural.



Fig. 51 | Casa Artur Aires (Fonte: Revista *Arquitetura*, nº33-34, 1950)



Fig. 52 | Casa Artur Aires (Fonte: Revista *Arquitetura*, nº33-34, 1950)

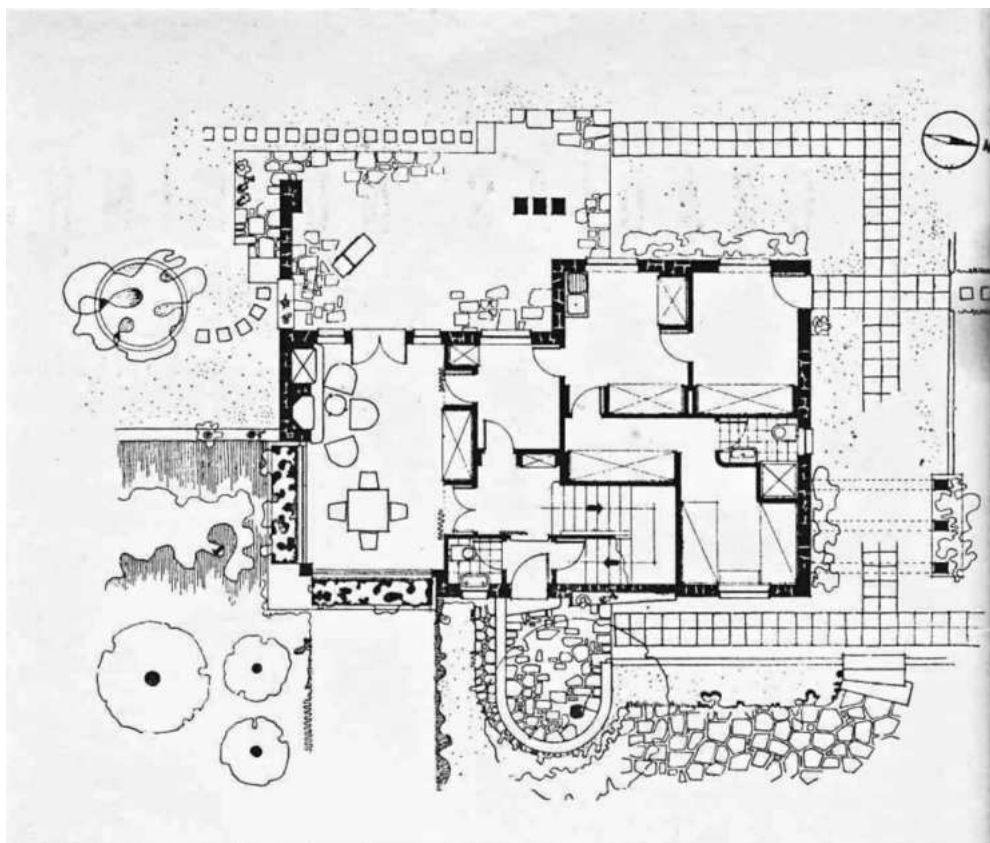


Fig. 53 | Casa Artur Aires - Planta do rés-do-chão (Fonte: Revista *Arquitetura*, nº33-34, 1950)

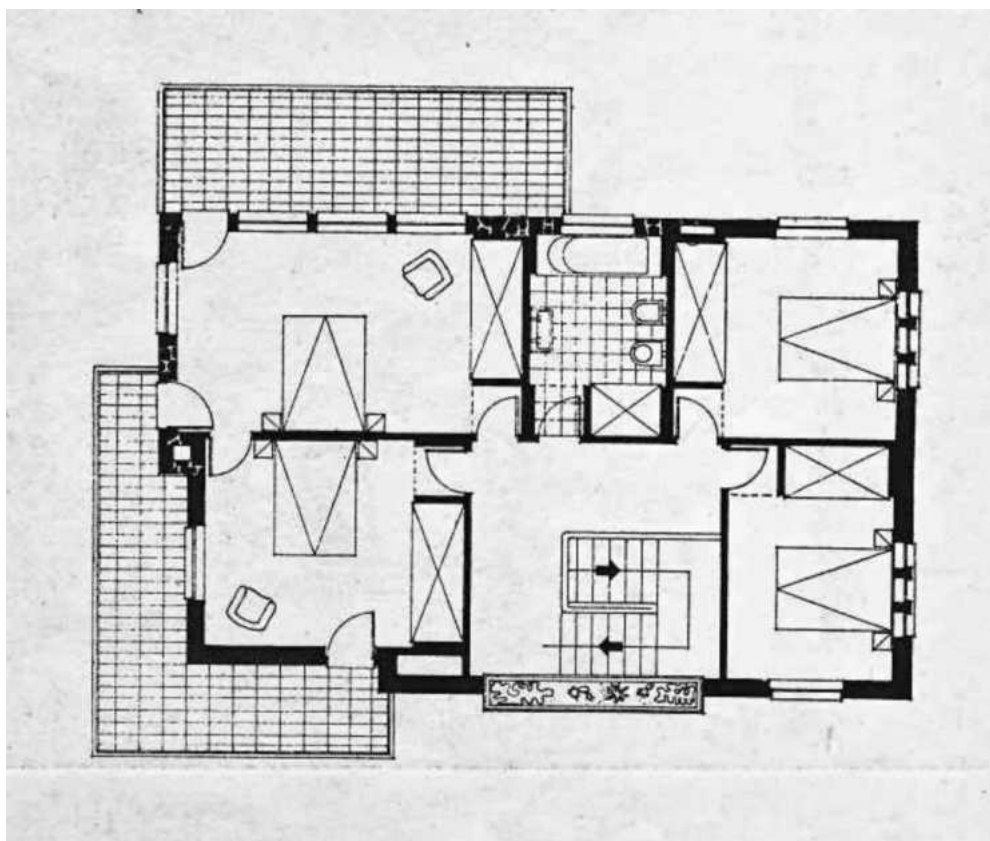


Fig. 54 | Casa Artur Aires - Planta do andar (Fonte: Revista *Arquitetura*, nº33-34, 1950)

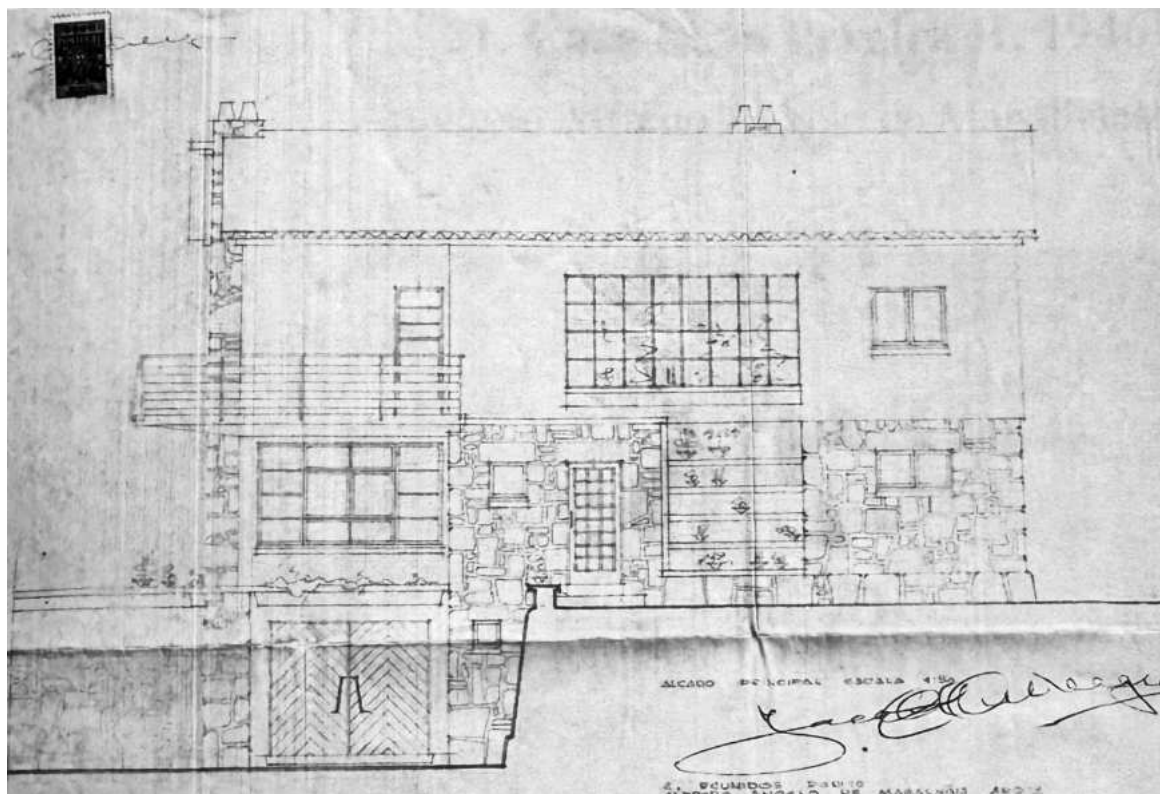


Fig. 55 | Casa Artur Aires - Alçado nascente (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 55/46)

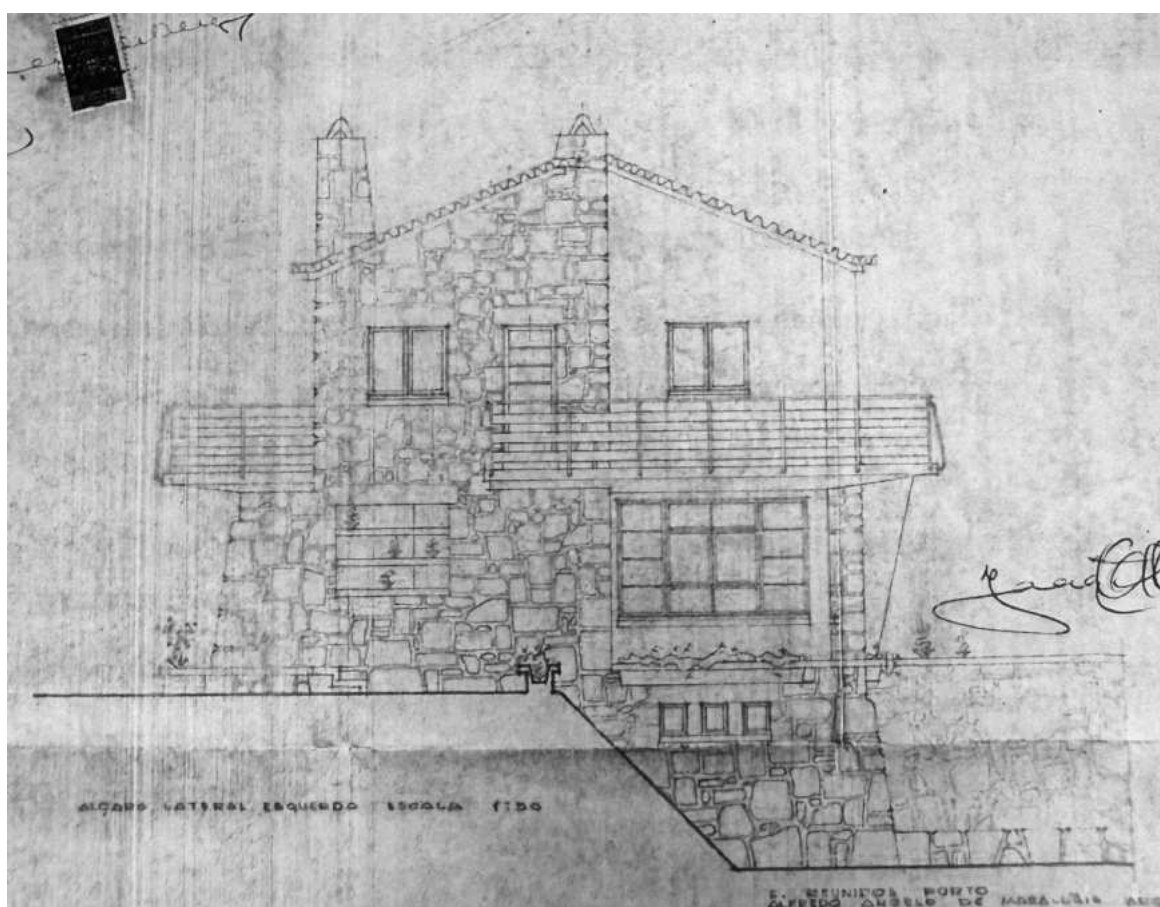


Fig. 56 | Casa Artur Aires - Alçado sul (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 55/46)



Fig. 57 | Casa Artur Aires (Fonte: Fotografia da autora, 2024)



Fig. 58 | Casa Artur Aires (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Apartamentos Silva Pereira [15]

Ficha técnica

Arquiteto: Alfredo Ângelo de Magalhães

Data: 1946

Localização: Rua Artur Aires

Cliente: Miguel da Silva Pereira

Reabilitação: 2021

Área: [desconhece-se]

Número de pisos: 2

Garagem: Alpendre

Observações: Estes apartamentos funcionam como alojamento local. Antigamente ligados ao Hotel de Ofir, sendo privados atualmente

Os Apartamentos Silva Pereira foram projetados pelo arquiteto Ângelo Magalhães em 1946. Este edifício com dois apartamentos está estrategicamente localizado no pinhal e nas proximidades das imponentes dunas, a aproximadamente 150 metros do Hotel Ofir. A localização privilegiada oferece uma proteção eficaz contra os ventos predominantes da região. A edificação foi projetada com um cuidado especial para garantir o máximo de conforto e funcionalidade, sendo desenvolvida em dois pisos distintos.

No rés-do-chão, os moradores encontram uma área de estar semiaberta, ideal para momentos de lazer ao ar livre, e um abrigo dedicado para um carro, que proporciona um acesso prático e sem a necessidade de manobras complexas. A conexão entre o rés-do-chão e o andar superior é facilitada por uma escada de betão suspenso, que é tanto funcional quanto esteticamente agradável. Além disso, este piso inferior conta com uma pequena área de arrumação, extremamente útil.

O andar superior abriga os apartamentos, cada um com uma disposição independente e completamente equipado para atender a todas as necessidades dos residentes. Cada apartamento é acessível a partir de um pequeno hall de entrada que leva a uma sala comum. Esta é um espaço acolhedor, equipada com uma ampla varanda que oferece vistas encantadoras do entorno natural.

A construção dos apartamentos utilizou *“materiais da região, com paredes de granito rústico conjugados com panos lisos e o pavimento em betão armado”* (Palma & Silva, 1950: 12). A decoração interior, foi cuidadosamente planeada em conformidade com o projeto do arquiteto, proporcionando um ambiente esteticamente coerente e confortável.

Apesar de serem propriedades privadas, a gestão dos apartamentos era realizada pelo Hotel Ofir, oferecendo uma iniciativa interessante que combina a exclusividade dos imóveis com a qualidade e a experiência na administração de uma renomada instituição de alojamento. Os Apartamentos Gémeos funcionavam como um tipo de motel, numa altura em que as praias, anteriormente refúgio de pescadores, começavam a ser reconhecidas como destinos turísticos. As refeições eram servidas no Hotel Ofir, onde também se realizavam eventos sofisticados.

Atualmente o piso inferior deixou de ser alpendre e passou a ser um espaço habitacional fechado integrado com o piso superior. Tendo agora um uso independente do Hotel.



Fig. 59 | Apartamentos Silva Pereira (Fonte: Revista *Arquitetura*, nº33-34, 1950)



Fig. 60 | Apartamentos Silva Pereira (Fonte: Revista *Arquitetura*, nº33-34, 1950)



Fig. 61 | Apartamentos Silva Pereira (Fonte: Revista *Arquitetura*, nº33-34, 1950)



Fig. 62 | Apartamentos Silva Pereira (Fonte: Revista *Arquitetura*, nº33-34, 1950)

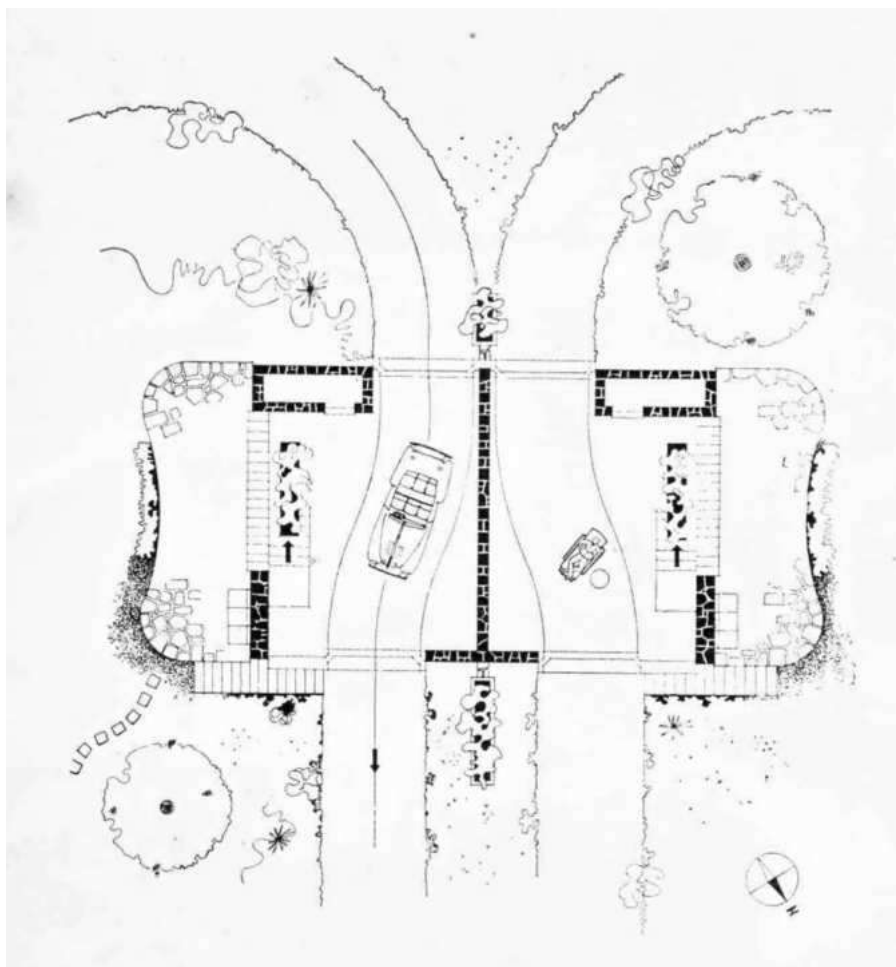


Fig. 63 | Apartamentos Silva Pereira - Planta do rés-do-chão (Fonte: Revista *Arquitetura*, nº33-34, 1950)

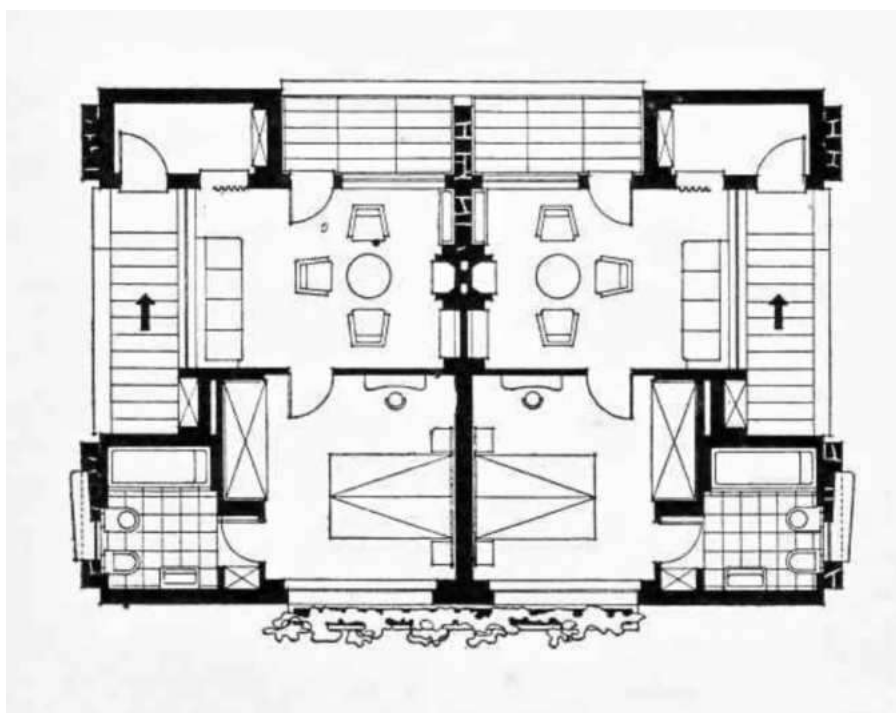


Fig. 64 | Apartamentos Silva Pereira - Planta do andar (Fonte: Revista *Arquitetura*, nº33-34, 1950)

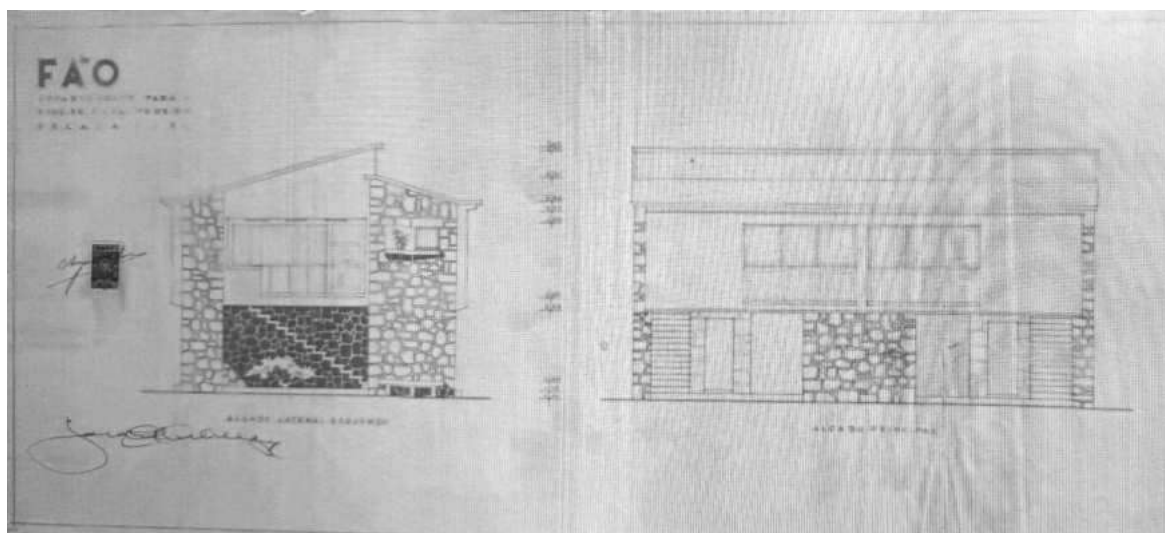


Fig. 65 | Apartamentos Silva Pereira - Alçados (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 26/46)

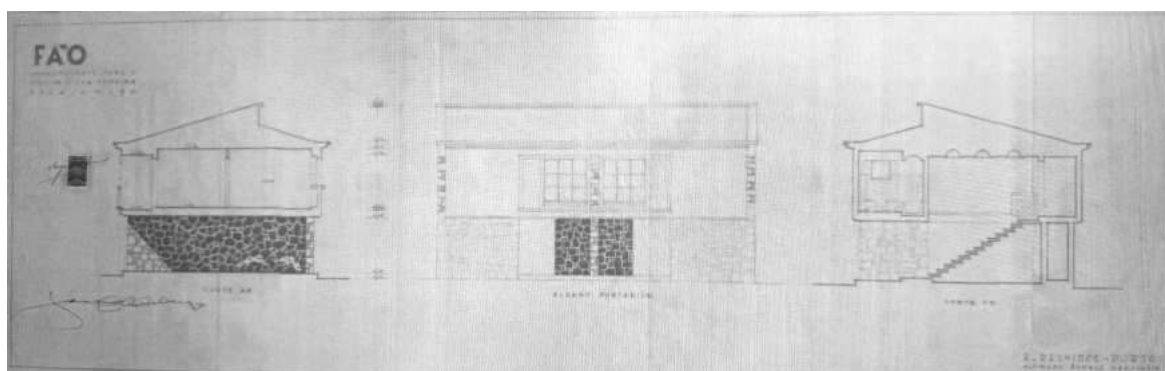


Fig. 66 | Apartamentos Silva Pereira - Alçados (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 26/46)



Fig. 67 | Apartamentos Silva Pereira (Fonte: Fotografia da autora, 2024)



Fig. 68 | Apartamentos Silva Pereira (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Casa Felisberto Cardoso [16]

Ficha técnica

Arquiteto: Rogério Martins e João Andersen

Data: 1946

Localização: Rua das Rodas

Cliente: Felisberto Cardoso

Reabilitação: n/a

Área: 52m²

Número de pisos: 1

Garagem: Sim (posteriormente construída em 1959)

Observações: n/a

A Casa Felisberto Cardoso, de 1946, é um exemplo de como é possível utilizar materiais acessíveis de maneira inovadora e eficiente. Distingue-se pelo seu custo reduzido, mas também pelo seu design estético e funcional. A estrutura revela um desempenho notável na aplicação dos diversos materiais, resultando numa construção que combina economia e sofisticação de forma harmoniosa.

Assente num terreno arenoso, a casa é composta por um único piso, onde os pavimentos são revestidos com uma combinação cuidadosa de madeira e mosaicos. Este revestimento não só proporciona um toque de elegância, como também garante durabilidade e facilidade de manutenção. As janelas, com um design basculante inovador, permanecem suspensas no teto quando abertas, oferecendo uma solução prática que contribui para uma estética moderna e funcional, enquanto maximiza a ventilação natural e a entrada de luz. A proteção das aberturas é assegurada por portadas de madeira robusta, que proporcionam segurança e integram-se perfeitamente com o estilo rústico da construção.

Nesta construção foram utilizados materiais que incluem madeira, tijolo, pedra de cor viva recolhida em minas de volfrâmio desativadas e chapa ondulada de fibrocimento. A seleção destes materiais, e a “(...) *ausência completa de betão armado, manifesta confirmação de que os caminhos, para uma nova e sã arquitetura dependem mais do critério a seguir do que dos materiais empregados na construção*” (Palma & Silva, 1950: 8). A pedra de tonalidade vibrante não só adiciona um elemento de cor e textura, mas também confere uma sensação de solidez e durabilidade à estrutura.

Esta abordagem demonstra uma sensibilidade estética e reflete uma solução inteligente e económica para a construção. Esta habitação traduz um grande respeito pelo ambiente e pelos recursos disponíveis, provando que é possível criar um espaço funcional e elegante com uma utilização criativa e consciente dos materiais. Este projeto é um exemplo inspirador de como a arquitetura pode evoluir através da inovação e da adaptação, mantendo sempre um olhar atento para a sustentabilidade e a eficiência.

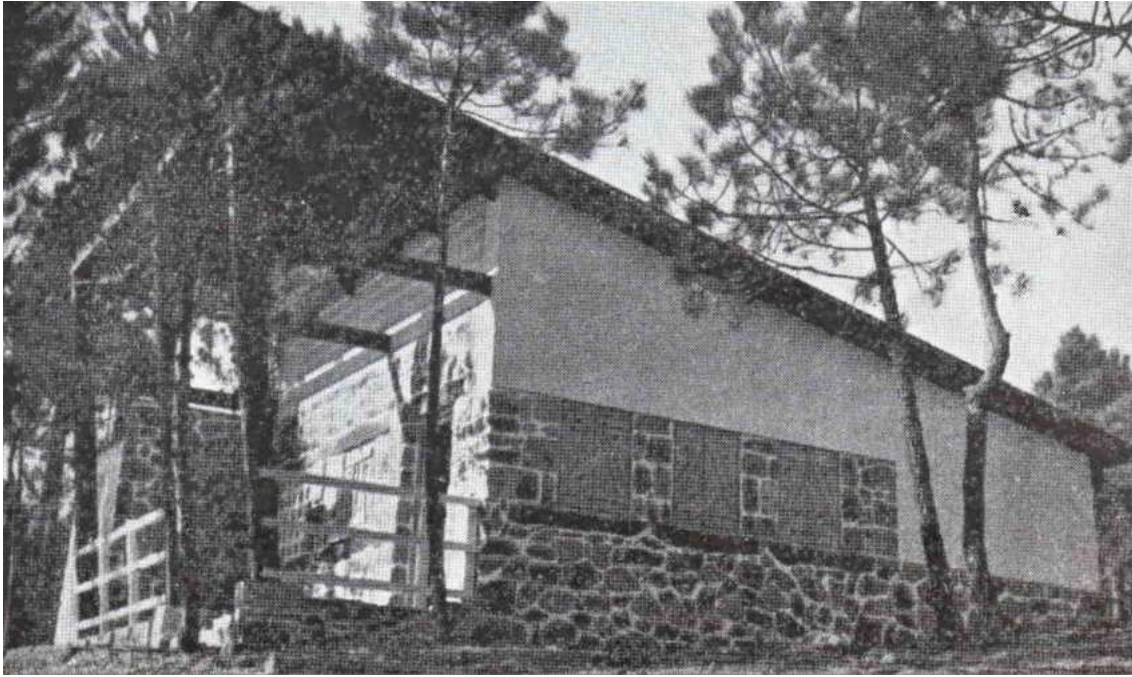


Fig. 69 | Casa Felisberto Cardoso (Fonte: Revista *Arquitetura*, nº33-34, 1950)

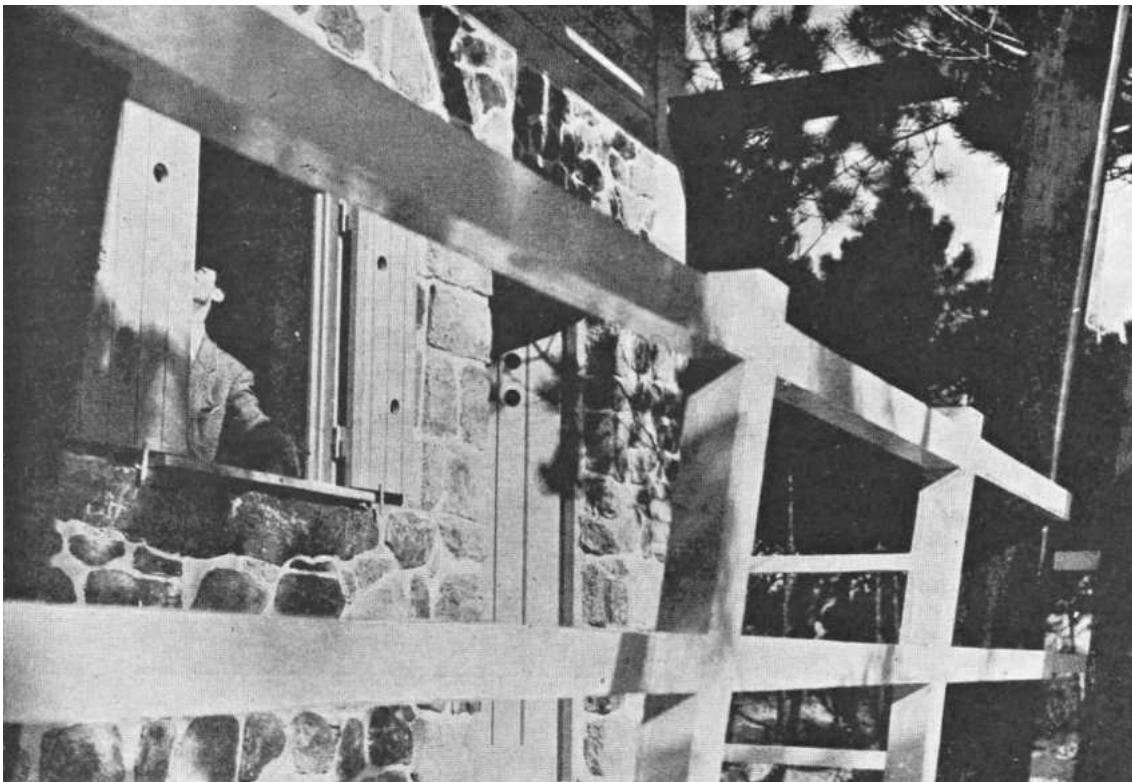


Fig. 70 | Casa Felisberto Cardoso (Fonte: Revista *Arquitetura*, nº33-34, 1950)

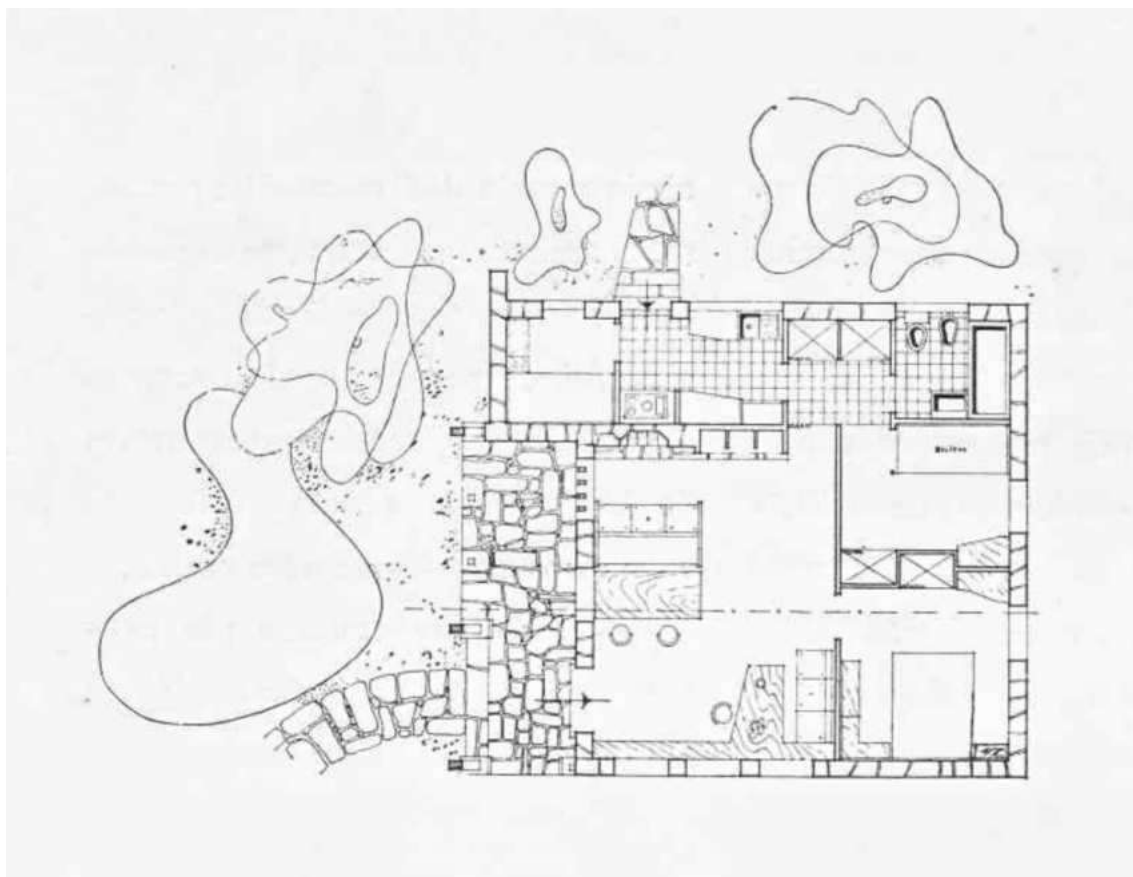


Fig. 71 | Casa Felisberto Cardoso - Planta (Fonte: Revista *Arquitetura*, nº33-34, 1950)

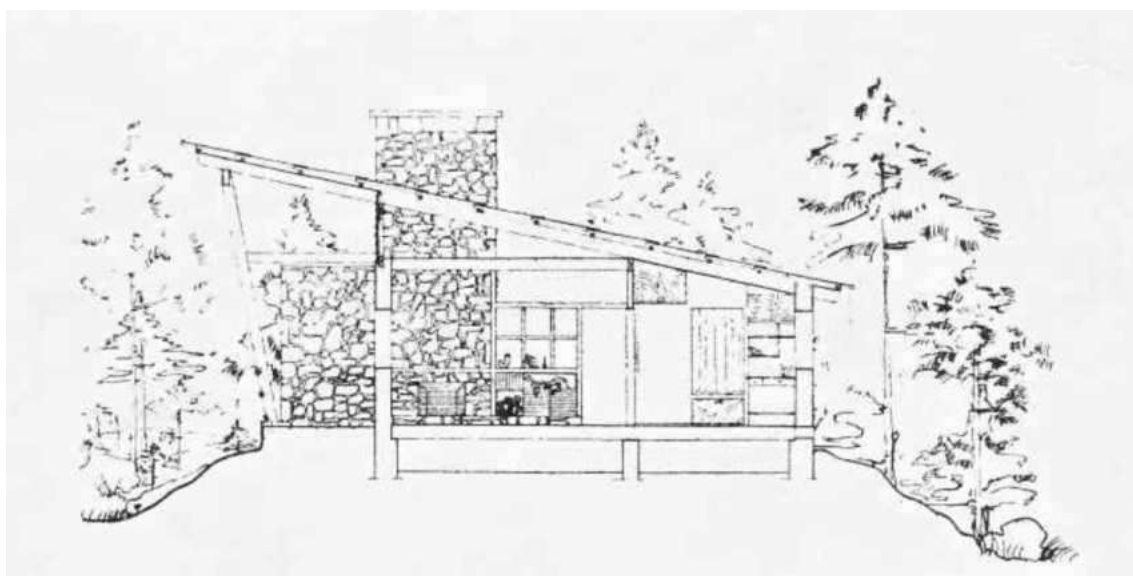


Fig. 72 | Casa Felisberto Cardoso - Corte (Fonte: Revista *Arquitetura*, nº33-34, 1950)

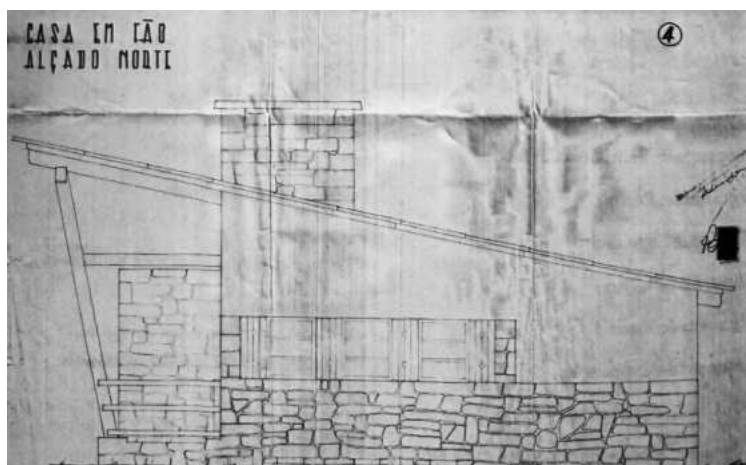


Fig. 73 | Casa Felisberto Cardoso - Alçado Norte (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 74/46)

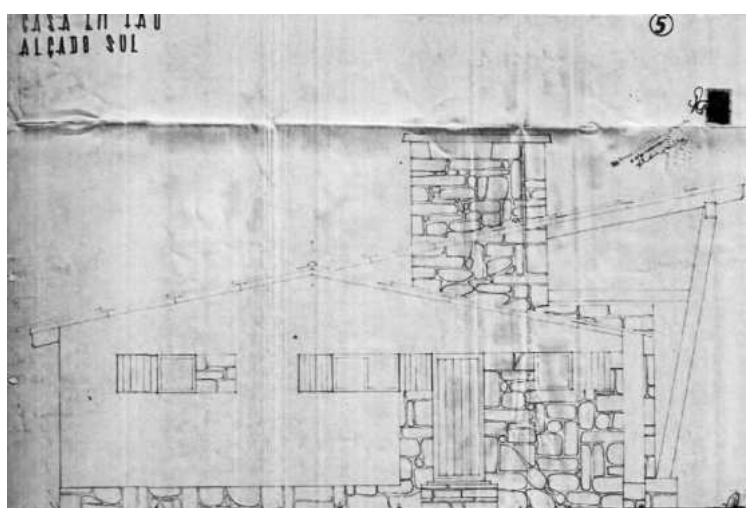


Fig. 74 | Casa Felisberto Cardoso - Alçado Sul (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 74/46)

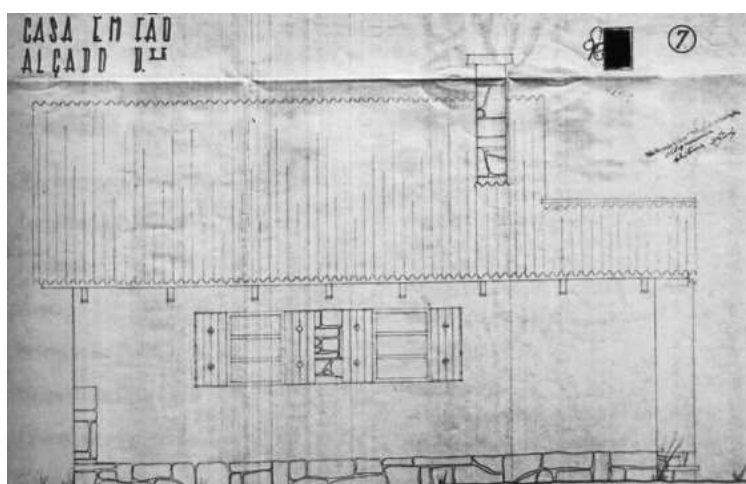


Fig. 75 | Casa Felisberto Cardoso - Alçado Poente (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 74/46)



Fig. 76 | Casa Felisberto Cardoso (Fonte: Fotografia da autora, 2024)



Fig. 77 | Casa Felisberto Cardoso (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Anos de 1950

De acordo com a investigação efetuada em arquivo, foram identificadas duas casas da década de 50 do século XX. Destaca-se o papel importante do Arquiteto Fernando Távora (1923-2005).

A Casa de Ofir, da sua autoria, foi classificada como Monumento de Interesse Público por uma portaria publicada no dia 31 de Dezembro de 2012.

Casa Ribeiro da Silva [21]

Ficha técnica

Arquiteto: Fernando Távora

Data: 1956

Localização: Rua Padre Manuel Sá Pereira

Cliente: Fernando Ribeiro da Silva

Reabilitação: n/a

Área: [desconhece-se]

Número de pisos: 1

Garagem: Sim

Observações: Reabilitação executada mantendo os traços e materiais originais

A Casa Ribeiro da Silva, mais conhecida hoje como Casa de Ofir, de 1956, é um projeto do renomado arquiteto Fernando Távora, a pedido de Fernando Ribeiro da Silva. O objetivo inicial era que servisse como uma residência de férias, mas o resultado transcendeu a simples funcionalidade, revelando uma obra que é um verdadeiro testemunho à sensibilidade arquitetónica.

Desde o início, o projeto de Távora demonstra uma profunda sensibilidade para com o contexto onde a casa está inserida. O arquiteto prestou especial atenção à poética do espaço, à valorização do trabalho artesanal e à humanização da arquitetura. Estes aspetos são evidentes em cada detalhe da construção, refletindo a síntese dos debates arquitetónicos que marcaram a época. A casa emerge não apenas como um espaço habitacional, mas como uma contribuição significativa para o desenvolvimento de uma identidade própria da arquitetura em Portugal.

O conceito fundamental que orienta o projeto é a separação dos espaços em zonas distintas, uma característica clara na planta da casa. Esta divisão, no entanto, adquire uma expressão particular nos volumes exteriores. A planta organiza o espaço em três zonas principais, que se conectam através de um átrio central. Esta configuração não só revela uma abordagem funcionalista, mas também adota o conceito moderno de sala de estar, proporcionando uma fluidez entre os diferentes espaços. Uma característica marcante do projeto é a inclinação do corpo principal da casa, que se abre para o exterior e forma um pátio acolhedor e protegido dos ventos dominantes. Outra característica que se destaca é o volume da chaminé pelo exterior, formando um paralelepípedo que se salienta pela sua cor amarela. O recuo das paredes em relação à cobertura cria um espaço de transição que estabelece uma ligação subtil entre o interior e o exterior.

Apesar de respeitar elementos tradicionais, Fernando Távora não hesita em introduzir sinais claros de modernidade como *“as grandes vigas em betão aparente que sustentam a cobertura sobre as portas e janelas que abrem para o pátio”* (Toussaint, 1992: s.p.).

Outro aspeto relevante é o tratamento da sala comum, onde o teto segue a inclinação do telhado, expondo deliberadamente a estrutura interna de asnas e vigas de madeira. No pavimento, Távora opta por tijoleira e lajes de granito, elementos que remetem à arquitetura espontânea e à qual o arquiteto confessa um profundo apreço.

A casa também *“representa um novo passo em frente na utilização da telha, pois constitui não só uma obra de dimensão moderna, mas uma pioneira representante da chamada arquitetura orgânica”* (Land, Sat, Fernandes & Toussaint, 2005: 31).

Influenciado internacionalmente por Alvar Aalto, este movimento reflete-se na planta informal e ligeiramente distorcida da casa, que facilita uma integração harmoniosa com a paisagem natural envolvente. A junção de materiais como a madeira natural, as paredes caiadas de branco e as telhas cerâmicas de meia-cana, típicas da arquitetura vernácula, reforça esta ligação orgânica entre a construção e o seu ambiente.

A obra de Fernando Távora é, incontestavelmente, uma referência na arquitetura portuguesa, representando o cruzamento entre modernidade e tradição. O projeto ilustra uma revisão crítica do Movimento Moderno, reinterpretando os seus princípios à luz das características culturais e ambientais locais. Desta forma, esta casa inscreve-se como um marco importante na evolução da arquitetura em Portugal, contribuindo para a afirmação de uma identidade arquitetónica própria e inovadora no cenário internacional.

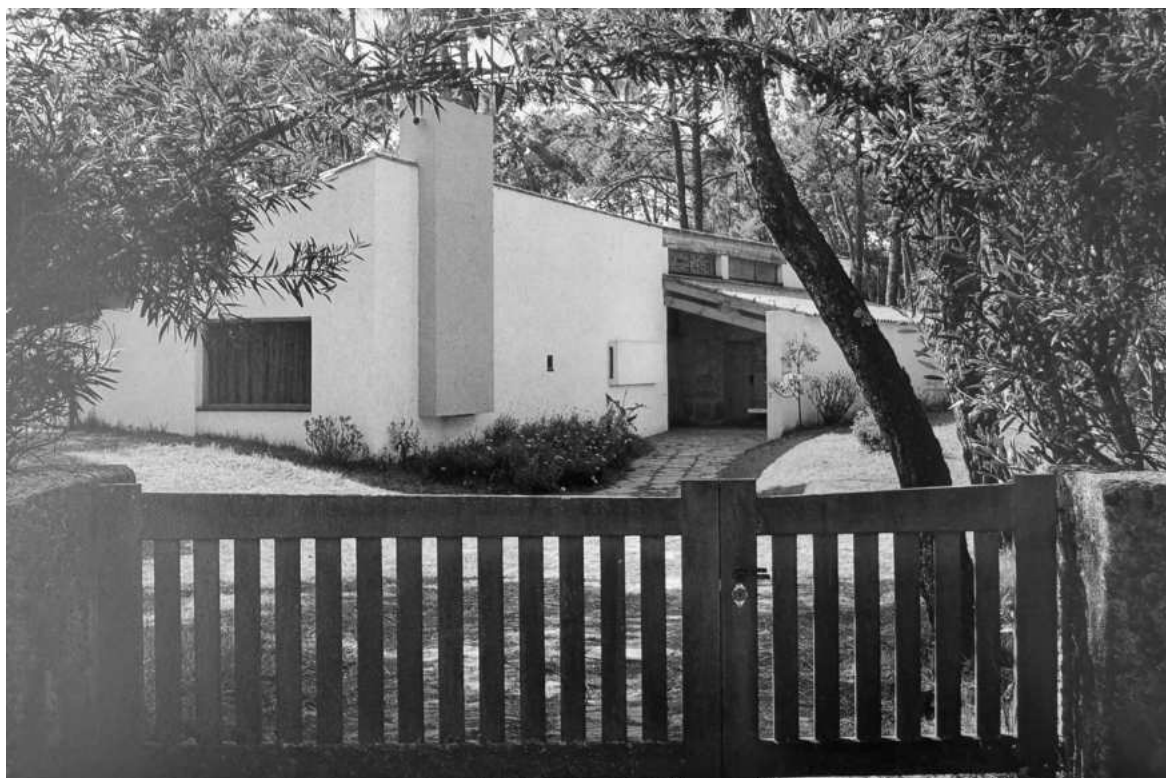


Fig. 78 | Casa Ribeiro da Silva (Fonte: Fotografia de Rui Morais de Sousa, em: Toussaint, M. (1992). Casa de Férias em Ofir (M. Dornan, Trans.; L. Trigueiros, Ed. Vol. 3). Editorial Blau, Lda.)



Fig. 79 | Casa Ribeiro da Silva (Fonte: Fotografia de Rui Morais de Sousa, em: Toussaint, M. (1992). Casa de Férias em Ofir (M. Dornan, Trans.; L. Trigueiros, Ed. Vol. 3). Editorial Blau, Lda.)

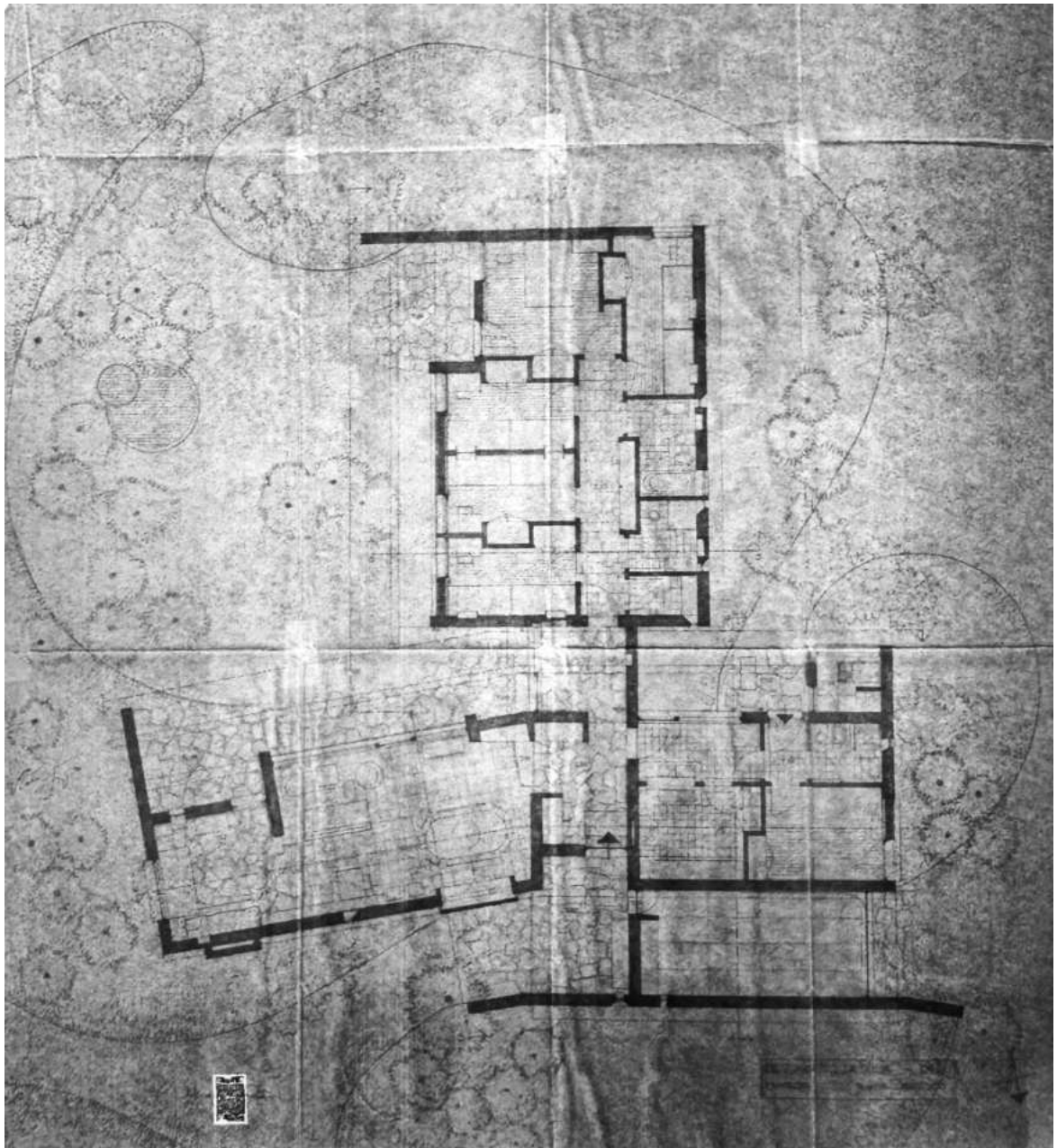


Fig. 80 | Casa Ribeiro da Silva - Planta (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 134/56)

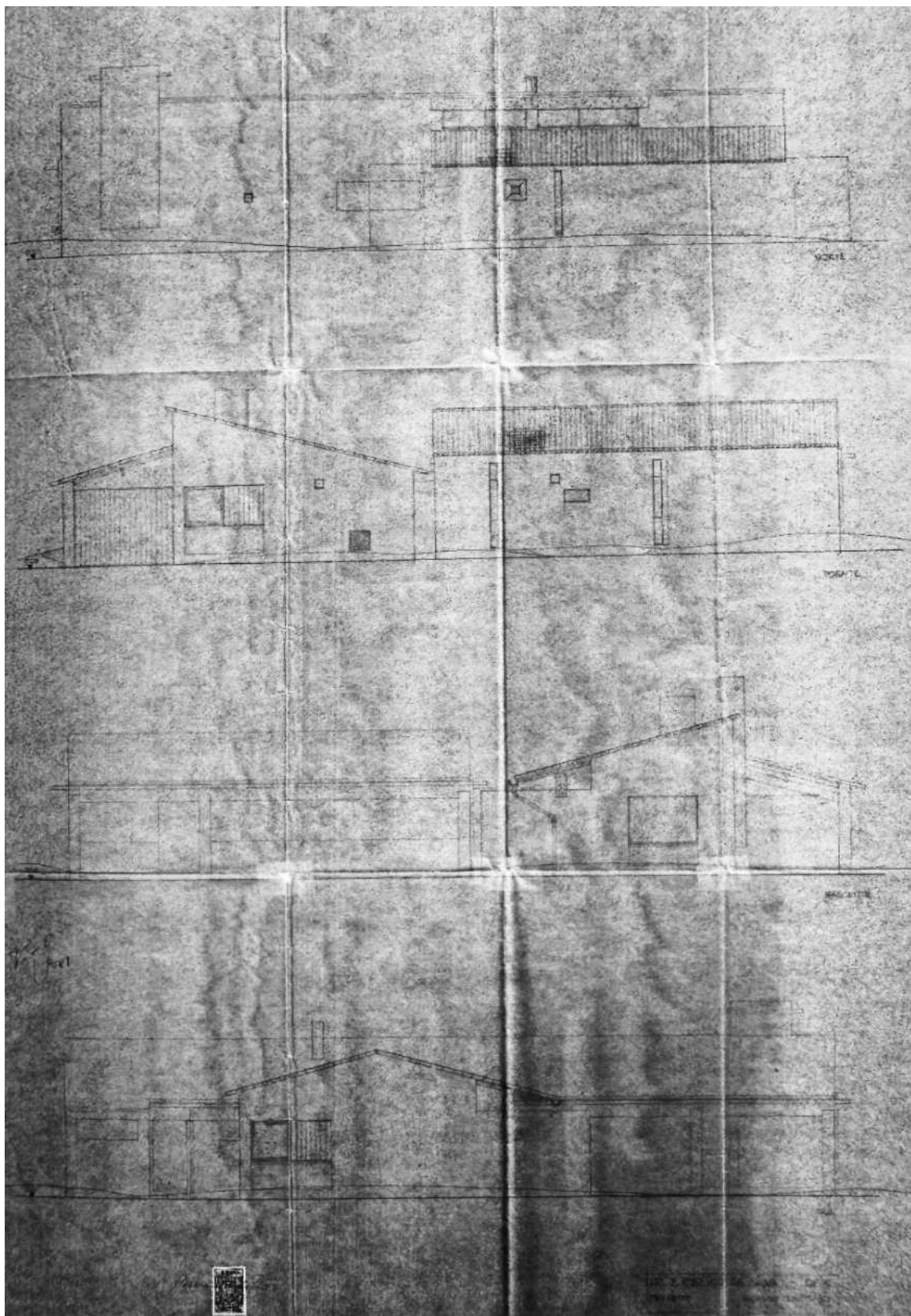


Fig. 81 | Casa Ribeiro da Silva - Alçados (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 134/56)



Fig. 82 | Casa Ribeiro da Silva (Fonte: Fotografia da autora, 2024)



Fig. 83 | Casa Ribeiro da Silva (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Casa José Ribera [24]

Ficha técnica

Arquiteto: Silva Neves e António Bandeira

Data: 1957

Localização: Avenida António Veiga

Cliente: José Ribera

Reabilitação: n/a

Área: 135m

Número de pisos: 3

Garagem: Alpendre

Observações: n/a

A Casa José Ribera, de 1957, atualmente conhecida como Casa dos Meus Netos, destaca-se pela sua notável interação entre dois volumes distintos, que acompanham simultaneamente o traçado da Avenida António Veiga e a variação do terreno. Originalmente, esta casa foi concebida como uma moradia por Adérito Parente, no entanto, a propriedade passou a ser de José Ribera, que encomendou uma série de transformações significativas, baseadas em dois projetos elaborados pelo arquiteto Carlos Henrique da Silva Neves, um datado de 1957 e outro de 1960.

No projeto inicial de 1957 houve uma adaptação e ampliação da habitação existente, enquanto no segundo, de 1960, foram introduzidas novas intervenções para ajustar a casa às necessidades e ao contexto em evolução. No entanto, a transformação mais marcante ocorreu em 1961, quando o arquiteto António Bandeira desenvolveu um projeto que visava uma *“adaptação da construção existente exclusivamente a zona íntima e uma ampliação correspondente à zona de estar e zona de serviço”* (Memória descritiva do processo de obras 27/61- José Ribera. Arquivo Municipal de Esposende).

Este projeto foi um marco na evolução da casa, promovendo uma reorganização estrutural que incluiu a adição de um novo volume no lado poente da edificação. Esta intervenção teve como objetivo separar a área de descanso das zonas comuns da casa, proporcionando maior privacidade e conforto aos seus habitantes. O novo volume foi cuidadosamente projetado para se ajustar ao terreno inclinado e conectar-se ao volume anterior por meio de um átrio central, que serve como uma transição elegante entre as diferentes partes da casa.

Este volume incorporou também um piso dedicado à garagem e outras dependências de serviço, elevando o total de andares da moradia para três. Este permitiu uma ampliação das áreas de estar e serviço, adaptando a casa às necessidades modernas e tornando-a mais funcional. A integração harmoniosa dos novos elementos com a estrutura original traduz a capacidade de a arquitetura responder às mudanças e às necessidades dos seus ocupantes, mantendo a coesão estética e funcional do edifício.

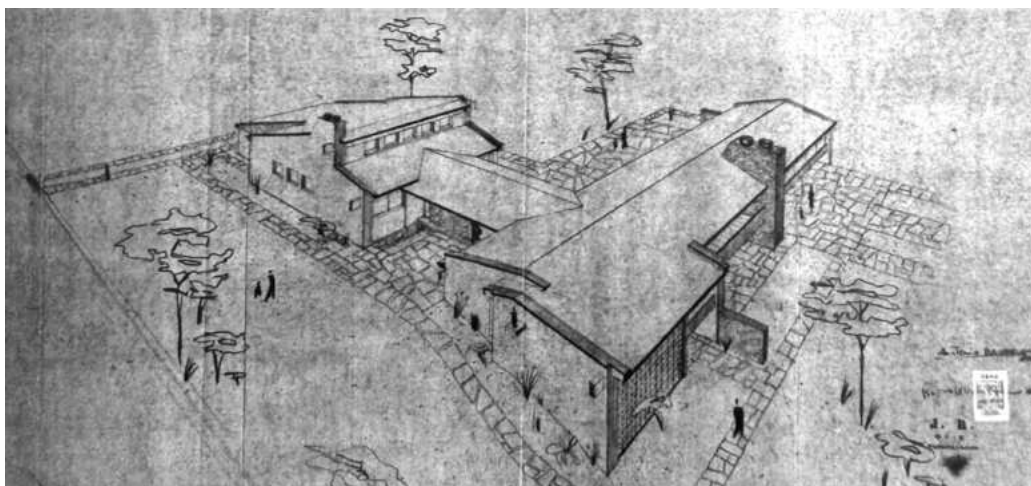


Fig. 84 | Casa José Ribera - Axonometria (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 27/61)

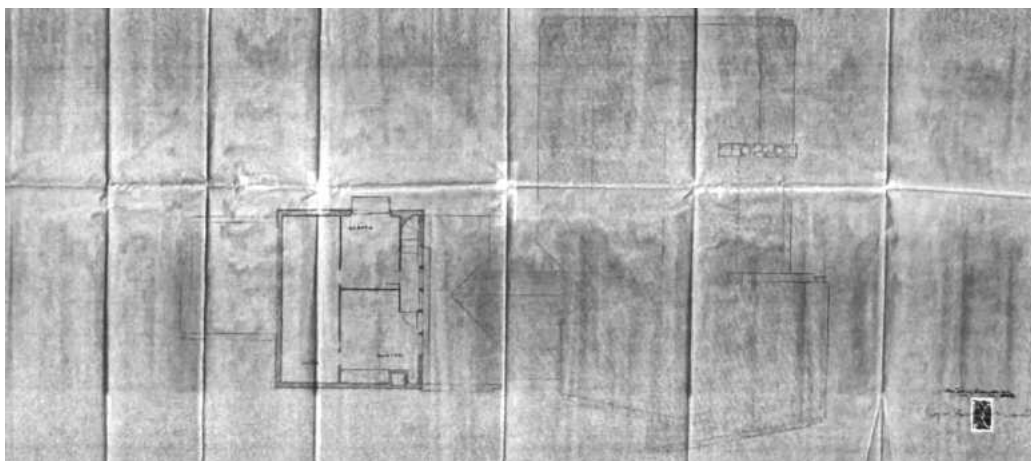


Fig. 85 | Casa José Ribera - Planta do primeiro piso (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 27/61)

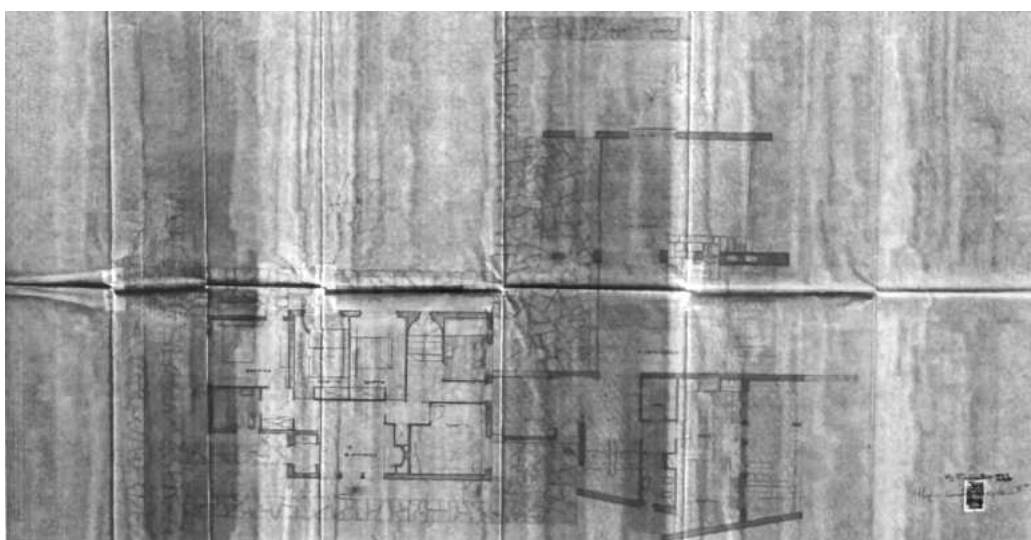


Fig. 86 | Casa José Ribera - Planta do rés-do-chão (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 27/61)

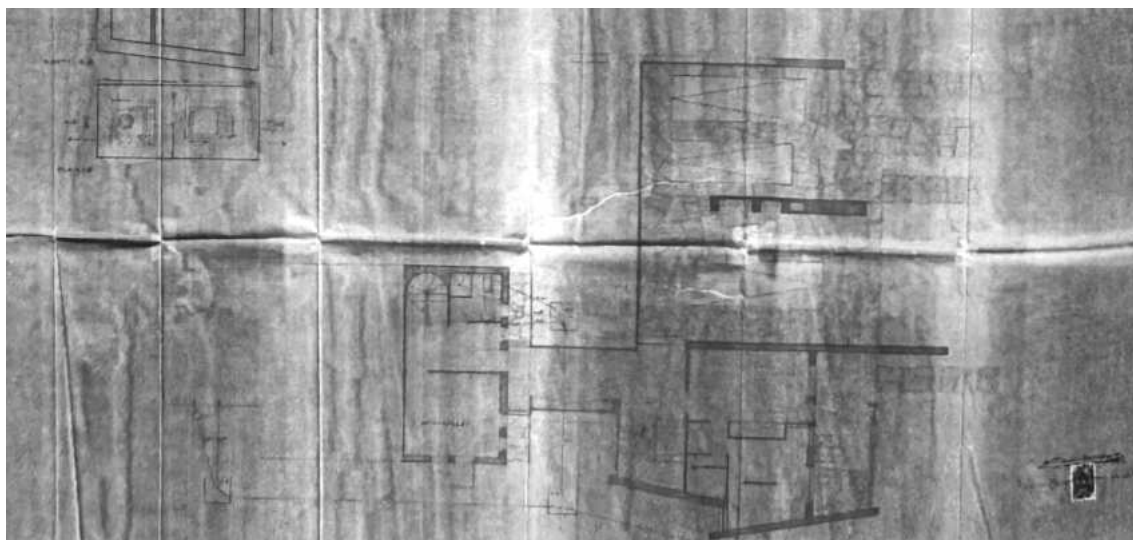


Fig. 87 | Casa José Ribera - Planta da cave (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 27/61)

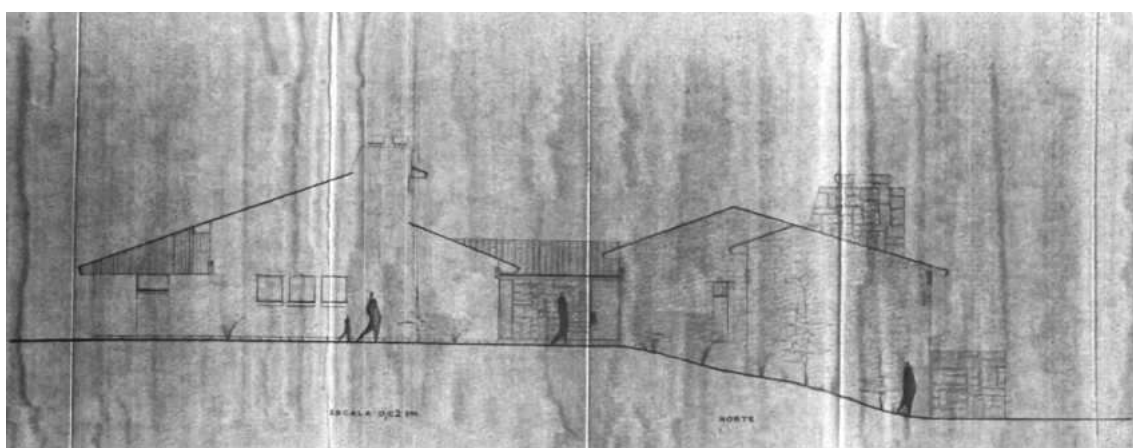


Fig. 88 | Casa José Ribera - Alçado Norte (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 27/61)

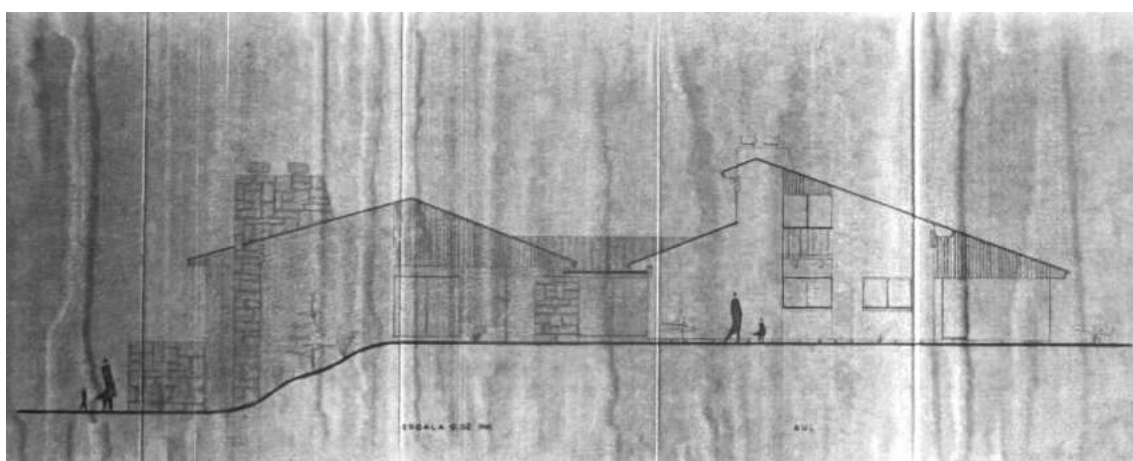


Fig. 89 | Casa José Ribera - Alçado Sul (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 27/61)



Fig. 90 | Casa José Ribera (Fonte: Fotografia da autora, 2024)



Fig. 91 | Casa José Ribera (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Anos de 1960

De acordo com a investigação efetuada em arquivo, foram identificadas três casas da década de 60 do século XX. Destaca-se o papel do Arquiteto Viana de Lima (1913-1991). Nasceu em Esposende, e contribuiu com algumas obras, nomeadamente a Casa das Marinhas, atualmente indicada como *Casa-Museu Viana de Lima*.

Casa Marília Rodrigues [40]

Ficha técnica

Arquiteto: Júlio de Oliveira

Data: 1961

Localização: Rua António Henriques

Cliente: Marília Vasconcelos Martins Rodrigues

Reabilitação:

Área: [desconhece-se]

Número de pisos: 1

Garagem: Não

Observações: n/a

A Casa Marília Vasconcelos, de 1961, combina funcionalidade e estética com uma integração cuidadosa ao ambiente. A casa possui uma planta em formato de “L”, uma escolha que não só define a sua organização espacial, mas também responde de maneira inteligente à sua localização única entre duas ruas distintas.

A propriedade está situada entre a rua Manuel Sá Pereira, a principal via que corre a norte da avenida, e a rua Ângelo de Magalhães, uma rua sem saída de pequena extensão que serve apenas duas residências. Esta configuração permite à casa uma abordagem distinta em termos de privacidade e orientação dos espaços. O arquiteto orientou os quartos da casa parcialmente para nascente, evitando a ligação direta dos quartos com as ruas movimentadas e criando um ambiente mais tranquilo e reservado. Além disso, a orientação dos quartos permite que recebam luz natural durante as primeiras horas do dia, proporcionando um ambiente mais luminoso e acolhedor pela manhã.

A garagem da casa é uma das poucas áreas com uma abertura direta para a rua Manuel Sá Pereira, mas a principal estrutura da casa mantém uma separação mais discreta em relação a esta via. Isto é especialmente importante, pois a rua e a casa encontram-se no mesmo nível, minimizando a exposição direta da residência ao tráfego e ao movimento urbano.

As restantes áreas da casa foram planeadas com vistas para poente, voltadas para a rua menos movimentada, e para sul, oferecendo uma vista serena para o interior do pinhal. Esta escolha não só maximiza a sensação de privacidade e tranquilidade, mas também integra a residência com a beleza natural do entorno.

A casa é caracterizada pelo uso de perpiano, um tipo de revestimento que proporciona um acabamento elegante e durável, e caixilharia de madeira escura, que contrasta de maneira sofisticada com a tonalidade do revestimento. Construída num lote de grande dimensão, esta casa beneficiou da amplitude do terreno, o que possibilitou a inclusão de um campo de ténis nas proximidades da moradia, complementando a residência com uma instalação de lazer de alta qualidade.

A combinação da planta bem pensada, a escolha dos materiais e a integração com o ambiente natural fazem da Casa Marília Vasconcelos um modelo notável da arquitetura residencial da década de 1960, refletindo uma abordagem cuidadosa e inovadora por parte do arquiteto Júlio de Oliveira.

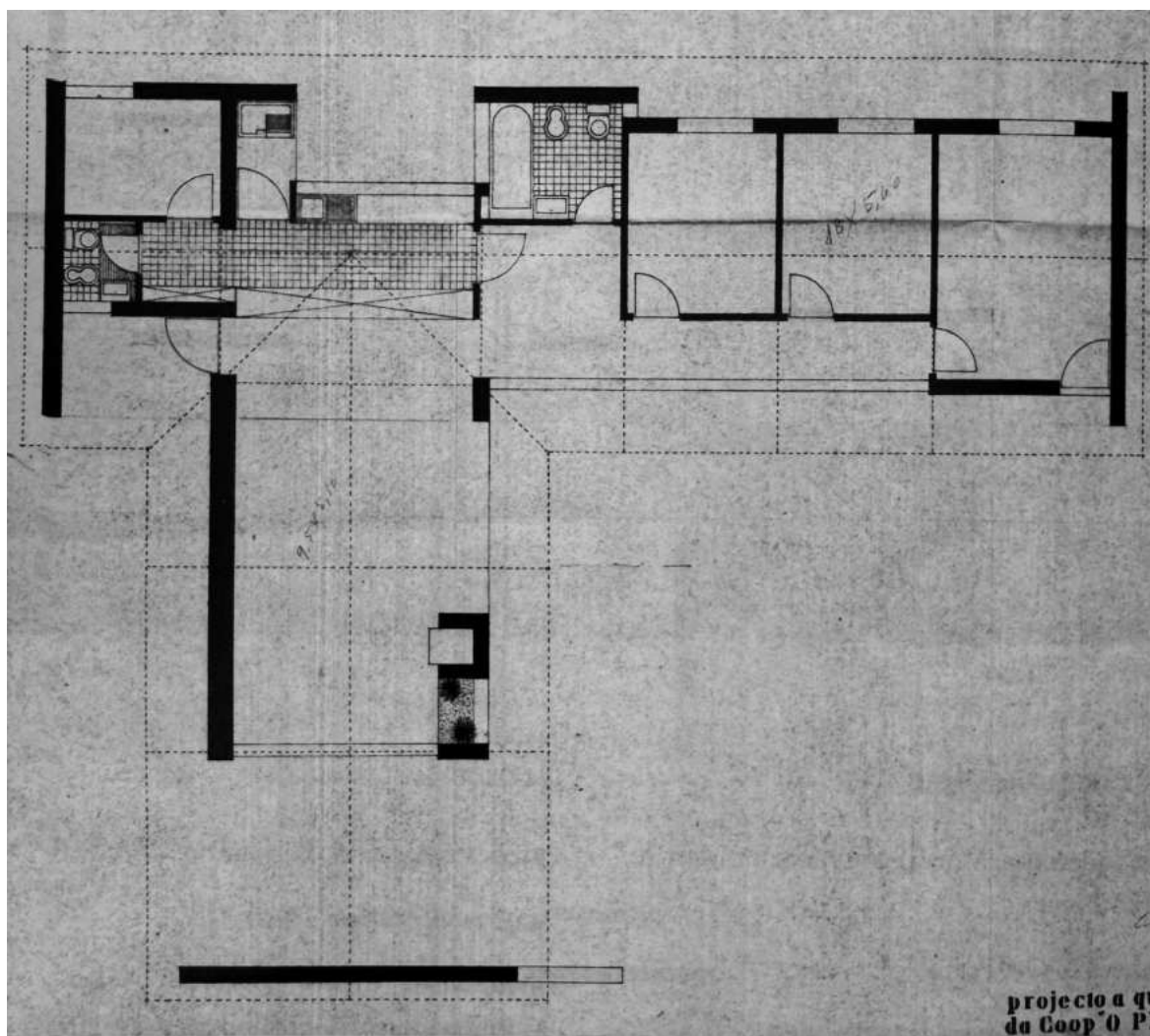


Fig. 92 | Casa Marília Rodrigues - Planta (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 531/61)

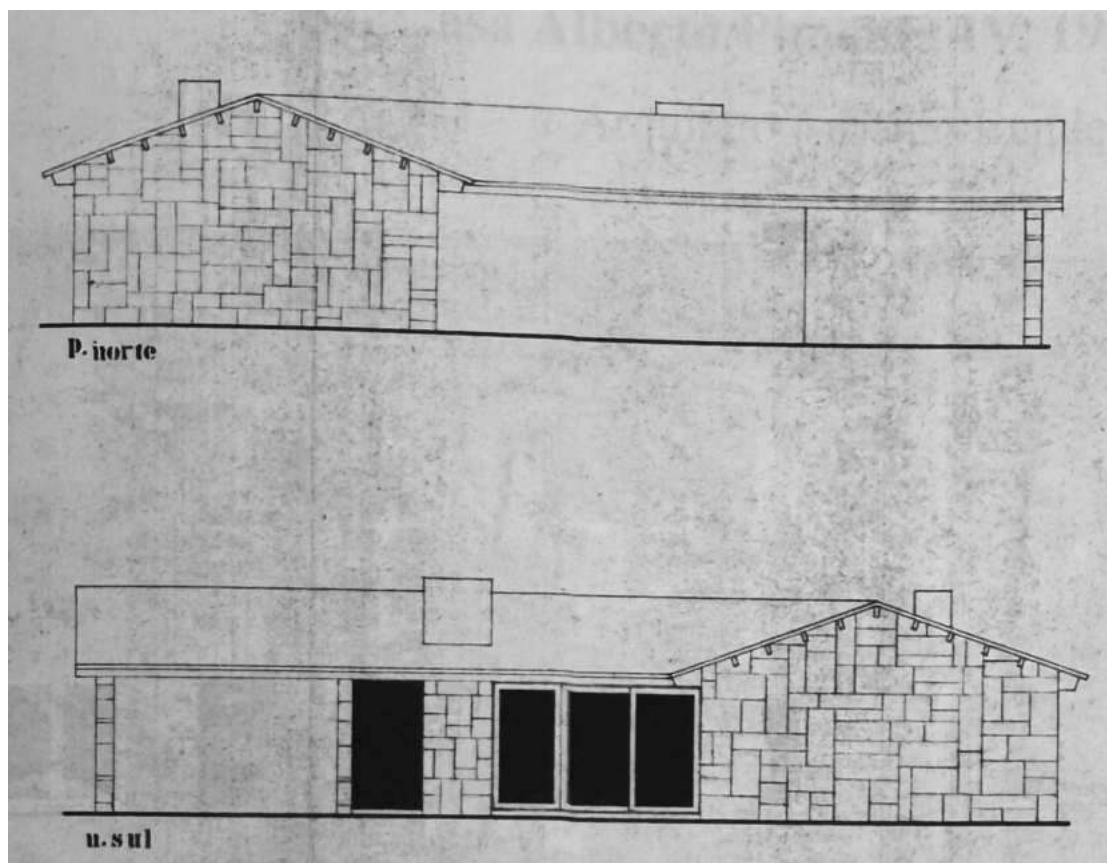


Fig. 93 | Casa Marília Rodrigues - Alçado Poente e Nascente (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 531/61)

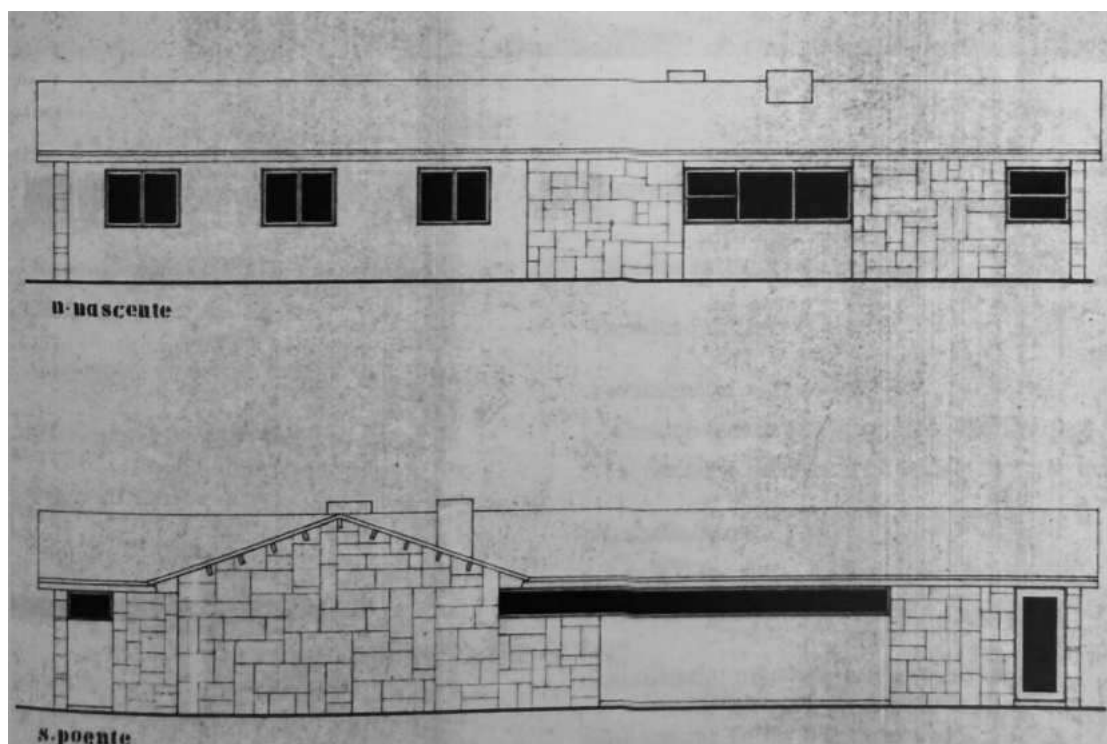


Fig. 94 | Casa Marília Rodrigues - Alçado Norte e Sul (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 531/61)



Fig. 95 | Casa Marília Rodrigues (Fonte: Fotografia da autora, 2024)



Fig. 96 | Casa Marília Rodrigues (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Casa Rocha Gonçalves [48]

Ficha técnica

Arquiteto: Viana de Lima

Data: 1964

Localização: Rua dos Barcos

Cliente: Fernando Rocha Gonçalves

Reabilitação: n/a

Área: [desconhece-se]

Número de pisos: 2

Garagem: Sim

Observações: n/a

A Casa Rocha Gonçalves, projetada pelo arquiteto Alfredo Viana de Lima, em 1964, representa um exemplo notável de inovação e tradição na arquitetura residencial.

Inicialmente, o arquiteto organiza a casa em núcleos separados distribuídos pelo terreno de acordo com as funções desejadas. Essa disposição permite uma flexibilidade e funcionalidade notáveis. A seguir, ele introduz uma nova zona de transição para unir esses núcleos de forma harmoniosa.

A primeira área desenvolvida é a dos quartos, que é dividida em *“dois núcleos, o primeiro com dois quartos, um para os pais e outro para a filha com respetivo quarto de banho e o outro com um quarto para os filhos com quarto de banho junto da sala de jogos”* (Memória descritiva do processo de obras 15/64-Fernando Rocha Gonçalves. Arquivo Municipal de Esposende).

O primeiro núcleo abriga dois quartos, ambos com as suas respetivas casas de banho. O segundo núcleo inclui um quarto adjacente à sala de jogos, igualmente com casa de banho. A escolha do local para essa área é estratégica, aproveitando a proximidade com o caminho público e a topografia do terreno. Assim, foi possível incorporar uma garagem e elevar ligeiramente a área dos quartos em relação ao restante da casa.

Seguindo a área dos quartos, encontra-se a zona de estar. Este espaço amplo é projetado com um fogão como ponto focal e abre-se tanto para a sala de estar quanto para a sala de jantar. A orientação para o sul é uma decisão inteligente para otimizar a iluminação solar natural. A zona de estar estende-se para o exterior, com o piso de tijoleira continuando além das paredes internas.

Dois muretes delimitam o espaço externo, um dos quais é transformado num pequeno banco.

A zona de serviços, localizada a oeste, integra a cozinha, copa, despensa, entrada de serviço, quarto de empregada e instalações sanitárias. A zona de transição desempenha um papel crucial, começando na entrada principal da casa, situada entre os dois núcleos de quartos, e estendendo-se ao longo de um extenso corredor que interliga a zona de estar e a zona de serviços. Este corredor não só facilita a circulação, mas também mantém uma coesão funcional entre as diferentes áreas da casa.

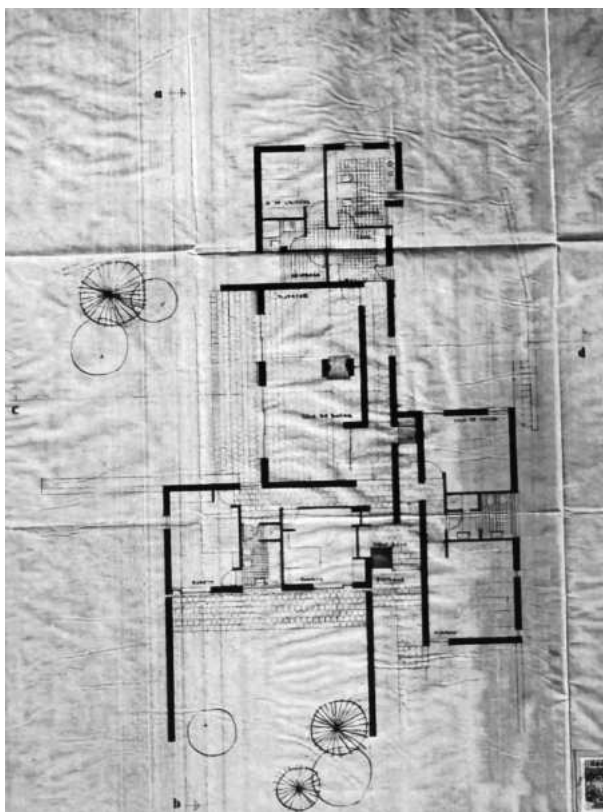


Fig. 97 | Casa Rocha Gonçalves - Planta do rés-do-chão (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 15/64)

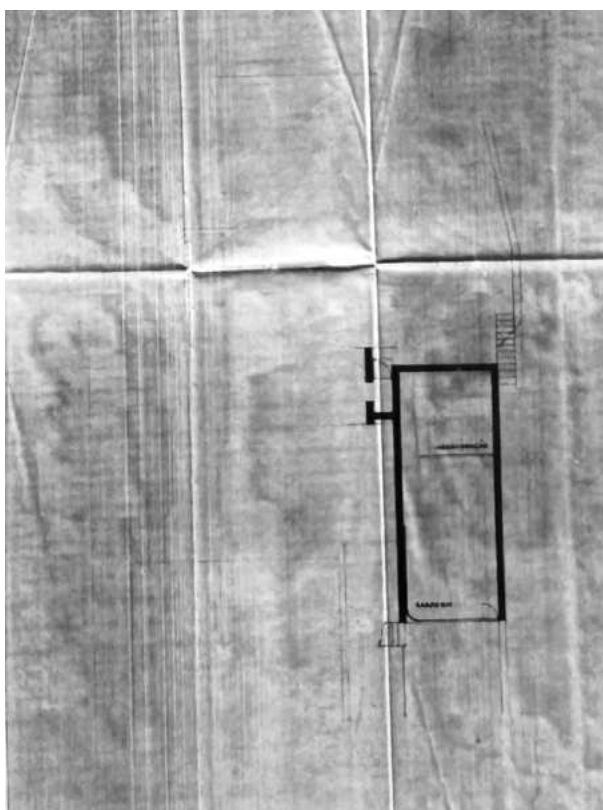


Fig. 98 | Casa Rocha Gonçalves - Planta da cave (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 15/64)

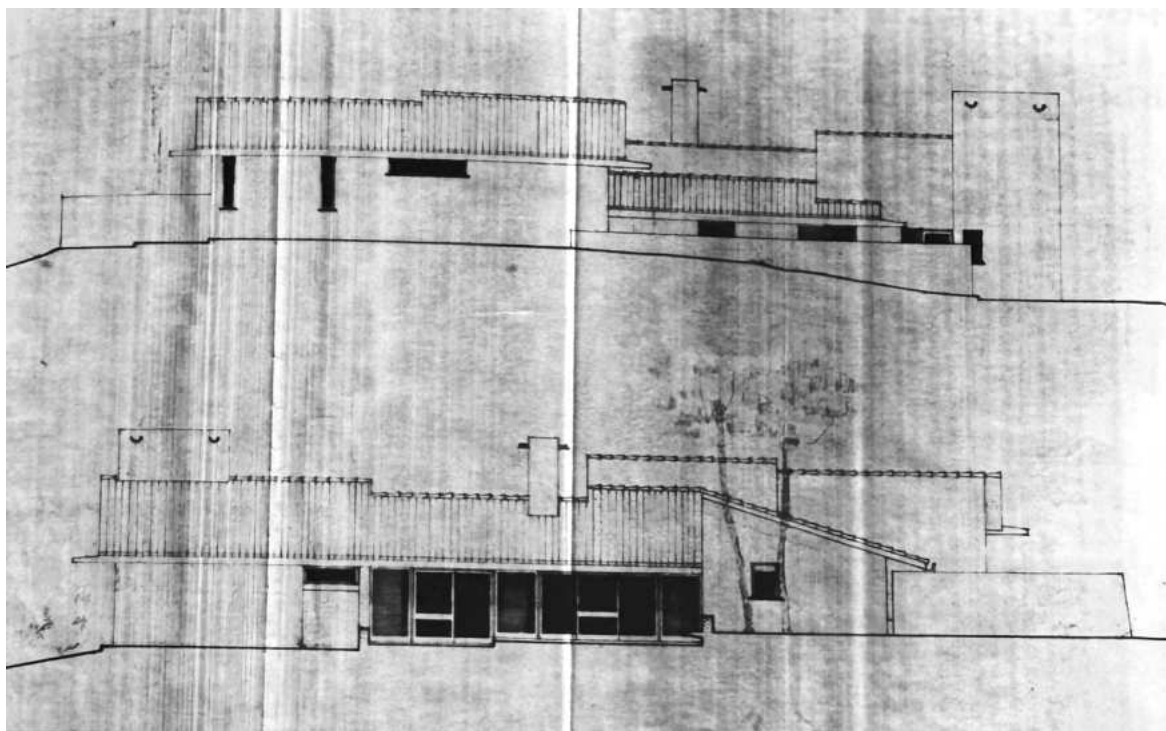


Fig. 99 | Casa Rocha Gonçalves - Alçado Sul e Norte (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 15/64)

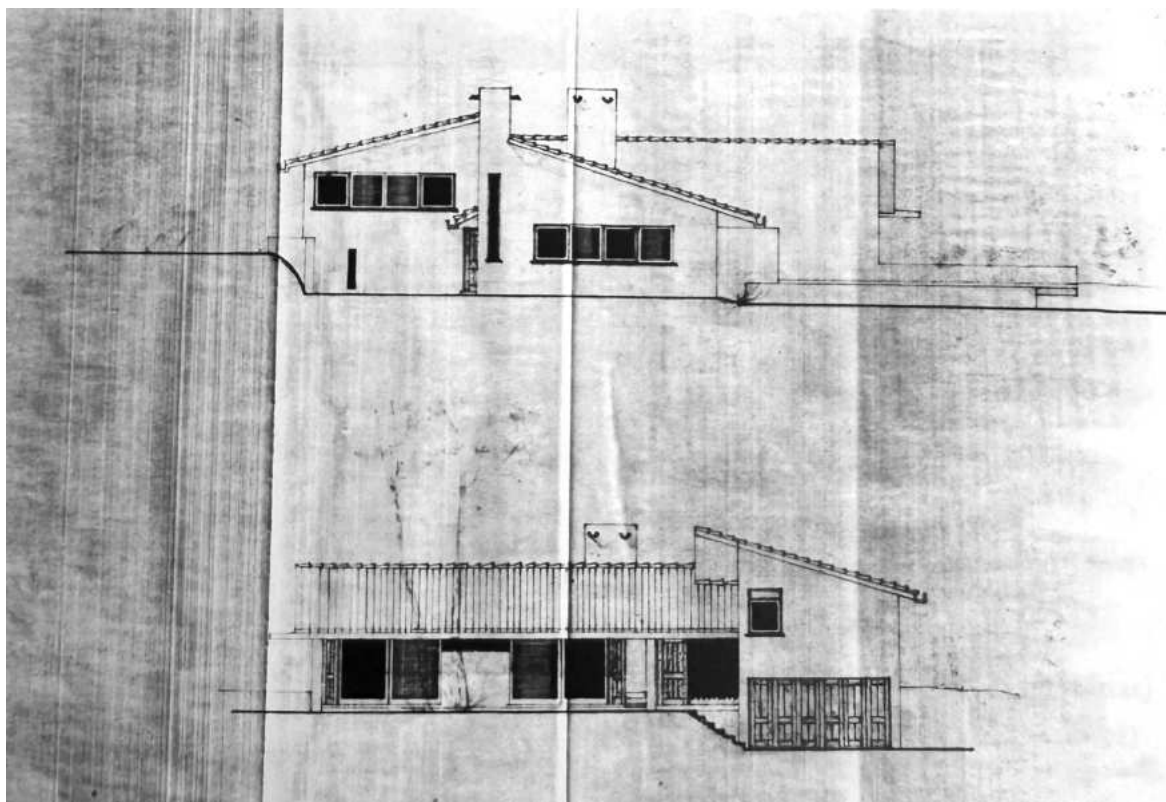


Fig. 100 | Casa Rocha Gonçalves - Alçado Poente e Nascente (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 15/64)



Fig. 101 | Casa Rocha Gonçalves (Fonte: Fotografia da autora, 2024)



Fig. 102 | Casa Rocha Gonçalves (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Casa José Ferreira de Magalhães [61]

Ficha técnica

Arquiteto: João Almeida Camacho

Data: 1966

Localização: Rua Padre Manuel Sá Pereira

Cliente: José António Ferreira de Magalhães

Reabilitação: n/a

Área: [desconhece-se]

Número de pisos: 2

Garagem: Não

Observações: n/a

A Casa Ferreira de Magalhães, de 1967, é uma habitação onde se destaca uma harmoniosa combinação de volumes, ajustados às diferentes áreas da habitação. Este projeto foi pensado para estabelecer uma ligação com o estuário do rio Cávado. Em resposta a esta relação com a natureza, a sala de estar e a área íntima da residência estão orientadas para o estuário, proporcionando uma vista panorâmica e uma sensação de proximidade com a água. A área de serviço localiza-se mais próxima à rua, funcionando como um elemento de separação entre o espaço público e a visão privilegiada do rio.

A disposição da casa é marcada pela funcionalidade e pela integração com o ambiente envolvente. No rés-do-chão, encontram-se quatro quartos. No primeiro andar está situado um quinto quarto, o principal, oferecendo uma maior privacidade e uma vista privilegiada sobre a paisagem. A zona social da casa é composta por uma sala de estar que *“é composta por um salão e uma pequena sala de jantar que se abrem para o exterior alargando assim as suas áreas em dias amenos”* (Memória descritiva do processo de obras 455/66- José António Ferreira de Magalhães. Arquivo Municipal de Esposende), promovendo uma experiência de convivência íntima com a paisagem.

O projeto da casa reflete uma combinação de estilos, onde se nota elementos rústicos como as paredes de alvenaria de xisto, que coexistem com superfícies lisas acabadas em reboco. Esta junção de materiais e acabamentos cria um equilíbrio visual e estético, que evidencia a versatilidade do design e a capacidade do arquiteto de integrar a construção de forma sensível ao seu contexto natural.

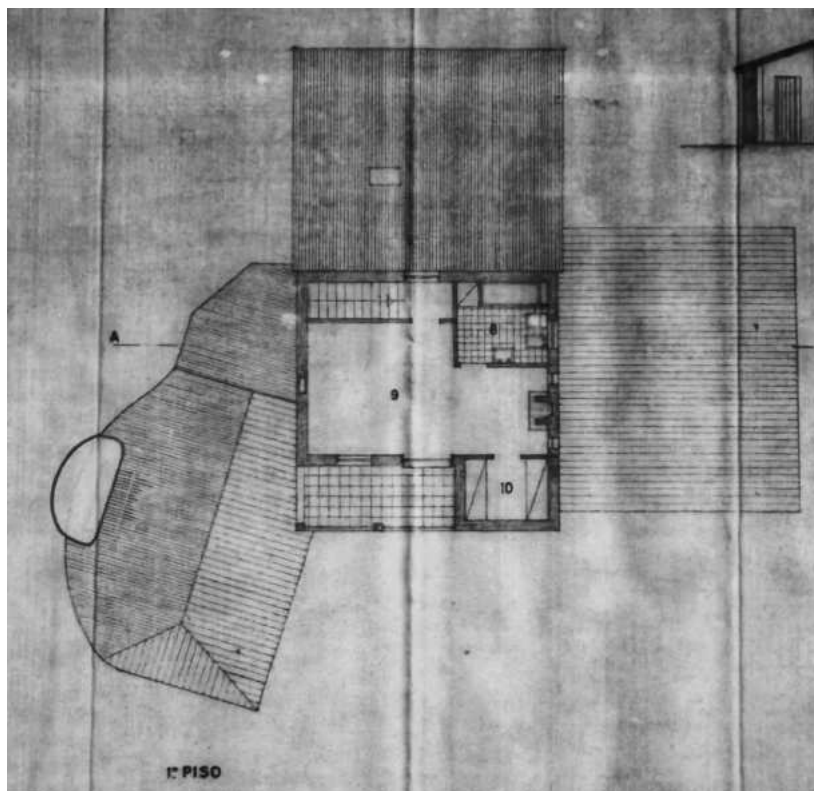


Fig. 103 | Casa José Ferreira de Magalhães - Planta do primeiro piso (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 403/67)

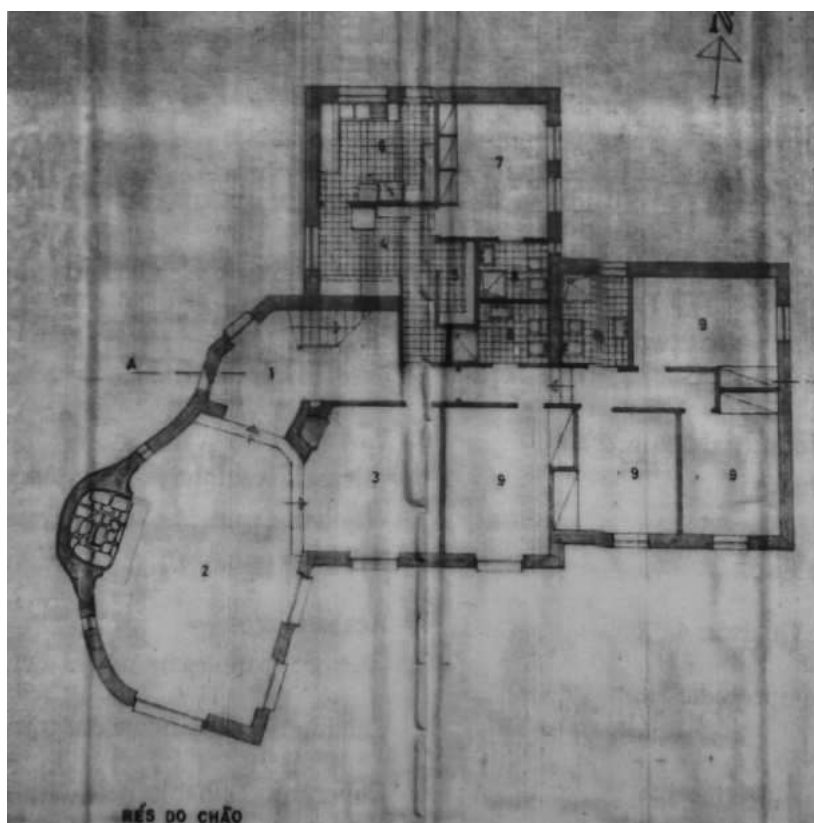


Fig. 104 | Casa José Ferreira de Magalhães - Planta do rés-do-chão (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 403/67)

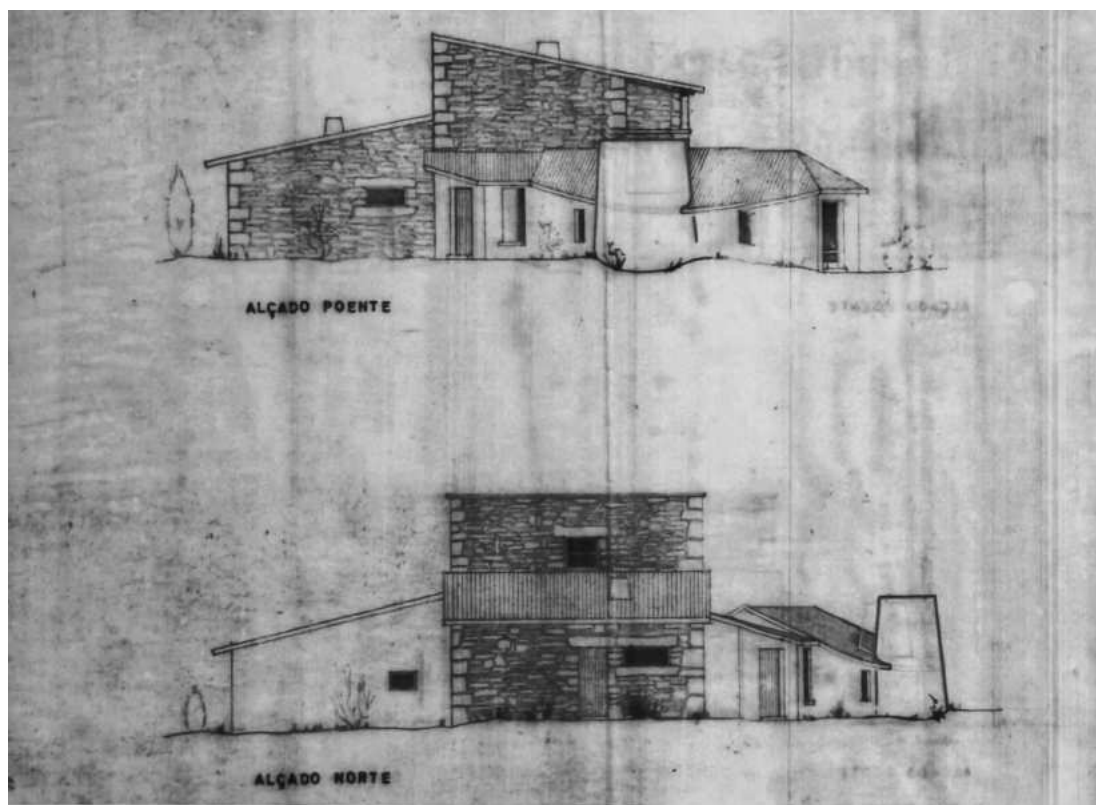


Fig. 105 | Casa José Ferreira de Magalhães - Alçado Poente e Norte (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 403/67)

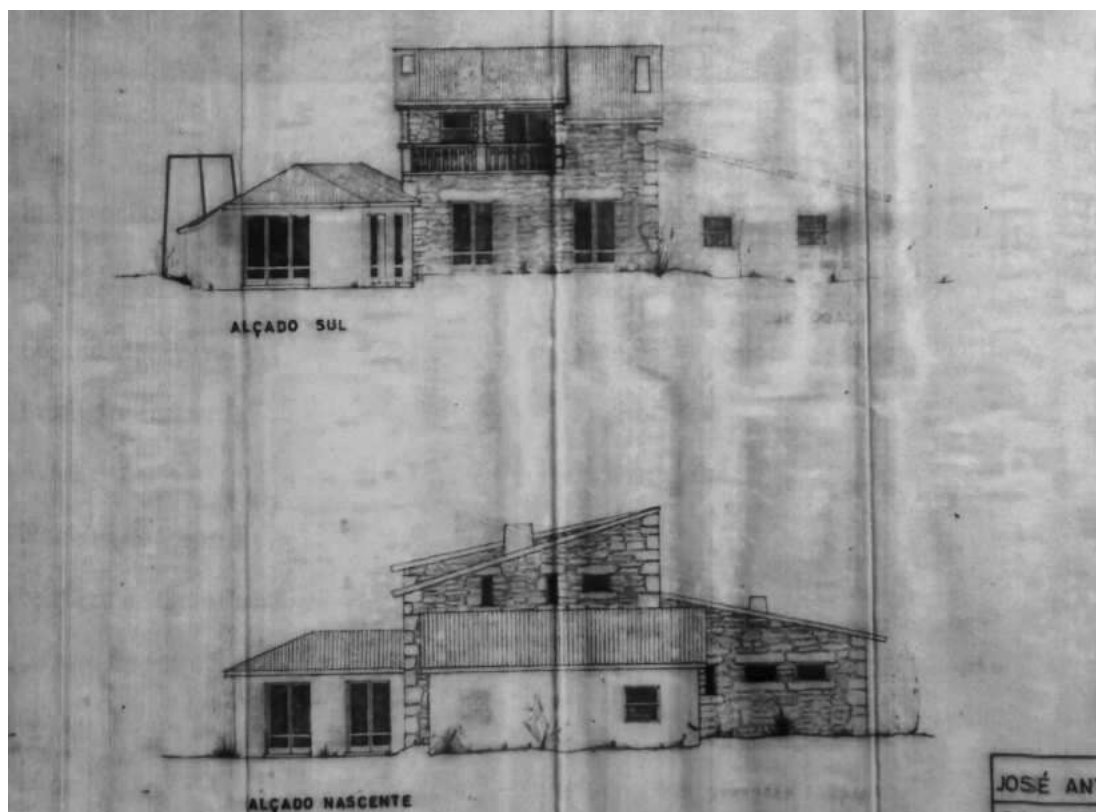


Fig. 106 | Casa José Ferreira de Magalhães - Alçado Sul e Nascente (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 403/67)



Fig. 107 | José Ferreira de Magalhães (Fonte: Fotografia da autora, 2024)



Fig. 108 | José Ferreira de Magalhães (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Anos de 1970

De acordo com a investigação efetuada em arquivo, foram identificadas duas casas da década de 70 do século XX. Destaca-se o papel do Arquiteto António Lobão Vital (1911-1978). Integrou a Organização dos Arquitetos Modernos (ODAM) e participou ativamente no I Congresso Nacional de Arquitetura (1948).

Casa Ramiro Gonçalves [69]

Ficha técnica

Arquiteto: António Lobão Vital

Data: 1970

Localização: Rua dos Barcos

Cliente: Ramiro de Lima Gonçalves

Reabilitação: n/a

Área: [desconhece-se]

Número de pisos: 2

Garagem: Sim

Observações: n/a

A Casa Ramiro Gonçalves, de 1970, atualmente conhecida como Vila Xana, destaca-se pela sua integração cuidadosa com o ambiente natural, refletindo um design inovador e funcional. O conceito arquitetônico é centrado na conexão harmoniosa entre o topo da duna e a sua base, uma característica que molda a disposição e o layout da casa. Situada na área adjacente à orla marítima, a casa é organizada em dois pisos distintos.

No piso inferior, encontram-se várias áreas de serviço essenciais. A garagem, com capacidade para alguns veículos, é imediatamente acessível, facilitando a entrada e a saída da propriedade. Ao lado, situa-se o quarto da empregada. Uma casa de banho de serviço também está disponível neste nível, bem como um espaço de armazenamento generoso que inclui uma dispensa e uma adega.

O primeiro andar da casa é dedicado às áreas principais de habitação. A zona de descanso é posicionada de forma a aproveitar a luz natural do lado poente, proporcionando um ambiente tranquilo. A ampla sala de estar, junto à zona de descanso, é um espaço aberto e luminoso, ideal para convívios.

A cozinha, situada perto da entrada superior, foi cuidadosamente projetada para estar em proximidade com as escadas de serviço. Esta localização facilita a organização e a circulação dentro da casa, permitindo um fluxo eficiente entre as diferentes áreas funcionais.

Um dos elementos distintivos desta casa é o seu design envidraçado. A residência possui um conjunto de vãos de extensas dimensões, com *“grandes aberturas envidraçadas voltadas ao mar e a nascente, para maior transparência das fachadas”* (Memória descritiva do processo de obras 420/70-Ramiro Lima Gonçalves. Arquivo Municipal de Esposende). Estes vãos garantem uma abundante luz natural e oferecem uma transparência nas fachadas que integra os interiores com o exterior, permitindo aos habitantes desfrutar de uma conexão constante com a paisagem circundante.

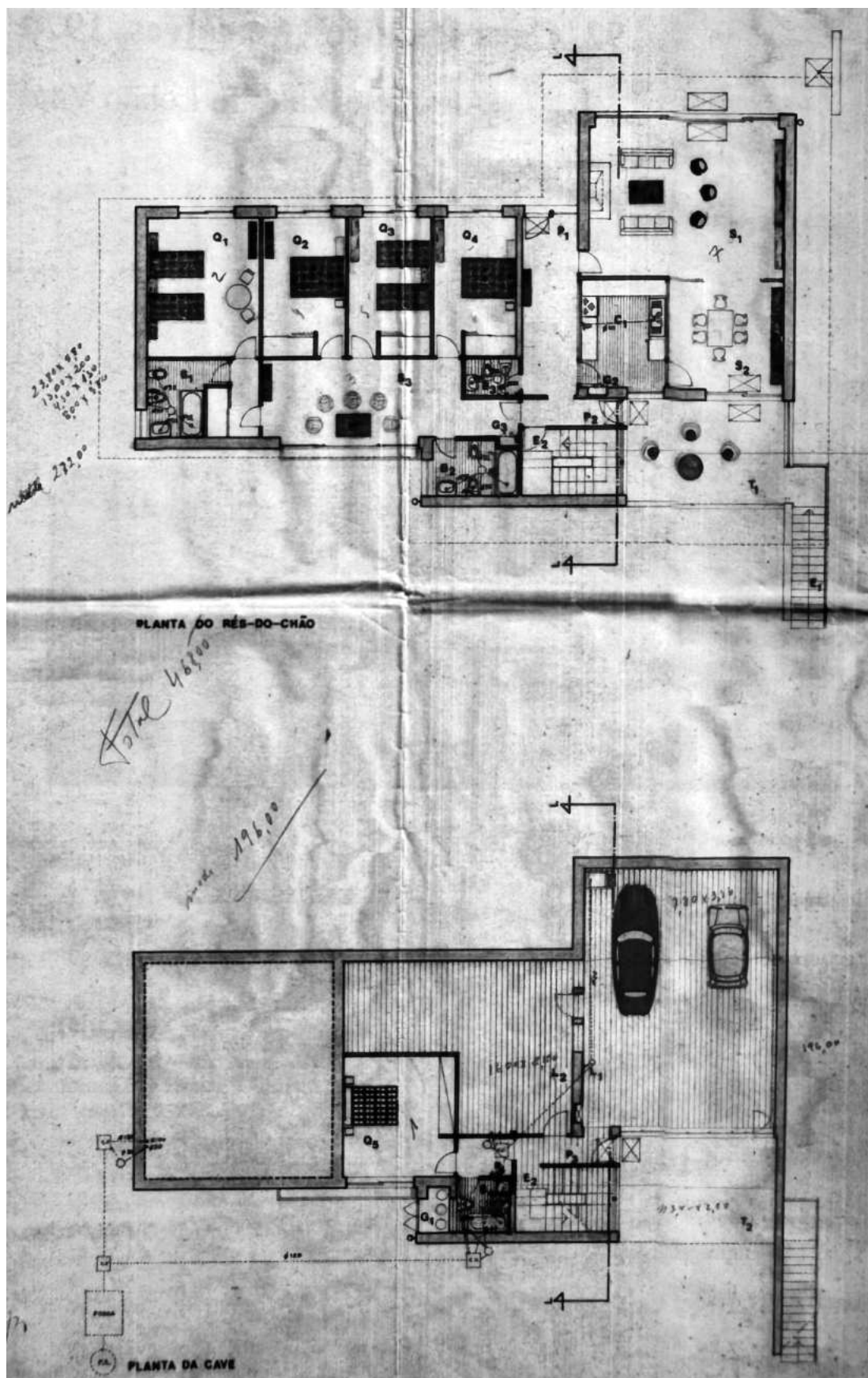


Fig. 109 | Casa Ramiro Gonçalves - Planta do rés-do-chão e da cave (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 420/70)

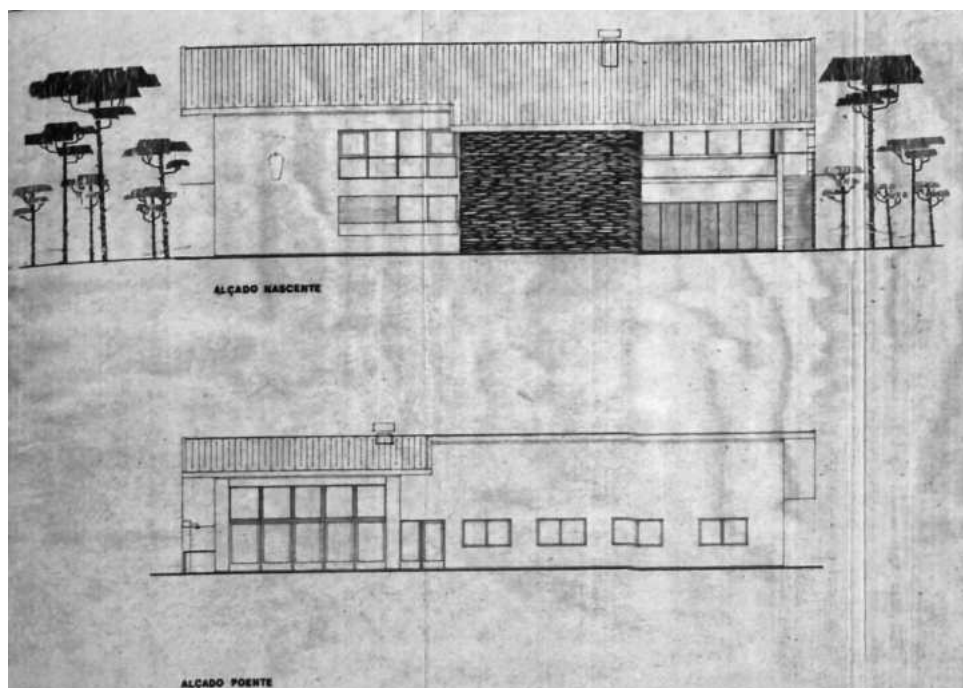


Fig. 110 | Casa Ramiro Gonçalves - Alçados Nascente e Poente (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 420/70)

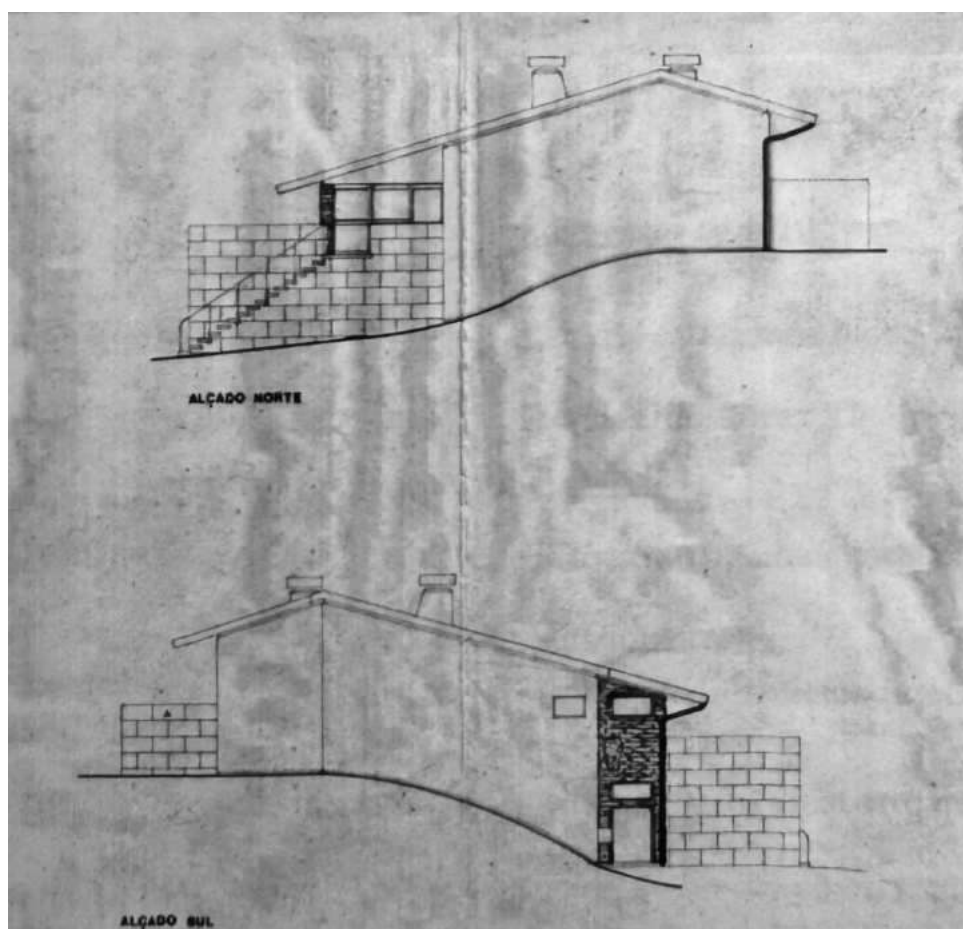


Fig. 111 | Casa Ramiro Gonçalves - Alçados Norte e Sul (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 420/70)



Fig. 112 | Casa Ramiro Gonçalves (Fonte: Fotografia da autora, 2024)



Fig. 113 | Casa Ramiro Gonçalves (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Casa Martins da Costa [73]

Ficha técnica

Arquiteto: Ferreira de Oliveira

Data: 1972

Localização: Rua dos Barcos

Cliente: José Narciso Martins da Costa

Reabilitação: n/a

Área: [desconhece-se]

Número de pisos: 2

Garagem: Sim

Observações: n/a

A Casa Martins da Costa, do ano 1972, foi a última habitação a ser construída ao longo da encosta dunar. Nesta moradia está presente uma arquitetura que combina funcionalidade e estética, adaptando-se harmoniosamente ao seu ambiente natural.

O projeto é constituído por dois volumes distintos, mas interligados, que se distribuem ao longo da duna. O primeiro volume, situado na base da duna, abriga um acolhedor alpendre. O segundo volume, posicionado no topo do cordão dunar, oferece uma vista panorâmica para o mar a partir das áreas de estar e descanso. Esta disposição permite que a casa maximize as suas vistas deslumbrantes e se integre perfeitamente com a paisagem envolvente. A área de serviço, por sua vez, desfruta de uma vista tranquila para o pinhal adjacente.

No piso inferior, o alpendre serve como uma zona de receção e convivência exterior, proporcionando uma transição suave entre o interior e o exterior. Este nível também alberga a garagem, a lavandaria, um sanitário de serviço e as escadas que ligam ao andar superior.

No piso superior, a configuração do espaço é otimizada para oferecer conforto e funcionalidade. A sala comum, orientada para sul, beneficia da luz solar abundante e das vistas para o oceano, enquanto a área dos quartos, voltada para norte, garante um ambiente mais reservado e tranquilo, também com grandes janelas voltadas para oeste. Esta orientação maximiza a luminosidade natural e aproveita a vista do pôr-do-sol. A área de serviço, composta pela cozinha e copa, possui uma abertura para leste, através de uma janela menor e mais discreta, que oferece uma vista para o início do dia.

O acesso à casa é facilitado por vários pontos. Além das escadas internas que interligam os dois andares, existem dois caminhos externos que permitem o acesso à residência, um situado a norte e outro a sul, proporcionando assim várias opções de acesso à habitação.

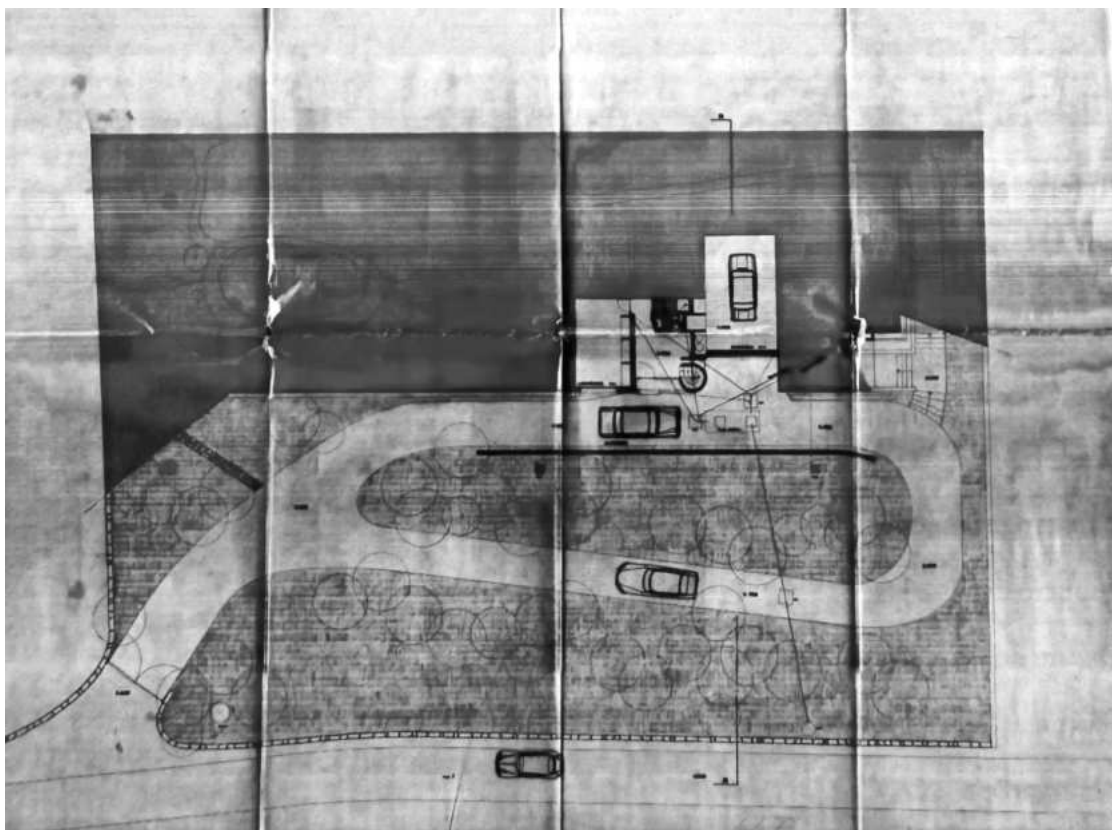


Fig. 114 | Casa Martins da Costa - Planta da cave (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 267/72)

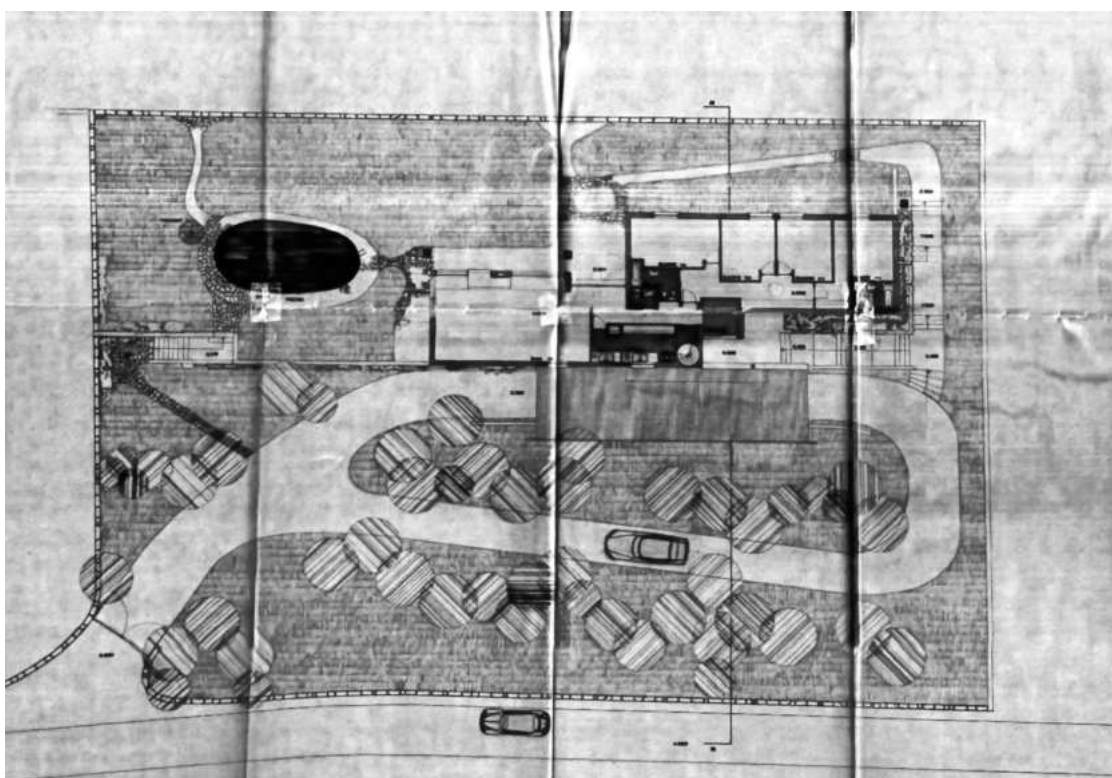


Fig. 115 | Casa Martins da Costa - Planta do rés-do-chão (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 267/72)

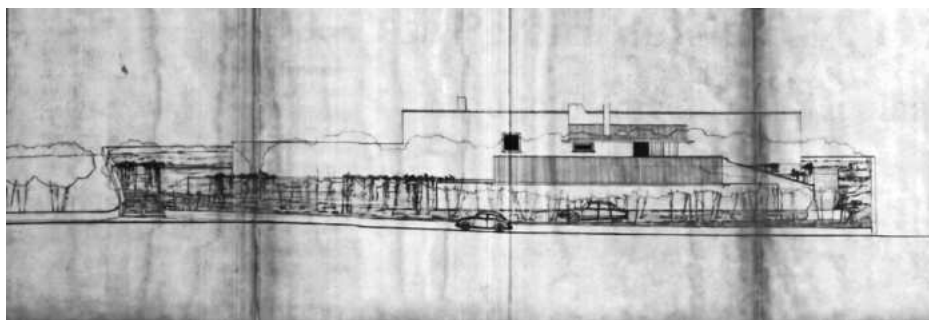


Fig. 116 | Casa Martins da Costa - Alçado Nascente (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 267/72)

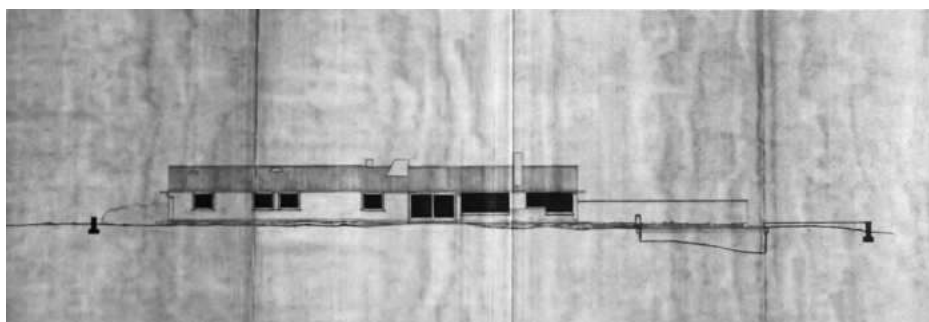


Fig. 117 | Casa Martins da Costa - Alçado Poente (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 267/72)

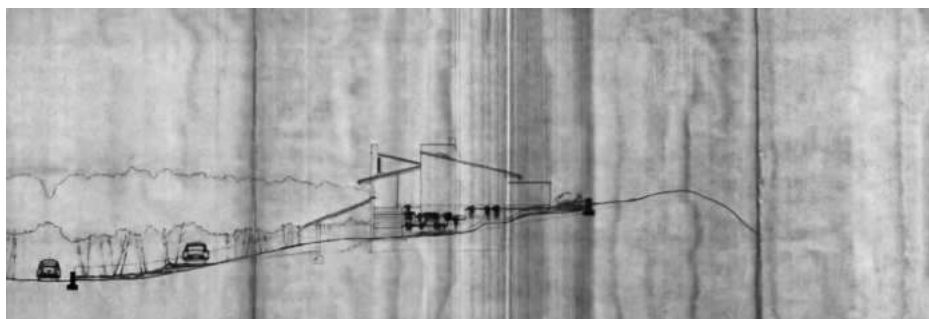


Fig. 118 | Casa Martins da Costa - Alçado Norte (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 267/72)

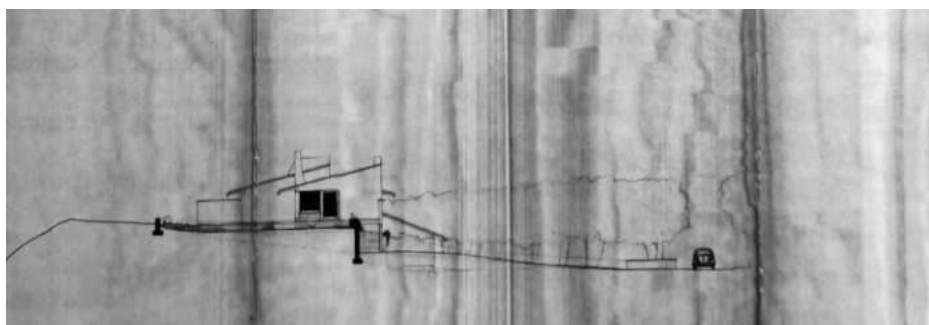


Fig. 119 | Casa Martins da Costa - Alçado Sul (Fonte: Arquivo Municipal de Esposende, Processo de Obras 267/72)



Fig. 120 | Casa Martins da Costa (Fonte: Fotografia da autora, 2024)



Fig. 121 | Casa Martins da Costa (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Anos de 1980

De acordo com a investigação efetuada em arquivo, foi identificada uma casa da década de 80 do século XX. Destaca-se o papel do Arquiteto Alcino Soutinho (1930-2013).
A Casa Pinto de Sousa constitui uma das obras de maior relevo do arquiteto.

Casa Pinto de Sousa [76]

Ficha técnica

Arquiteto: Alcino Soutinho

Data: 1984

Localização: Travessa do Paul

Cliente: João Pedro Gonçalves Pinto de Sousa

Reabilitação: n/a

Área: [desconhece-se]

Número de pisos: 2

Garagem: Sim

Observações: n/a

A Casa Pinto de Sousa, de 1984, contém uma arquitetura que alia a funcionalidade a uma adaptação minuciosa às necessidades do cliente e ao contexto territorial. Este projeto destaca-se pela sua integração com a paisagem envolvente, apesar da sua arquitetura distinta, mas adaptada à época de construção. Esta interligação foi uma influência determinante no desenvolvimento desta obra, resultando numa habitação que se encaixa harmoniosamente no ambiente, oferecendo proximidade com a natureza, e que promove assim uma sensação de serenidade e bem-estar.

Esta casa está situada numa área de grande valor ecológico e ambiental, mas também de elevada fragilidade, por isso enfrenta desafios impostos pela erosão costeira e pelas inundações ocasionadas pelo estuário do Rio Cávado. A zona da restinga onde se insere, funciona como uma barreira natural que protege a cidade de Esposende, sublinhando a importância das funções ecológicas da região.

A relação entre a moradia e o pinhal circundante é uma característica notável do projeto. O pinhal foi mantido dentro da propriedade, com a preservação de várias árvores devido ao seu valor estético, funcional e protetor. A habitação está situada num amplo relvado arborizado, apresentando uma forte ligação com o jardim. Acentuada pelas grandes janelas e aberturas oculares elevadas que emolduram vistas do exterior, transformando-as em quadros de natureza viva. Através dessas janelas, o jardim parece estender-se para dentro da casa, criando uma sensação de continuidade entre o interior e o exterior.

Em conformidade com o plano atual que respeita a natureza existente, esta casa ocupa apenas uma parte do terreno e deixa o restante livre. A implantação começa após a última linha de árvores, aproveitando a luz solar em toda a casa. Desde a entrada, percebe-se a divisão clara entre a área privada/familiar e a zona de entrada, que funciona como espaço de receção. A residência está situada num canto do lote, maximizando o espaço livre na área principal.

A casa tem uma forma retangular e é dividida em dois pisos, sendo o rés-do-chão a zona mais social e o primeiro piso a área mais privada. Esta habitação é organizada de forma que, mesmo sendo fluída, os espaços possam ser independentes quando necessário, através de portas que separam os ambientes. No piso térreo, encontram-se a sala de estar, sala de jantar, cozinha, quarto da empregada e casa de banho de apoio, com fácil comunicação visual entre eles.

Os quartos e o escritório estão situados no piso superior, tendo uma ligação visual com o hall de entrada, que possui um pé-direito duplo. Este piso é mais fechado e intimista, promovendo uma maior privacidade. O corredor, no entanto, confere coerência aos espaços, tornando a circulação mais agradável.

A sua construção não foi fácil, *“contando exclusivamente com as artes locais e a participação de carpintaria de uma fábrica (que nada tem a ver com construção civil)”* (Cremascoli, 2013: 39).

A casa reflete uma relação horizontal com o terreno, contrastada pela verticalidade das chaminés e do hall de entrada. Alcino Soutinho equilibra a simplicidade das fachadas com a complexidade da cobertura, conjugando a horizontalidade e verticalidade de forma harmoniosa.



Fig. 122 | Casa Pinto de Sousa (Fonte: Fotografia de Luís Ferreira Alves, em: Cremascoli, R. (2013). Alcino Soutinho (Vol. 1). Verso da História)



Fig. 123 | Casa Pinto de Sousa (Fonte: Fotografia de Luís Ferreira Alves, em: Cremascoli, R. (2013). Alcino Soutinho (Vol. 1). Verso da História)

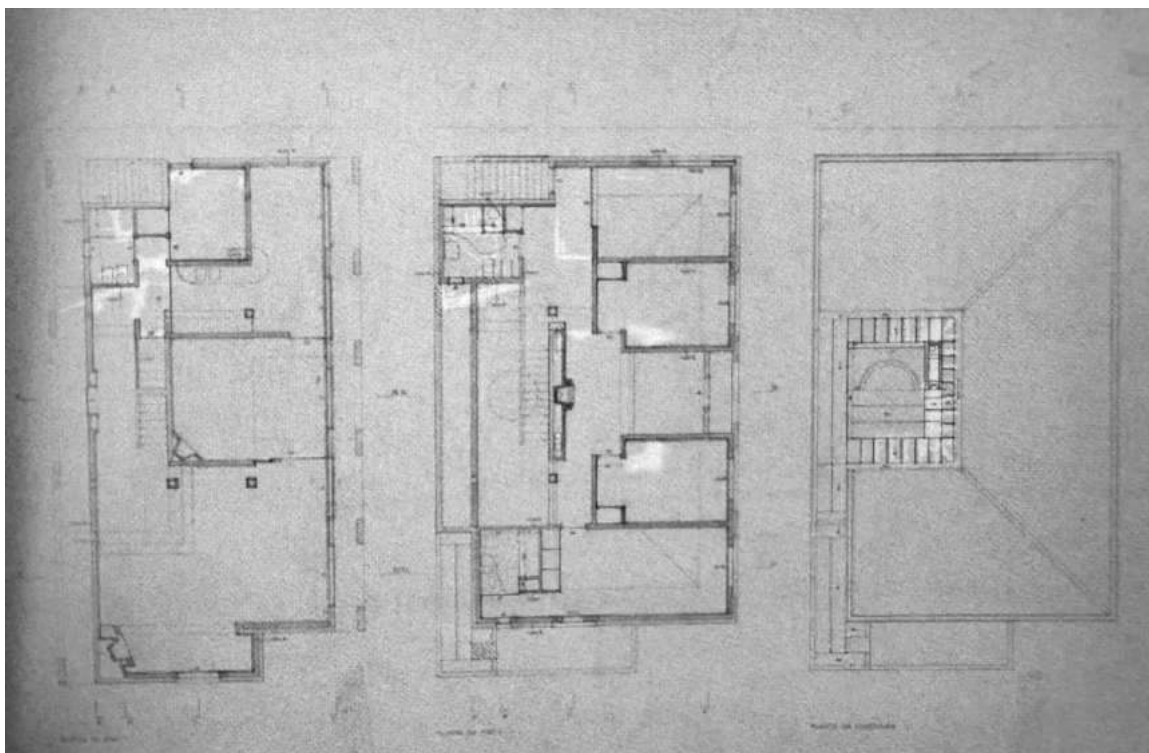


Fig. 124 | Casa Pinto de Sousa – Plantas (Fonte: Fotografia de Luís Ferreira Alves, em: Cremascoli, R. (2013). Alcino Soutinho (Vol. 1). Verso da História)

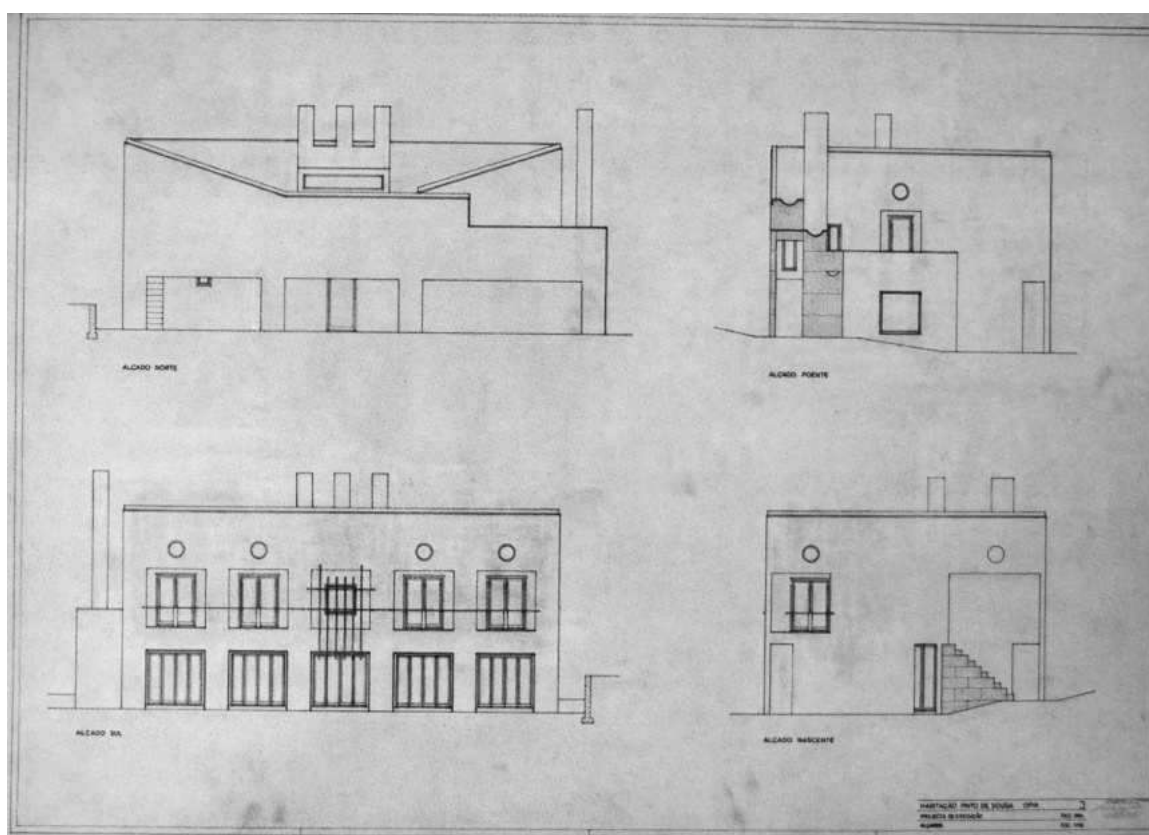


Fig. 125 | Casa Pinto de Sousa - Alçados (Fonte: Fotografia de Luís Ferreira Alves, em: Cremascoli, R. (2013). Alcino Soutinho (Vol. 1). Verso da História)



Fig. 126 | Casa Pinto de Sousa (Fonte: Fotografia da autora, 2024)



Fig. 127 | Casa Pinto de Sousa (Fonte: Fotografia da autora, 2024)

Leitura

A casa própria, localizada na cidade ou nos seus arredores imediatos, concebida com um programa de permanência, representa o espírito da cidade-jardim howardiana do final do século XIX. Este conceito reflete uma tentativa de compromisso entre o ambiente natural e o contexto urbano, materializando-se no "jardim urbano", um espaço de dimensões moderadas que estabelece uma ligação harmoniosa entre o parque público e o jardim privado.

O programa da moradia unifamiliar sempre foi um campo de eleição para a experimentação arquitetónica, funcionando como um laboratório em pequena escala onde se testam novos materiais e tecnologias e se propõem diferentes modos de vida e de organização espacial. Esta tipologia habitacional é geralmente destinada a proprietários com alguma capacidade financeira, e continua a ser, especialmente para arquitetos jovens, uma oportunidade privilegiada para explorar linguagens e tendências inovadoras, criando projetos que se podem implementar e divulgar de forma relativamente imediata. Assim, a análise deste universo, no contexto da arquitetura moderna portuguesa, revela-se particularmente estimulante para identificar soluções bem-sucedidas que poderão ser aplicadas em programas e escalas de maior complexidade.

Ao contrário das habitações coletivas, as moradias unifamiliares destinam-se a clientes específicos, com identidade própria e expectativas personalizadas. Nesse sentido, ao ensaiar novos códigos estilísticos ou explorar configurações espaciais diferenciadas, o arquiteto depende de um cliente que, se não particularmente instruído, esteja pelo menos disposto a aceitar propostas inovadoras.

A casa de veraneio, concebida para estadias temporárias, distingue-se da residência urbana permanente por requerer um programa menos complexo e por privilegiar a integração na Natureza e a valorização do "*genius loci*". Este tipo de construção visava redescobrir uma relação mais íntima com o espaço, contrária ao rigor funcionalista, buscando uma integração com o local que respeitasse o seu carácter natural e refletisse uma estética rústica e acolhedora. Este desejo de sistematizar e encontrar uma tipologia específica para a casa de veraneio foi formalizado pela revista *Arquitectura* que, em 1947, lançou um concurso destinado exclusivamente a jovens arquitetos recém-formados, incentivando-os a explorar este novo conceito habitacional.

Exemplo disto foi a Casa Ribeiro da Silva em Ofir, projetada por Fernando Távora, que surge como uma manifestação de um entendimento arquitetônico alternativo, caracterizado por uma sensibilidade aos valores vernaculares e regionais. Esta abordagem reflete uma atitude que, simultaneamente racionalista e crítica, procura reconciliar tradição e modernidade, enfatizando o valor das tradições locais e propondo uma renovação do vocabulário e das ideias arquitetônicas em prol de uma modernidade culturalmente enraizada.

O pinhal de Ofir, que desde 1945 se afirmava como uma nova zona turística do Norte, sujeita a um plano de urbanização desenvolvido por Alfredo Ângelo de Magalhães, torna-se a partir desse momento, um cenário privilegiado para a construção de diversas casas de veraneio projetadas por profissionais renomados do Norte, como Rogério Martins, João Andresen, Viana de Lima, Alcino Soutinho e o próprio Alfredo Ângelo de Magalhães.

05. Considerações finais



Fig. 128 | Estalagem do Rio (Fonte: Coleção particular de Fernando Vilar)

Na presente dissertação pretendeu-se ter um breve entendimento sobre o que é uma casa de veraneio, como evoluíram, e de como estas se relacionam com a habitação unifamiliar urbana, observando-se uma relativa simplificação do programa doméstico.

Esta investigação centra-se no pinhal de Ofir, onde a construção dá força e destaque à ideia de que a relação entre o construído e o natural estão em constante sintonia e união. Essa integração no sítio deve-se também à utilização dos materiais locais, trazendo para as obras a tradição, mas imposta através de um pensamento moderno, próprio do arquiteto-autor da década de 1950.

Na área destinada à habitação de repouso ou à vida social, as construções tendem a preservar a sua envolvente, fortalecendo o seu valor paisagístico. É neste ponto que o plano prevê a conservação de toda a natureza como as dunas ou flora, e a vegetação alta deve ser considerada como elemento integrante dos projetos, minimizando o derrube destas árvores aquando da implantação das casas.

Através da análise do plano urbanístico de Ofir e do seu desenvolvimento ao longo dos anos, entende-se uma evolução hoteleira e habitacional. Esta evolução é um reflexo das mudanças nas preferências e necessidades da sociedade, bem como das inovações arquitetónicas e urbanísticas. Os arquitetos da época interpretaram estas necessidades de maneira a criar soluções que respeitam e valorizam o ambiente natural, resultando numa área costeira cuidadosamente planeada e preservada.

Atualmente, este processo resulta numa zona que se distingue pela sua beleza natural e pela forma como foi projetada para equilibrar o desenvolvimento com a conservação ambiental. Este equilíbrio garante que a área continue a ser uma referência no litoral norte, representando um modelo de desenvolvimento sustentável e uma valorização do património natural.

As casas de veraneio são propostas em áreas que albergam uma percentagem reduzida da população e que se viram obrigadas a expandir em consequência de uma maior afluência de pessoas. Face às necessidades de conseguir responder às novas exigências, as novas estâncias tiveram de adquirir equipamentos ligados à cultura e ao lazer. Através dos planos urbanísticos, foi possível ampliar essas estâncias com o controlo necessário para não se perder as características principais do local. Portugal, tirando partido da sua extensão costeira,

desenvolveu pontualmente estas zonas urbanas de cariz de veraneio, que agora se mantêm, na sua maioria, como zonas de imensa procura dadas as suas características geográficas.

Após um estudo detalhado das casas de veraneio, é possível concluir que estas habitações são projetadas especificamente para estadias temporárias e diferem significativamente das vivendas de caráter urbano. Estas casas são concebidas com um programa mais simplificado, sendo o seu principal objetivo proporcionar uma experiência de curta duração, integrando-se de maneira harmoniosa com a natureza circundante. Ao contrário das residências urbanas que são habitações permanentes, com um programa diferente. A integração com a paisagem é fundamental, valorizando o entorno natural e criando um espaço onde os ocupantes possam relaxar e desfrutar do meio ambiente.

Analisando os diferentes projetos em cada década, nota-se uma evolução na arquitetura, que vai do mais tradicional com arcos e telha, ao mais contemporâneo com linhas retas e coberturas planas. Estas diferenças não colocam em causa a harmonia perfeita entre todas as casas neste local, onde a preocupação da integração na paisagem e a preservação da natureza estão presentes em todas elas, e fazem deste pinhal uma amostra de intervenções arquitetónicas de qualidade no que diz respeito às casas de veraneio dos núcleos balneares em Portugal.

A escolha deste tema surgiu através de um interesse pessoal da autora, por se relacionar desde sempre com este lugar, mas também da pertinência do mesmo como modelo de planeamento e preservação do território, enfatizando o modelo de casa de veraneio como objeto de estudo. É possível, nos dias de hoje, observar o adequado plano que foi feito para a zona, e como tem sido preservado, protegendo a natureza e valorizando as construções de época. Pareceu-nos importante explorar e dar a conhecer esse bom exemplo que perdura na contemporaneidade.

Espera-se que esta investigação possa servir de referência para futuros estudos na área da arquitetura e do urbanismo, demonstrando a importância de integrar o património natural no desenvolvimento das cidades e vilas de veraneio, num compromisso entre o passado, o presente e o futuro.

Referências Bibliográficas

Câmara Municipal de Esposende, (2005) Plano de Pormenor de Ofir, Pedrinhas e Cedovém. Esposende: Câmara Municipal de Esposende.

Canijo, J. (2023a). *Mal Viver* M. Films;

Canijo, J. (2023b). *Viver Mal* M. Films;

Cardim, J. (2021). *Casas de Férias* (1 ed.). Argumentum Edições.

Castro, C. (2011). *Viana de Lima* (Vol. 5). Quidnovi.

Coelho, P. (2011). *Fernando Távora* (Vol. 6). Quidnovi.

Costa, A. A., Oliveira, M. M., Tavares, A., Portas, N., Figueira, J., Bandeira, P., D'Orey, I., Mendes, M., & Capela, J. (2008). *Só Nós e Santa Tecla* (A. T. P. Bandeira, Ed. 1 ed.). Dafne Editora.

Cremascoli, R. (2013). *Alcino Soutinho* (Vol. 1). Verso da História.

Cruz, V. (2023). *Paisagens Construídas* (1 ed.).

Domingues, Á., Barata, F., Portas, N., Guerreiro, P., & Fernandez, S. *Esposende Ensaio Urbano de Vila a Cidade* (M. d. Esposende, Ed.).

Farias, H. (2018). *A Casa: Experimento e Matriz*. Caleidoscópio.

Filmes, M. (2023). In J. Canijo, *Hotel do Rio*.

Land, C., Sat, C., Fernandes, J. M., & Toussaint, M. (2005). *Telhados Contemporâneos na Arquitetura Portuguesa* (H. Valentine, Trans.; C. Sat, Ed.). Editorial Blau, Lda.

Magri, L., & Tavares, J. L. (2011). *Arménio Losa e Cassiano Barbosa* (Vol. 13). Quidnovi.

- Melo, C. P. d., & Silva, F. d. C. (1950). O Conjunto da Praia de Ofir. *Arquitectura*, 33-34.
- Menéres, A. (2018). *Arquiteturas do Concelho*. Município de Esposende.
- Milano, M., & Cremascoli, R. (2016a). *Adalberto Dias* (Vol. 1). Cardume Editores.
- Milano, M., & Cremascoli, R. (2016b). *Sergio Fernandez* (Vol. 5). Cardume Editores.
- Pereira, P. (2022). *Arquitetura Portuguesa - História Essencial*. Temas e Debates - Círculo de autores.
- Ramos, R. J. G. (2010). *A Casa*. FAUP - Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
- Reis, M. M., Mendonça, P., Freitas, C., Couto, G. P., & Sousa, J. M. (1986). *Páginas Brancas*. FAUP ARQUITETURA / ESBAP.
- Ribeiro, J. S., & Rodrigues, J. J. (1996). *Viana de Lima*. Fundação Calouste Gulbenkian
Árvore - Centro de Atividades Artísticas, C.R.L.
- RTP2. (2018). Três Casas Modernas no Minho (Season 8, Episode 16). *Visita Guiada*
- Tormenta Pinto, P. (2003). Fernando Távora - do problema da casa portuguesa, à casa de Férias de Ofir.
- Tostões, A. (1997). *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
- Toussaint, M. (1992). *Casa de Férias em Ofir* (M. Dornan, Trans.; L. Trigueiros, Ed. Vol. 3). Editorial Blau, Lda.
- Zumthor, P. (2009). *Pensar a Arquitectura*. Editorial Gustavo Gili.